



Universidade de Aveiro Departamento de Comunicação e Arte
2013

**ANDRÉ DA SILVA
RIBEIRO**

**O USO DE UMA SEBENTA COMO INSTRUMENTO
PEDAGÓGICO NO ENSINO DA TROMPETE**



**ANDRÉ DA SILVA
RIBEIRO**

**O USO DE UMA SEBENTA COMO INSTRUMENTO
PEDAGÓGICO NO ESTUDO DA TROMPETE**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Música, realizada sob a orientação científica do Doutor Professor Doutor Jorge Correia, Professor Associado do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho à minha namorada Catarina e aos meus pais.

o júri

Presidente

Professor Doutor Evgueni Zouldilkine
Professor auxiliar da Universidade de Aveiro

Vogais

Doutor José António Pereira Nunes Abreu
Professor auxiliar convidado da Universidade de Coimbra

Professor Doutor Jorge Manuel Salgado de Castro Correia
Professor associado da Universidade de Aveiro

Agradecimentos

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste projeto, o meu muito obrigado.

Aos meus pais, por me terem apoiado em todos os momentos. Em especial agradeço à Catarina, por todo o apoio prestado em todas as situações.

Agradeço o acolhimento da Universidade de Aveiro, particularmente ao Professor Doutor Jorge Correia, meu orientador, que me auxiliou e estimulou durante o desenvolvimento deste trabalho.

Aos alunos e encarregados de educação, pelo empenho e motivação que mostraram. A sua colaboração e dedicação foram preponderantes para a realização deste trabalho.

Por último, agradeço aos restantes familiares e amigos.

palavras-chave

sebenta, trompete, plano de estudo, som, flexibilidade, registo, técnica, articulação.

resumo

O presente trabalho propõe avaliar o impacto da implementação de uma sebenta como instrumento pedagógico no estudo da Trompete. Após uma análise da literatura e da observação no terreno, resultou a hipótese de utilização de uma sebenta, que acabou por ser aplicada numa experiência com os alunos, num período letivo.

Com a análise dos estudos implementados e discutidos, e através das respostas dadas no questionário dos professores de Trompete, criou-se o esboço da sebenta, a qual os alunos utilizaram ao longo de um período letivo. A sebenta foca as cinco áreas específicas da aprendizagem da Trompete: o som, a flexibilidade, o registo, a técnica e a articulação.

Com a implementação da sebenta, verificou-se uma melhor organização do estudo da Trompete, e consequentemente, uma melhoria dos seus resultados performativos, por parte dos alunos.

keywords

notebook, trumpet, study plan, sound, flexibility, register, technique, articulation.

abstract

This study proposes to evaluate the impact of implementing a notebook as a educational tool in the study of the Trumpet. After a review of literature and field observation, resulting the possibility of using a notebook, which turn out to be applied in an experiment with students in a semester.

With the analysis of the studies discussed and implemented, and through the answers given in the questionnaire teachers Trumpet, created the outline of notebook, used over a semester. The notebook focuses on five particular areas of learning Trumpet, like the sound, flexibility, register, technique and articulation.

With the implementation of notebook, there was a better organization of the Trumpet study, and consequently, an improvement in its performatives results, by students.

Índice

Introdução	1
Capítulo I – Enquadramento teórico	4
Capítulo II – Explicação do instrumento pedagógico (sebenta)	11
Capítulo III – Estudo empírico	16
3.1. Metodologia	16
3.2. Descrição da amostra	17
3.3. Procedimento	19
Capítulo IV – Análise e discussão dos resultados	22
4.1. Resultados da análise dos questionários aos professores	22
4.2. Resultados da análise do questionário 1 aos alunos	32
4.3. Resultados da análise dos questionários 2, 3, 4 e 5 aos alunos	38
4.4. Resultados da análise do questionário 6 aos alunos	50
4.5. Comparação individual das respostas dadas pelos alunos nos questionários 3 e 5	52
4.6. Análise e discussão dos resultados relativos à avaliação realizada por mim enquanto investigador	59
4.6.1. Classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas	59
4.6.2. Classificações referentes às atividades realizadas pelo grupo experimental (audições e provas de avaliação)	67
4.6.3. Classificações referentes às atividades realizadas pelo grupo de controlo (audições e provas de avaliação)	76
4.6.4. Comparação das classificações referentes às atividades realizadas pelo grupo experimental e pelo grupo de controlo (audições e provas de avaliação)	80
Capítulo 5 – Avaliação do instrumento pedagógico	86
Conclusão	89

Bibliografia	91
Anexos	95
Anexo I – Sebenta	96
Anexo II – Horário de estudo semanal	115
Anexo III – Relógio	116
Anexo IV – Questionário <i>Online</i> dos professores	117
Anexo V – Pedido de autorização aos pais e/ou encarregados de educação	120
Anexo VI – Questionário das reações - questionário 1 aos alunos	121
Anexo VII – Questionário 2 aos alunos	123
Anexo VIII – Questionário 3 aos alunos	124
Anexo IX – Questionário 4 aos alunos	125
Anexo X – Questionário 5 aos alunos	126
Anexo XI – Questionário das reações - questionário 6 aos alunos	127
Anexo XII – Exercícios trabalhados nas aulas, para o 1.º Grau	128
Anexo XIII – Exercícios trabalhados nas aulas, para o 2.º Grau	130

Índice das figuras

Fig.1 – Tabela com os códigos secretos, a letra de identificação, o grau e o regime de ensino dos alunos do grupo experimental.	18
Fig.2 – Tabela com a letra de identificação, o grau e o regime de ensino dos alunos do grupo de controlo.	18
Fig.3 – Critérios de avaliação para os exercícios realizados nas aulas.	20
Fig.4 – Critérios de avaliação das atividades (audições e provas de avaliação).	21
Fig.5 – Critérios de avaliação da autoavaliação dos alunos nos questionários.	21
Fig.6 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “prepara os seus alunos para uma rotina de estudo?”.	22
Fig.7 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “prepara os seus alunos para uma rotina de estudo?”.	23
Fig.8 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “como implementa essa rotina de estudo?”.	23
Fig.9 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “como implementa essa rotina de estudo?”.	24
Fig.10 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “nas aulas, para além do repertório, que áreas abrange? Responde desde a que abrange menos (1) à que abrange mais (5), numa escala de 1 a 5”.	24
Fig.11 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “nas aulas, para além do repertório, que áreas abrange? Responde desde a que abrange menos (1) à que abrange mais (5), numa escala de 1 a 5”.	25

- Fig. 12** – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “indique, entre os livros apresentados (podendo acrescentar outros), que áreas costuma trabalhar com os alunos”. 26
- Fig. 13** – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “indique, entre os livros apresentados (podendo acrescentar outros), que áreas costuma trabalhar com os alunos”. 27
- Fig.14** – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “na sua opinião, para cada um dos Graus de Ensino de Trompete, qual é o número de minutos/horas diário, que deve cada aluno estudar?”. 29
- Fig.15** – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “na sua opinião, para cada um dos Graus de Ensino de Trompete, qual é o número de minutos/horas semanal, que deve cada aluno estudar?”. 29
- Fig.16** – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “na sua opinião, os alunos cumprem com esses horários?”. 30
- Fig.17** – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “na sua opinião, um plano de acompanhamento de estudo, pode aumentar a percentagem de alunos mais motivados e organizados no estudo?”. 31
- Fig.18** – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “gostas de Trompete?”. 32
- Fig.19** – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “gostas de Trompete?”. 32
- Fig.20** – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “sentes motivação para o estudar?”. 33
- Fig.21** – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “sentes motivação para o estudar?”. 33
- Fig.22** – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Estudas em que situações?”. 34
- Fig.23** – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “Estudas em que situações?”. 34

Fig.24 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Sentes que podes evoluir na Trompete?”.

35

Fig.25 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “Sentes que podes evoluir na Trompete?”.

35

Fig.26 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Procuras estudar todos os dias?”.

35

Fig.27 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “Procuras estudar todos os dias?”.

36

Fig.28 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Indica, quais as atividades que mais fazes no dia-a-dia, desde a que fazes muito pouco (1), até à que fazes sempre (5), numa escala de 1 a 5”.

36

Fig.29 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “Indica, quais as atividades que mais fazes no dia-a-dia, desde a que fazes muito pouco (1), até à que fazes sempre (5), numa escala de 1 a 5”.

37

Fig.30 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “aceitas o desafio de provares a ti mesmo que podes melhorar na Trompete, estudando regularmente e de forma objetiva?”.

37

Fig.31 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “aceitas o desafio de provares a ti mesmo que podes melhorar na Trompete, estudando regularmente e de forma objetiva?”.

38

Fig.32 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “procuras cumprir com o plano de estudo semanal?”.

38

Fig.33 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “procuras cumprir com o plano de estudo semanal?”.

39

Fig.34 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “conseguiu cumprir com o plano de estudo semanal?”.

39

- Fig.35** – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “conseguiu cumprir com o plano de estudo semanal?”. 40
- Fig.36** – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “continuarás a procurar cumprir com o plano de estudo?”. 40
- Fig.37** – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “continuarás a procurar cumprir com o plano de estudo?”. 40
- Fig.38** – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “o plano de estudo semanal tem contribuído para o teu estudo?”. 41
- Fig.39** – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “o plano de estudo semanal tem contribuído para o teu estudo?”. 41
- Fig.40** – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “quais as áreas que sentes que evoluíste mais, numa escala de 1 a 5”. 42
- Fig.41** – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “quais as áreas que sentes que evoluíste mais, numa escala de 1 a 5”. 43
- Fig.42** – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “sentes mais confiança a tocar e percebes melhor os ensinamentos do professor?”. 43
- Fig.43** – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “sentes mais confiança a tocar e percebes melhor os ensinamentos do professor?”. 44
- Fig.44** – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “onde sentiste mais essa evolução?”. 44
- Fig.45** – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “onde sentiste mais essa evolução?”. 45
- Fig.46** – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “estando prestes a fazer uma atividade (audição/prova de avaliação), sentes-te melhor preparado para a realização da mesma?”. 45

Fig.47 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “estando prestes a fazer uma atividade (audição/prova de avaliação), sentes-te melhor preparado para a realização da mesma?”. 46

Fig.48 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “se respondeu sim, o plano de estudo semanal contribuiu para essa preparação? Se respondeu não à questão anterior, justifique a sua resposta”. 46

Fig.49 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “se respondeu sim, o plano de estudo semanal contribuiu para essa preparação? Se respondeu não à questão anterior, justifique a sua resposta”. 47

Fig.50 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “após oito semanas de implementação do plano de estudo semanal, avalia a tua evolução geral, numa escala de 1 a 5”. 47

Fig.51 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “após oito semanas de implementação do plano de estudo semanal, avalia a tua evolução geral, numa escala de 1 a 5”. 48

Fig.52 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “avalia o teu desempenho pelas cinco áreas, numa escala de 1 a 5”. 48

Fig.53 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “avalia o teu desempenho pelas cinco áreas, numa escala de 1 a 5”. 49

Fig.54 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “deve manter-se a implementação de um plano de estudo nos próximos anos letivos?”. 49

Fig.55 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “deve manter-se a implementação de um plano de estudo nos próximos anos letivos?”. 50

Fig.56 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Gostaste de utilizar a sebenta ao longo das aulas?”. 50

Fig.57 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “Gostaste de utilizar a sebenta ao longo das aulas?”. 51

Fig.58 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Gostarias de voltar a usar a sebenta no próximo ano letivo?”.	51
Fig.59 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Gostarias de voltar a usar a sebenta no próximo ano letivo?”.	52
Fig.60 – Gráfico da evolução do aluno A, entre o questionário 3 e o questionário 5.	53
Fig.61 – Gráfico da evolução do aluno B, entre o questionário 3 e o questionário 5.	54
Fig.62 – Gráfico da evolução do aluno C, entre o questionário 3 e o questionário 5.	55
Fig.63 – Gráfico da evolução do aluno D, entre o questionário 3 e o questionário 5.	56
Fig.64 – Gráfico da evolução do aluno E, entre o questionário 3 e o questionário 5.	57
Fig.65 – Tabela da média da evolução das respostas dadas pelos alunos nos questionários.	58
Fig.66 – Gráfico da média da evolução das respostas dadas pelos alunos nos questionários.	59
Fig.67 – Tabela das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno A.	60
Fig.68 – Gráfico das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno A.	61
Fig.69 – Tabela das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno B.	62
Fig.70 – Gráfico das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno B.	62
Fig.71 – Tabela das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno C.	63

Fig.72 – Gráfico das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno C.	64
Fig.73 – Tabela das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno D.	65
Fig.74 – Gráfico das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno D.	65
Fig.75 – Tabela das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno E.	66
Fig.76 – Gráfico das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno E.	67
Fig.77 – Tabela das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno A.	68
Fig.78 – Gráfico das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno A.	69
Fig.79 – Tabela das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno B.	70
Fig.80 – Gráfico das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno B.	70
Fig.81 – Tabela das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno C.	72
Fig.82 – Gráfico das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno C.	72
Fig.83 – Tabela das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno D.	73
Fig.84 – Gráfico das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno D.	74
Fig.85 – Tabela das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno E.	75
Fig.86 – Gráfico das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno E.	75
Fig.87 – Tabela das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno 1.	76

Fig.88 – Gráfico das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno 1.	77
Fig.89 – Tabela das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno 2.	78
Fig.90 – Gráfico das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno 2.	78
Fig.91 – Tabela das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno 2.	79
Fig.92 – Gráfico das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno 2.	80
Fig.93 – Tabela da comparação da evolução dos alunos 1 e D, nas audições.	81
Fig.94 – Tabela da comparação da evolução dos alunos 1 e D, nas provas de avaliação.	82
Fig.95 – Tabela da comparação da evolução dos alunos 2 e A, nas audições.	82
Fig.96 – Tabela da comparação da evolução dos alunos 2 e A, nas provas de avaliação.	83
Fig.97 – Tabela da comparação da evolução dos alunos 3 e B, nas audições.	84
Fig.98 – Tabela da comparação da evolução dos alunos 3 e B, nas provas de avaliação.	85
Fig.99 – Modelo Hierárquico de KirkPatrick (2005).	86

Introdução

O presente trabalho de investigação, surge no âmbito da Unidade Curricular Projeto Educativo, inserida no plano de estudos do Mestrado em Ensino de Música da Universidade de Aveiro, tendo como objetivo expandir a minha habilidade de investigação, análise e síntese; saber gerir a informação; desenvolver a autonomia na aprendizagem, criatividade e iniciativa; e, por último, assumir a necessidade de desenvolvimento profissional contínuo.

O tema do trabalho de investigação que proponho, é a utilização de uma sebenta como estratégia de estudo da Trompete, visto que, como defende Prieto (2005) e Estanqueiro (2008), na hora de organizar o estudo, muitos dos alunos têm dificuldades em fazê-lo, acabando por não saber por onde começar. Isto também se verifica no Ensino Artístico da Música, daí a pertinência dos alunos utilizarem a sebenta que proponho, pois ela organiza, ordena e estrutura o plano de estudo, assim como, permite aos alunos registarem no horário de estudo semanal, todas as atividades fixas ou obrigatórias (aulas e compromissos extraescolares), os períodos reservados ao estudo individual para o Ensino Regular, os períodos reservados ao estudo da Trompete, entre outras atividades que os alunos pretendam inserir no seu horário (por exemplo, atividades de lazer). É pertinente que este horário seja realista, para cumprir e não apenas para causar boa impressão.

Assim sendo, proponho como questão de investigação: “será que a implementação de uma sebenta irá auxiliar e facilitar no estudo da Trompete?”, para obter uma resposta fidedigna, irei recorrer a uma investigação experimental, utilizando um plano experimental puro com pré e pós teste e com grupo de controlo, permitindo este plano de investigação comparar os ganhos entre os dois grupos aleatórios, é um bom suporte de causalidade e é um plano excelente pois permite maximizar a validade interna e externa, permitindo verificar os efeitos da variável independente (variável que o investigador manipula, neste caso é a sebenta), sobre a variável dependente (característica que aparece ou muda quando o investigador aplica ou modifica a variável independente, ou seja, a variável que o investigador mede, neste caso, rendimento dos alunos) (Simões (1990), Miles & Huberman (1994), Vieira (1995e 2007), Almeida & Freire (2003), Vieira & Oliveira (2007) e, Sousa (2012)).

Este trabalho de investigação é constituído por cinco partes/capítulos, nomeadamente: o enquadramento teórico, a explicação do instrumento pedagógico (sebenta), o estudo empírico, a análise e discussão dos resultados e, por último, a avaliação do instrumento pedagógico.

Na primeira parte, a do enquadramento empírico, irei fazer um breve apanhado das várias perspetivas que, diversos autores apresentam acerca de como se deve estudar Trompete, quais as áreas que se devem de trabalhar, entre outras coisas. Como forma de contextualização irei recorrer a Gage (s/d), Clarke (1984), Sadie (1980), Freeby (2003), Hørven (2003), Pilafian (*in* Bowman, 2003), Collins (2005), Arban (2007), Sheehan (2007), Goff (2007), Lewis (2008), Cansler (2008), Craswell (2010), Madeja (2013), Cavreiro (*in* Copetti, Zanetti & Camargo (2011)), entre outros.

Relativamente à segunda parte, a da explicação do instrumento pedagógico (sebenta), irei explicar como surgiu a ideia da elaboração da sebenta, a que autores recorri para elaborar a mesma e, da forma como esta funciona. Assim sendo, recorrerei a autores como, Freeby (2003), Decker (2007), Craswell (2010), Madeja (2013).

Quanto à terceira parte, a do estudo empírico, irei explicar a metodologia, a descrição da amostra e o procedimento da investigação que propus, para tal, recorrerei a autores como Likert (s/d), Simões (1990), Miles & Huberman (1994), Vieira (1995 e 2007), Almeida & Freire (2003), Vieira & Oliveira (2007) e, Sousa (2012).

Passando à quarta parte, a da análise e discussão dos resultados, irei apresentar, os resultados da análise dos questionários aos professores; o resultado da análise do questionário 1 (avaliação das reações) aos alunos; os resultados da análise dos questionários 2, 3, 4 e 5 aos alunos; o resultado da análise do questionário 6 (avaliação das satisfações) aos alunos; a comparação individual das respostas dadas pelos alunos nos questionários 3 e 5; e, a análise e discussão dos resultados relativos à avaliação realizada por mim enquanto investigador (neste último, inclui-se as classificações referentes aos exercícios nas aulas, as classificações referentes às atividades realizadas pelo grupo experimental, as classificações referentes às atividades realizadas pelo grupo de controlo e, a comparação das classificações referentes às atividades realizadas pelo grupo experimental e pelo grupo de controlo).

Por último, a quinta parte, aborda a avaliação do instrumento pedagógico, nesta parte irei explicar como farei para avaliar o instrumento pedagógico, que será através dos quatro níveis de avaliação apresentados por KirkPatrick. Para tal, recorrerei a KirkPatrick (1959 e 2005).

Na minha ótica, este trabalho de investigação irá proporcionar-me uma base sólida de informação e o desenvolvimento de competências gerais e específicas, assim como, de uma estrutura pessoal fundamental no perfil de um profissional em Ensino de Trompete. Visto que, a realização deste trabalho fomenta o desenvolvimento de competências específicas, nomeadamente: a compreensão e concetualização dos fenómenos educativos; a observação, a análise e a investigação da realidade educativa; e, reforçar as oportunidades para a integração de saberes e aplicação de competências e conhecimentos. Do ponto de vista pessoal, contribui para a preparação de futuras experiências neste campo, visto que, nada deverá ser feito sem uma investigação prévia e sem preparação para a prática que é exigida nesta área.

Capítulo I – Enquadramento teórico

São vários os estudos que defendem que a execução musical exige uma prática intensiva. Bloom (1985 *in* Hallam, 1995) dentro das várias pesquisas que elaborou, dentro das diversas áreas, também, se dedicou à Música, onde insinuou que, são necessários 16 anos de prática para atingir a excelência. Estando assim, o nível do conhecimento diretamente relacionado com a quantidade de prática executada. Dentro do universo dos vários autores que, falam deste assunto, existe um consenso de que, o tempo gasto a executar é um elemento importante para o desenvolvimento de conhecimentos (Hallam, 1995).

Na ótica de Wicinski (1950 *in* Hallam, 1995) “os músicos não abordam a tarefa da mesma forma” (p.4). Seguindo a linha de pensamento de Miklaszewski (1989, *in* Hallam, 1995) o aluno adquire uma visão geral do trabalho, quando a técnica é compreendida, tornando-se a maneira como pratica essencial para a resolução dos seus problemas.

Já Sloboda (1985, *in* Hallam, 1995) diz-nos que, o

desempenho de um instrumento é o produto de uma interação entre um plano mental, que especifica o que o artista pretende, e um sistema de programação flexível, que aprendeu com a experiência de coordenar os padrões de atividade muscular necessária para atingir, o plano pretendido (p.4).

A prática física permite ao sistema motor desenvolver uma série de rotinas eficazes, auxiliando assim, a implementação técnica dos planos musicais. Assim sendo, a execução de escalas, tem uma base psicológica, visto que, assegura ao aluno que, sistematicamente seja exposto a diversos problemas programáticos. Com a implementação dos planos musicais, torna os alunos/executantes mais independentes. São vários os autores que, defendem que tocar seis ou sete horas diárias, não significam nada em termos de rendimento, se os músicos/alunos apenas se focarem na quantidade de exercícios que fazem, e não em executá-los com qualidade, independentemente da quantidade (Hallam, 1995).

Relativamente à regularidade com que, os músicos praticam, esta depende da capacidade

física dos mesmos e dos fatores motivacionais, daí a pertinência da existência, de algo concreto (por exemplo, uma agenda, tal como sugere Pereira, 2011), que leve a uma base sólida e que proporcione aos executantes, executar todos os dias, tornando-se, também um fator motivacional.

Quanto à motivação, na literatura educacional e psicológica, na maioria das vezes, é efetuada uma distinção entre a motivação intrínseca e a extrínseca. Segundo Hallam (1995),

a motivação intrínseca evidencia-se quando a tarefa empreendida é valorizada por si mesma, ou seja, o indivíduo está interessado na tarefa ou na atividade. No caso da prática, isto significa que ele está a realizar por prazer de exercitar a sua habilidade (...) A motivação extrínseca ocorre quando uma pessoa é motivada por causa do valor ou da importância que se atribui à recompensa da atividade, por exemplo, tocando bem e recebendo elogios (p.8).

Os diferentes músicos apresentam dissemelhanças na quantidade e regularidade das suas práticas, devendo-se isto, ao facto de alguns não gostarem de praticar, mas sabem que, é essencial fazê-lo, de forma a manterem os seus padrões físicos, tais como, resistência, flexibilidade e técnica. No entanto, “o domínio de uma tarefa pode, por si só gerar entusiasmo para a prática” (Hallam, 1995, p.9).

Na perspetiva de Kreisler (*in* Schwartz, 1983, p.304) a prática excessiva “debilita o cérebro, torna a imaginação menos aguda e enfraquece o estado de alerta”. Nesta ótica, Kennedy (*in* Pfaff, 1989, p.9), diz-nos que todos têm os seus pontos fortes e fracos, então criou os seus próprios exercícios, para lidar com os seus problemas (daí a pertinência da investigação que proponho, com a implementação de uma sebenta).

O conteúdo a abordar na prática, deve de ser adaptado às necessidades individuais dos alunos, tanto em termos de interpretação como, de técnica, para assim, se manterem motivados. No entanto, os professores devem de estar atentos de forma a que os alunos não fiquem muito ansiosos devido, às pressões de desempenho. Para alguns alunos, é essencial que, o reportório seja selecionado previamente (Hallam, 1995).

Assim sendo, os professores, necessitam de adaptar as suas estratégias de ensino às necessidades individuais dos alunos, tendo sempre, em consideração as diversidades físicas, musicais e, motivacionais (Hallam, 1995) (mais uma vez, vai ao encontro da investigação que proponho).

Atualmente existem três tipos de alunos, nomeadamente: os que têm motivação para a prática, os que precisam de praticar mas não gostam e, os que não sentem necessidade de praticar diariamente mas demonstram uma prática orientada das tarefas.

Segundo Freeby¹ (2003), os alunos devem ser encorajados pelos professores, a praticar o instrumento regularmente, de forma a aperfeiçoarem-se nos mesmos. Na maioria das vezes, os alunos não têm noção do que devem praticar numa sessão prática de estudo. Dada a natureza de um instrumento de metal, os alunos não têm necessidade de praticar constantemente a peça, devendo praticar antes, exercícios técnicos os quais, irão ao encontro, das dificuldades da peça.

Na ótica de Craveiro (*in* Copetti, Zanetti & Camargo, 2011, p.2) o objetivo principal da Música, não é formar músicos, mas sim “desenvolver nos alunos a criatividade, a sensibilidade e a integração”. Tocar não é apenas a criação de som, é uma evolução constante, para tal, é necessário definir objetivos, podendo estes ser a curto, a médio ou a longo prazo. Na ótica de Hørven (2003), “existem dois tipos de objetivos: objetivos a longo prazo e objetivos a curto prazo” (p.2), onde um objetivo a curto prazo poderá ter como finalidade melhorar uma determinada passagem de uma peça; e, um objetivo a longo prazo poderá ter como intuito tornar-se o melhor executante do mundo. Definir objetivos leva o aluno a um compromisso em querer atingi-los e, mesmo que não os consiga alcançar, sentirá que se esforçou para tal.

No entanto, a prática deve ser de boa execução, a quantidade não significa por si só, qualidade. Segundo Pilafian² (*in* Bowman, 2003, p.2), “quando se toca um instrumento de metal, o papel da respiração é crucial, contudo não recebe a atenção que merece”. Pilafian defende

¹ Diretor Artístico da Banda da U.S.D. #383, em Manhattan (KANSAS).

² Intérprete e pedagogo de Tuba.

ainda que, para se tornar num bom executante de qualquer instrumento de metal³ são necessários três elementos essenciais: uma embocadura resistente, um bom ouvido e uma boa respiração. Se o aluno praticar regularmente exercícios de respiração corretamente, terá uma maior probabilidade de possuir um bom som (quente e rico).

É necessário que tanto, os alunos como os músicos, sejam organizados e cumpridores. Lewis (2008) e Cansler (2008) vão ao encontro das ideias de Collins (2005), o qual defende que, é necessário praticar todos os dias, independentemente do tempo disponível, pois “dez minutos focados no instrumento é melhor que zero” (Collins, 2005, p.3). Contudo, nem sempre é fácil cumprir, daí a importância da utilização de um plano de estudo, o qual nos permite controlar o horário e o tempo que devemos e podemos estudar Trompete.

Sheehan (2007) quando começou a estudar Trompete, com o acompanhamento do pai, sabia que, para ser uma boa trompetista, teria de praticar todos os dias, para fortalecer os músculos. De forma a organizar-se e a controlar o seu estudo, atrás da porta da sala onde estudava, tinha uma tabela afixada onde anotava a quantidade de tempo que estudava. É importante definirmos aquilo que queremos estudar, de forma a realizar um trabalho consciente, e também definir, o tempo que devemos praticar, pois para aumentar a nossa resistência, o descanso deve fazer parte da nossa sessão de estudo. Os exercícios praticados podem ser repetidos ou diversificados, ou seja, devemos adaptá-los consoante a resposta da nossa embocadura e, o tempo que tivermos disponível para a sessão de estudo. Devemos estar extremamente concentrados no estudo, pois “numerosas repetições de uma ação” (Goff, 2007, p.3), criam hábitos os quais, o nosso corpo e mente “não faz a distinção entre bons e maus” (Goff, 2007, p.3).

Na ótica de Lewis (2008), grande parte dos alunos não aproveita o tempo disponível, focando-se em demasia no aumento da extensão do registo, em vez de praticar diferentes aspetos de uma peça. Isto poderá dever-se ao facto de se privilegiar muito mais a técnica do que as considerações musicais (Thompson, 1984 *in* Hallam, 2006, p.168). Cansler (2008) defende que, “ao trabalhar no que é mais importante, podemos praticar mais inteligentemente, mais eficientemente e ter mais tempo” (p.3) para outras tarefas. Para tal, o professor tem um papel muito importante logo nas primeiras aulas do instrumento, ou seja, nas fases

³ Trompa, Trompete, Trombone e Tuba.

iniciais da aprendizagem, pois os alunos necessitam que os professores lhes forneçam as bases para o desenvolvimento das suas aptidões (Hallam, 2006, p.169). Wood & *et al.* (1970 *in* Hallam, 2006, p.139), sugere seis etapas para o processo de ensino, sendo elas: o **recrutamento** (onde estimula o interesse do aluno e compromisso com a tarefa); a **redução dos graus de liberdade** (redução do nível de complexidade da tarefa para torna-la viável); o **manter o foco** (manter o aluno focado no objetivo); o **marcar os pontos críticos** (com destaque para os pormenores da tarefa); o **controlo da frustração** (redução da ansiedade no aluno); e a **demonstração** (através de modelos de ensino para solucionar a tarefa).

Mantendo estes padrões, o professor conseguirá que o aluno evolua e entenda a tarefa, ou seja, como esta deve ser cumprida, motivando-o com reforços, como por exemplo, elogios (Hendel, 1995 e Dunn, 1997 *in* Hallam, 2006, p.167), “devendo o professor ser honesto nas suas avaliações de desempenho, para ter um impacto significativo nos comportamentos do aluno” (Hallam, 2006, p.171).

Cansler (2008) refere ainda que o som é o aspeto mais importante, que se deve trabalhar na prática diária, sugerindo três áreas que, devemos praticar para melhorar o som, sendo elas:

- ☞ 1) Prática com o **bocal**;
- ☞ 2) Notas em ***bending***;
- ☞ 3) **Arrefecimento** (*warm-down*).

Na primeira área (**bocal**), Cansler (2008) descobriu que, os alunos com problemas de som, melhoram muito se praticarem, cinco a dez minutos por dia, exercícios com o bocal. Esses exercícios devem ser simples, não atingindo o registo agudo sendo feitos com o bocal e depois repetidos com a Trompete.

Na segunda área (***bending***), o mesmo autor sugere que, se pratiquem exercícios que recorram ao *bending*, ou seja, descer meio-tom, tocando essa nota com a mesma posição da nota superior (por exemplo, tocar Fá#, com a posição de Sol). O aluno deverá ter a certeza de que o ar flui e os cantos da boca estão firmes, pois assim o *bending* ajudará a centralizar os lábios e a vibração.

A terceira área (**arrefecimento**, ou *warm-down*) é tão importante como o aquecimento (*warm-up*), o aluno deve relaxar os músculos, para estes não estarem tensos quando voltar a tocar. Não é necessário muito tempo (cinco a dez minutos, no máximo), o arrefecimento servirá como uma massagem dos lábios, “não é o tempo que estamos com a Trompete que conta, mas o que e como praticamos”, é o que conclui Cansler (2008, p.3).

Para além do som, existem outras áreas que se devem de trabalhar nas sessões de estudo. Na ótica de Craswell (2010) e Madeja (2013), deve-se praticar diariamente, cinco áreas essenciais, para fortalecer a embocadura, nomeadamente:

- ☞ 1) **Som;**
- ☞ 2) **Flexibilidade;**
- ☞ 3) **Registo;**
- ☞ 4) **Técnica;**
- ☞ 5) **Articulação.**

Tal como Cansler (2008), para Craswell (2010), o **som** também é o aspeto mais importante a desenvolver num trompetista. Para isso, deve-se praticar exercícios simples, de forma que a mente possa estar apenas focada no som. Para isso, o autor sugere que, se trabalhe os livros de Schlossberg (1959), James Stamp (2005) e, Chichowicz (2013).

A **flexibilidade** “consiste na combinação de ar rápido e uma menor abertura da embocadura” (Gage, s/d, p.9). Com ela, é possível tocar de uma forma fluída e sem esforço, permitindo atingir de forma mais fácil, os intervalos entre registos. Existem vários livros com exercícios que abordam a flexibilidade, entre eles, estão os de Schlossberg (1959), de Charles Colin (1972) e de Bai Lin (1996).

Trabalhar o **registo** da Trompete deve ser encarado de forma sensata, para não danificar os músculos da embocadura, praticando o registo agudo alternado com o registo grave. O autor sugere que se pratiquem escalas, de forma ascendente e descendente, bem como, os livros de Getchell (1976) e de Claude Gordon (1968).

Quanto à **articulação**, na ótica de Sadie (1980, pp.643-645), é a forma como o executante separa as notas - *staccato* ou *legato*. Para que a articulação seja mais eficiente, deve-se ser

capaz de variar entre os diferentes tipos de articulações, para tal pode-se realizar os exercícios propostos nos livros de Edwin Goldman (1921) e de Arban (2007).

Por último, a **técnica**, deve ser trabalhada todos os dias, para que os dedos não fiquem “preguiçosos”. Conseguir praticar os exercícios técnicos do livro de Clarke (1984), em todas as tonalidades e articulações, irá garantir a técnica necessária para enfrentar todos os desafios de um trompetista (Craswell, 2010). Para além deste livro, existem outros como, por exemplo, o de Robert Nagel (1975), de Allen Vizzutti (1991) e de Arban (2007).

Com uma rotina de estudo responsável, os resultados finais serão animadores, para isso deve-se praticar mais com qualidade, do que com quantidade, abordando as cinco áreas essenciais (**som, flexibilidade, registo, técnica e articulação**) mencionados por Craswell (2010).

É importante realizar-se um trabalho conjunto entre o professor e os pais, de forma a proporcionar-se um ambiente saudável “para fazer nascer um aluno ‘expert’” (Gardner, 1993 *in* Pinto, 2004, p.35). “Os pais representam, sobretudo nas primeiras etapas de aprendizagem musical, um papel muito importante” (O’Neill & Sloboda, 1995 *in* Pinto, 2004, p.39).

Sendo eu, docente da disciplina de Trompete, ao longo da atividade, deparei-me com as dificuldades que, os alunos apresentavam na preparação do estudo para a aula seguinte, principalmente os alunos entre os 10 e os 12 anos de idade, mais concretamente os que não possuíam muitos conhecimentos musicais. De forma a ultrapassar esta dificuldade, senti a necessidade de adaptar algo que os pudesse ajudar. Após a leitura de vários artigos, principalmente de professores reconhecidos e destacados da área de Trompete, percebi que, existem formas que ajudam a tornar as aulas e as sessões de estudo em casa, mais dinâmicas. Com base em tudo o que li, a ideia principal que me surgiu foi a criação de uma sebenta, no qual o aluno pudesse controlar o seu estudo, de forma a organizar e rentabilizar o seu tempo. É neste âmbito que surge a presente pesquisa experimental, a qual possui a seguinte questão de investigação: “será que a implementação de uma sebenta irá auxiliar e facilitar no estudo da Trompete?”.

Posto isto, seguiremos para o capítulo seguinte, onde explicarei o desenvolvimento do meu instrumento pedagógico.

Capítulo II – Explicação do instrumento pedagógico (sebenta)

No presente capítulo irei fazer uma descrição detalhada acerca do desenvolvimento e implementação do instrumento pedagógico que concebi.

Inicialmente, surgiu a ideia da criação de um relógio, com o objetivo de os alunos possuírem um estímulo visual e um alerta para o seu estudo, onde estes controlariam o seu tempo de estudo semanal. Mas, um relógio por si só, não seria suficiente, para fazer cumprir com um plano de estudo sério e responsável, daí a necessidade de os alunos terem um suporte orientador do que deveriam trabalhar, pois quantidade não significa qualidade, como já referi anteriormente. Nesse sentido, com base numa rotina de trinta minutos diários, como sugere Freeby (2003), surgiu a sebenta que proponho no âmbito do meu projeto educativo.

O presente projeto de investigação foi realizado em duas escolas de música, uma no distrito do Porto e outra no distrito de Coimbra, no decorrer do 3.º Período, do ano letivo 2012/2013. Decidi realizar a pesquisa experimental apenas num período, de forma a não enviesar o ano inteiro, caso não alcançasse os resultados pretendidos.

Optei por não realizar um plano de estudo diário, idêntico ao da rotina proposta por Freeby (2003), pois com base na literatura, considero que, trinta minutos é tempo insuficiente para alguns alunos e, difícil de cumprir rigorosamente e diariamente por todos, devido às numerosas e diversificadas atividades escolares e extraescolares em que estes participam. Posto isto, passarei a explicar todo o processo de implementação do meu estudo experimental.

O plano de estudo semanal foi construído em forma de sebenta individual, devidamente organizada. Com base nos artigos de Craswell (2010) e Madeja (2013), dividi o plano de estudo semanal em cinco áreas fundamentais para a trompete, sendo elas: o som, a flexibilidade; o registo, a técnica e, a articulação.

Como foi mencionado no início deste capítulo, inicialmente pensei em dividir estas cinco áreas fundamentais, pelos trinta minutos diários sugeridos por Freeby (2003), inserindo-as num relógio, o qual seria afixado, no local de estudo do aluno. Mas, rapidamente percebi

(ainda antes de implementar o recurso) que, esse relógio por si só, não iria resultar. Iniciei então, uma leitura do estado de arte mais abrangente (*cf.* capítulo I) e verifiquei que existe uma grande preocupação em estimular os alunos para uma rotina de estudo, embora grande parte das vezes, esta preocupação surja quando os professores encontram alunos mais problemáticos. De entre os artigos que consultei, são em grande parte da autoria de professores de Trompete, e resultaram de uma fase experimental com os alunos dos referidos professores.

Sabendo que, cada aluno é um caso específico, procurei ter o cuidado de não criar uma sebenta fechada⁴, mas sim uma sebenta aberta e útil⁵, não só para alunos problemáticos, mas também uma sebenta organizacional, mesmo para os alunos com mais aptidão. Na sebenta, não sugiro nenhum livro específico, pois cabe a cada professor decidir a metodologia a aplicar, devendo explicar aos alunos os exercícios e as áreas que cada exercício trabalha, podendo assim, no futuro, os alunos criarem a sua própria rotina de estudo, sabendo quais os exercícios que devem praticar para melhorarem determinada área, que tenham maior dificuldade.

Para que, a sebenta não se torne em mais um livro entre tantos outros, decidi manter os estímulos visuais, os quais são fundamentais para o cumprimento do plano de estudo semanal. Para tal, existirá um horário de estudo semanal e um relógio.

No horário de estudo semanal (*cf.* anexo II), o aluno preencherá com as aulas, as atividades que tem e, com o tempo que sobrar, preencherá com as sessões de estudo que dedicará para estudar Trompete, com a consciência de que, geralmente cumprirá com as mesmas, visto que, o objetivo é cumprir com o tempo semanal sugerido. Caso o aluno não consiga cumprir com o tempo que pré-estabeleceu para determinada sessão de estudo, este deverá compensar o tempo em falta numa próxima sessão já definida ou, criando uma nova sessão. Ultrapassar o tempo de estudo semanal não será um problema, desde que o aluno cumpra com um dia (24 horas) de descanso (Decker, 2007, p.3).

⁴ **Sebenta fechada** – define o que cada aluno deve praticar devendo seguir os exercícios que lá estão independentemente das suas limitações. Não permite adaptar os exercícios às capacidades dos alunos.

⁵ **Sebenta aberta** – permite ao professor/aluno planificar os exercícios que devem ser executados, tendo em consideração as limitações e capacidades dos alunos.

O outro estímulo visual é um relógio (*cf.* anexo III), que estará afixado também, no local de estudo, juntamente com o horário de estudo semanal (*cf.* anexo II), onde o aluno deverá no final de cada sessão de estudo, ajustar com os ponteiros, o tempo de estudo que praticou. O relógio possui dois ponteiros, o das horas e o dos minutos. Com isto, o aluno perceberá se já atingiu o tempo de estudo semanal e o que ainda lhe falta praticar para o cumprimento do mesmo.

Quanto à *sebenta*, esta está dividida em três secções, nomeadamente: agenda, plano de estudo semanal e anexos (*cf.* anexo I).

A primeira secção, a **agenda** (*cf.* anexo I, p.5), está separada em cinco partes, sendo elas: o horário, o calendário, as avaliações e tarefas, os trabalhos de casa e, as notas. Tal como o próprio nome indica, esta secção funcionará como uma agenda.

- Quanto ao primeiro separador, o Horário (*cf.* anexo I, p.5), o aluno deverá preencher tendo em consideração todas as atividades em que participa semanalmente, ou seja, os horários da escola, as atividades desportivas, as sessões de estudo da Trompete, as sessões de estudo para a escola, as atividades de lazer, entre outras. As sessões de estudo da Trompete podem ter tempo variado, não necessitando de ser diárias, desde que, no total das sessões, perfaçam o tempo de estudo semanal estabelecido para cada grau (*cf.* anexo I, p.4). Este separador terá como principal função organizar o horário de estudo do aluno. Ao contrário do Horário de Estudo Semanal (*cf.* anexo II), que permanecerá afixado no local de estudo do aluno, este separador da agenda, acompanhará o aluno em todas as situações, de forma a evitar a marcação de outras atividades nas horas definidas para o estudo, ou de forma a adaptar melhor o tempo de estudo, adaptando-o com as outras atividades;
- No segundo separador, o Calendário (*cf.* anexo I, p.6), o aluno deverá assinalar os dias onde terão avaliações e tarefas importantes (da escola e da Trompete), para saber o tempo que falta para a avaliação, e assim, programar o seu estudo;
- O terceiro separador, as Avaliações e Tarefas (*cf.* anexo I, p.7), funcionará

como complemento do segundo, pois será onde o aluno irá anotar todas as atividades e avaliações que terá que realizar;

- No quarto separador, os Trabalhos de Casa (cf. anexo I, p.8), o aluno deverá assinalar o trabalho de casa que o professor de Trompete pede para a aula seguinte. Neste separador, anotará o dia em que teve a aula, qual a escala, o estudo e a peça a estudar, bem como os exercícios de técnica-base que deve praticar e, por último, o dia da aula que deve apresentar o trabalho desenvolvido. Este separador poderá ter o acompanhamento do professor, pois assim, terá um maior controlo acerca do trabalho realizado de aula para aula. Para o aluno, servirá para manter-se focado no trabalho que o professor pediu, não correndo o risco de se esquecer de estudar algum ponto importante para a aula seguinte;
- Por último, no quinto separador, o das Notas (cf. anexo I, p.12), o aluno deverá anotar tudo o que considere relevante para o seu estudo ou as dúvidas que tenha para esclarecer na aula ou na sessão de estudo seguintes. Para além de preencher com a dúvida que ocorra (tais como partes do estudo ou da peça que não consiga executar), deve preencher a data, o nome do exercício onde teve a dúvida (exercício, escala, estudo ou peça), e, quando esclarecida a dúvida, o aluno deverá assinalar com um “X”, ou outro símbolo que possa confirmar a resolução dessa mesma dúvida.

Na segunda secção, o **Plano de Estudo Semanal ou PES** (cf. anexo I, p. 14), o aluno deverá preenchê-lo e estudar de acordo com o tempo de estudo semanal estabelecido para o grau em que se encontra (cf. anexo I, p.4). Sempre que, o aluno inicie uma nova sessão de estudo, deve monitorizar o tempo que pratica para, no final dessa sessão, anotar o tempo que praticou para cada área, de forma a controlar e fazer cumprir com os tempos mínimos propostos. O PES está organizado para oito semanas, pois será o tempo de duração do estudo experimental que proponho. Cada PES está dividido em duas partes:

- Na primeira parte, tal como já foi supramencionado, os alunos terão de anotar o tempo que praticam em cada um dos dias, para cada uma das cinco áreas. As tabelas estão organizadas por números e não por dias da

semana, visto que, nem todos os alunos têm aula no mesmo dia, definindo-se, à partida que o “dia 1” será o dia em que o aluno tem a sua aula individual de Trompete, e o “dia 7” será o dia anterior à aula individual de Trompete seguinte;

- Na segunda parte, os alunos deverão anotar os livros e exercícios que praticaram (para cada uma das áreas), e os dias em que praticaram, visto que, poderão repeti-los. Nesta tabela, os alunos não necessitam de escrever o nome dos livros e exercícios por extenso, devendo por isso, recorrer ao anexo “Lista de Livros” (*cf.* anexo I, p. 30), para saber o “código” respetivo de cada livro e de cada exercício, que será definido por letras e números, respetivamente. Os dias serão assinalados de acordo com o número respetivo da tabela anterior.

Quanto à última secção, a terceira, dos **anexos** (*cf.* anexo I, p. 30), os alunos deverão preencher com a ajuda do professor, pois cabe a cada professor definir os livros que deve trabalhar e quais os exercícios que pretende praticar com os alunos. Na página 30 (*cf.* anexo I), encontramos a “Lista de Livros”, onde o professor e o aluno, devem escrever o nome de cada livro que irão trabalhar, definindo automaticamente uma letra para cada livro. Nas páginas seguintes, para cada livro, previamente definido (pelo professor e pelo aluno), existe uma tabela numerada, a qual deve ser preenchida com os exercícios, as páginas e as áreas que o exercício abrange. Esta numeração servirá para o aluno preencher a segunda tabela do PES (secção 2) (*cf.* anexo I, p.15).

Para além do PES, o aluno receberá um “**Horário de Estudo Semanal**” (*cf.* anexo II), anexo à sebenta, mas que seguirá juntamente com a mesma. Este deve ser preenchido da mesma forma que o “Horário” (*cf.* anexo I, p.5). A diferença entre os dois é que o “Horário” irá acompanhar a sebenta e o aluno, e o “Horário de Estudo Semanal” deverá ser afixado no local de estudo do aluno, onde permanecerá.

O outro anexo é o “**Relógio**” (*cf.* anexo III), o qual também seguirá com a sebenta e, tal como o “Horário de Estudo Semanal”, deverá ser afixado no local de estudo do aluno. Terá como função, auxiliar o aluno a controlar o tempo de estudo já dispensado e o que está em falta, para atingir o tempo de estudo semanal definido, como já foi explicado anteriormente.

Capítulo III – Estudo empírico

Neste capítulo, irei explicar a metodologia que utilizei, fazer uma descrição da amostra (grupo experimental e grupo de controlo) e, por último, quais foram os procedimentos tomados para a investigação que propus.

3.1. Metodologia

Em qualquer projeto de investigação, a metodologia é a parte mais complexa do trabalho (Vieira, 2007). Neste sentido, coube-me procurar a metodologia que melhor respondesse aos objetivos da minha investigação, tendo em consideração o meu objeto de estudo: se a implementação de um plano de estudo semanal, através de uma sebenta, irá auxiliar e facilitar no estudo da Trompete.

A ação do meu estudo desenvolve-se em contexto escolar, através de uma investigação exploratória, com um plano experimental puro com pré e pós teste e com grupo de controlo (Simões (1990), Miles & Huberman (1994), Vieira (1995 e 2007), Almeida & Freire (2003), Vieira & Oliveira (2007) e, Sousa (2012)).

De forma a viabilizar a sebenta que proponho, a qual pretende desenvolver rotinas de estudo (como já foi mencionado) resolvi fazer uma pequena investigação empírica com professores que lecionam a disciplina de Trompete, com o objetivo de conhecer a opinião dos mesmos, acerca da importância das rotinas de estudo e a ênfase que eles dão às mesmas.

Como instrumento de investigação optei por usar um questionário *Online*, o qual pode ser consultado no anexo IV. Ao todo enviei o endereço eletrónico do questionário para vinte professores de Trompete e obtive resposta de sete professores. Os gráficos dos resultados da análise dos questionários podem ser consultados da página 22 à página 31. A amostra poderia ter sido maior, mas houve fatores que não permitiram que tal acontecesse, devido à falta de

tempo no preenchimento do questionário (o tempo médio de preenchimento são 25 minutos), ou por esquecimento após a leitura do pedido de resposta ao inquérito.

Este questionário tornou-se vital e importante, para perceber as metodologias usadas pelos professores de Trompete, as áreas que destacam mais, os exercícios que utilizam para cada área, como estruturam o tempo da aula e, como devem ser organizadas as sessões de estudo dos alunos. A partir da análise deste questionário, pude fazer o cruzamento de dados entre as opiniões dos professores que, responderam ao questionário e os artigos dos professores de Trompete que consultei. Isso permitiu-me finalizar a sebenta, mais concretamente, na definição do tempo de estudo que deve ser realizado para cada um dos graus.

De forma a perceber a satisfação e a transferência das aprendizagens dos alunos com a utilização da sebenta e a importância que davam à mesma, foi dado a preencher aos alunos seis questionários (*cf.* anexos VI, VII, VIII, IX, X e XI).

Para o tratamento dos dados dos inquéritos/questionários, recorri ao programa SPSS 20.0. Optei pela análise descritiva, visto que, permite-me recolher, organizar, analisar e interpretar os dados, através da criação de instrumentos, como por exemplo, tabelas e gráficos. Também fiz análise de conteúdo para as questões de resposta aberta.

3.2. Descrição da amostra

A amostra que compunha o meu grupo experimental foi selecionada de forma aleatória, e era composta por cinco alunos (A, B, C, D e E) do segundo ciclo, com idades compreendidas entre os dez e os doze anos. É de salientar que, foi pedida a respetiva autorização aos encarregados de educação dos alunos supracitados, para a realização deste estudo experimental, sendo que, por questões de confidencialidade ficarão na minha posse. Um exemplar não preenchido poderá ser consultado no anexo V.

Aluno (Código-Secreto)	Letra de identificação do aluno	Grau	Regime de ensino
Homer Simpson	Aluno A	2.º Grau	Supletivo
Harlem Shake	Aluno B	1.º Grau	Articulado
Zeywarrior	Aluno C	2.º Grau	Integrado
Kool13	Aluno D	2.º Grau	Articulado
Warwick	Aluno E	1.º Grau	Articulado

Fig.1 – Tabela com os códigos secretos, a letra de identificação, o grau e o regime de ensino dos alunos do grupo experimental.

De forma a manter o anonimato dos alunos, a cada um deles, foi solicitado que, escolhessem um código-secreto, ficando estes apenas em meu conhecimento, de forma a preservar a identidade dos mesmos, sendo atribuída posteriormente uma letra aleatoriamente, como se pode ver na figura 1.

Quanto à amostra que compunha o grupo de controlo, tal como sucedeu com o grupo experimental, foi selecionada de forma aleatória, sendo esta composta por três alunos (1, 2 e 3) igualmente do segundo ciclo de escolaridade, com idades compreendidas entre os dez e os doze anos.

De forma a preservar a identidade dos alunos, mantendo assim a o anonimato e a confidencialidade, foi atribuído um número aleatoriamente a cada aluno (*cf.* fig.2).

Número de identificação do aluno	Grau	Regime de ensino
Aluno 1	2.º Grau	Articulado
Aluno 2	2.º Grau	Articulado
Aluno 3	1.º Grau	Integrado

Fig.2 – Tabela com a letra de identificação, o grau e o regime de ensino dos alunos do grupo de controlo.

3.3. Procedimento

Para a implementação do instrumento pedagógico que concebi, a sebenta, comecei por selecionar aleatoriamente cinco alunos de Trompete, de duas escolas de música distintas (uma pertencente ao distrito do Porto e outra do distrito de Coimbra, como já referi anteriormente), dois deles frequentam o 1.º Grau e três frequentam o 2.º Grau. Após selecionada a amostra pedi autorização por escrito aos pais e encarregados de educação dos alunos (*cf.* anexo V). Obtidas as autorizações, solicitei aos alunos que preenchessem um questionário (pré-teste) de forma a perceber como eram as suas rotinas de estudo e da sua motivação antes da implementação da sebenta (*cf.* anexo VI). De seguida foram entregues aos alunos as sebentas (*cf.* anexo I). De forma a que os alunos preenchessem a sebenta corretamente e percebessem o seu funcionamento, procedi à explicação, passo-a-passo, de como teriam de preencher a mesma, assim como, quais os livros e exercícios que deveriam estudar para cada área (*cf.* anexo I, p.30). Finalizada a explicação, auxiliei os alunos no preenchimento da sebenta.

Durante a implementação do instrumento pedagógico (sebenta), pontualmente, os alunos foram preenchendo questionários (*cf.* anexos VII, VIII, IX e X), de forma a perceber se o PES estava a contribuir para a organização do seu estudo, assim como, quais os fatores que não permitiam o cumprimento do mesmo de forma a poder-se colmatar essas lacunas.

Os questionários foram dados para preenchimento na primeira, terceira, quinta, sétima e oitava semana da pesquisa experimental. Optei por não solicitar aos alunos que preenchessem questionários em todas as semanas, de forma a poder avaliar os resultados antes e depois das atividades no qual os alunos participariam, tais como, provas de avaliação e audições.

Todas as aulas foram avaliadas por mim, através de exercícios específicos para cada área (*cf.* anexos XII e XIII), percebendo-se assim, a evolução dos alunos na prática desses exercícios. Os resultados podem ser consultados mais à frente (*cf.* pp.59-67).

Tendo como objetivo avaliar as cinco áreas em estudo, foi necessário conceber critérios de avaliação, os quais serviriam de base para avaliar os exercícios executados nas aulas, as atividades em que os alunos participavam (audições e provas de avaliação) e, por último, para a autoavaliação realizada pelos alunos questionários (*cf.* pp.20-21).

Sendo assim, desenvolvi critérios de avaliação (qualitativos e quantitativos), onde utilizei uma escala do tipo de Likert, com os seguintes qualificadores:

- 1 – Não Satisfaz;**
- 2 – Satisfaz Pouco;**
- 3 – Satisfaz;**
- 4 – Satisfaz Bem;**
- 5 – Satisfaz Plenamente.**

Os critérios de avaliação adotados para cada um destes cinco níveis de diferenciação são apresentados nas seguintes tabelas:

CrITÉrios de Avaliação	
1 – Não Satisfaz	✓ O aluno tem muitas dificuldades na realização do exercício.
2 – Satisfaz Pouco	✓ O aluno tem algumas dificuldades na realização do exercício.
3 – Satisfaz	✓ O aluno não tem dificuldades na realização do exercício executando-o razoavelmente.
4 – Satisfaz Bem	✓ O aluno realiza facilmente o exercício.
5 – Satisfaz Plenamente	✓ O aluno realiza com muita facilidade o exercício.

Fig.3 – Critérios de avaliação para os exercícios realizados nas aulas.

CrITÉrios de AvaliaÇão	
1 – Não Satisfaz	✓ O aluno tem muitas dificuldades na realização da atividade.
2 – Satisfaz Pouco	✓ O aluno tem algumas dificuldades na realização da atividade.
3 – Satisfaz	✓ O aluno não tem dificuldades na realização da atividade, executando-a razoavelmente.
4 – Satisfaz Bem	✓ O aluno realiza facilmente a atividade.
5 – Satisfaz Plenamente	✓ O aluno realiza com muita facilidade a atividade.

Fig.4 – CritÉrios de avaliaÇão das atividades (audições e provas de avaliaÇão).

CrITÉrios de AvaliaÇão	
1 – Não Satisfaz	✓ Não senti melhorias.
2 – Satisfaz Pouco	✓ Senti algumas melhorias.
3 – Satisfaz	✓ Senti melhorias.
4 – Satisfaz Bem	✓ Senti diversas melhorias.
5 – Satisfaz Plenamente	✓ Senti bastantes melhorias.

Fig.5 – CritÉrios de avaliaÇão da autoavaliaÇão dos alunos nos questionÁrios.

Capítulo IV – Análise e discussão dos resultados

Este quarto capítulo está dividido em cinco subcapítulos, sendo eles: a análise dos questionários aos professores (questionário *Online*, *cf.* anexo IV); a análise dos questionários de avaliação das reações aos alunos (*cf.* anexos VI e XI); a análise dos questionários de avaliação das transferências aos alunos (*cf.* anexos VII, VIII, IX e X); a comparação individual das respostas dadas pelos alunos nos questionários 3 e 5 (*cf.* anexos VIII e X); e, por último, a análise e discussão dos resultados realizada por mim enquanto investigador (onde se inclui: as classificações referentes aos exercícios nas aulas, as classificações referentes às atividades realizadas pelos grupos experimental e de controlo e, a comparação das classificações referentes às atividades realizadas por ambos os grupos (experimental e de controlo)).

4.1. Resultados da análise dos questionários aos professores

Como já foi referido anteriormente, no âmbito do meu estudo experimental, foi passado um questionário, a vinte professores que lecionam a disciplina de Trompete (*cf.* anexo IV). Com base na análise ao questionário respondido pelos professores, tirei as seguintes conclusões:

- Relativamente à primeira questão, “**prepara os seus alunos para uma rotina de estudo?**”, 100% dos inquiridos responderam positivamente, demonstrando com isso que, existe uma preocupação em orientar os alunos para a prática do estudo (*cf.* fig.6 e 7);

		N
Prepara os seus alunos para uma rotina de estudo?	Sim	7
	Não	0
	Não respondeu	0

Fig.6 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “prepara os seus alunos para uma rotina de estudo?”.

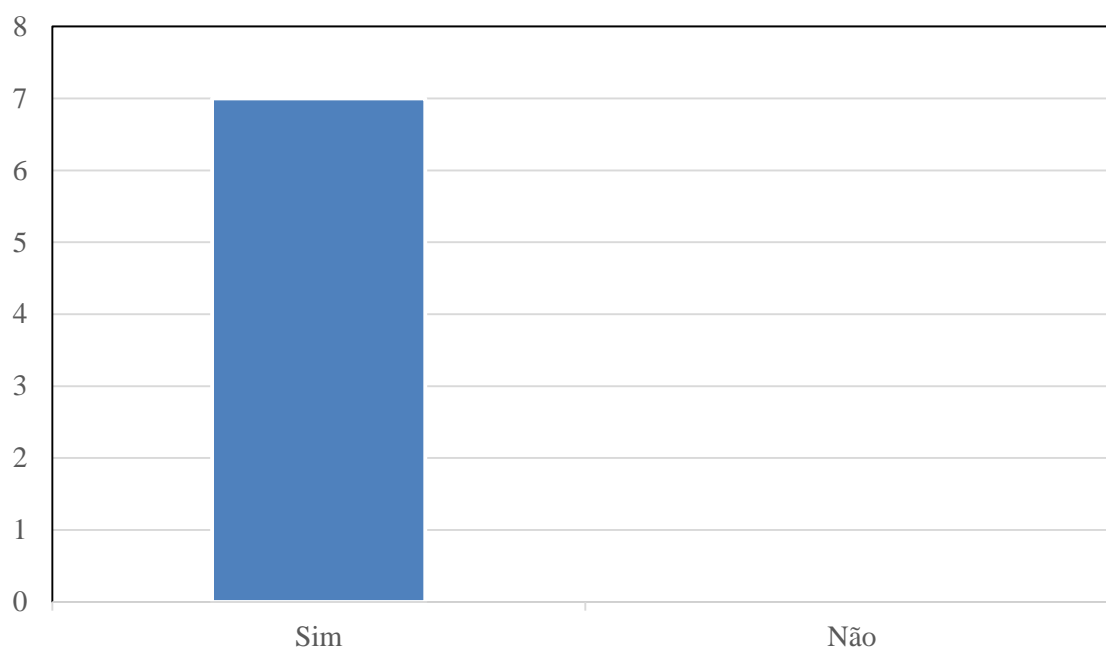


Fig.7 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “prepara os seus alunos para uma rotina de estudo?”.

- Quanto à segunda questão, “**como implementa essa rotina de estudo?**”, os inquiridos podiam selecionar mais do que uma opção das apresentadas, o que posso analisar daqui, é que todos implementam “apresentado e trabalhando exercícios específicos”, quatro também selecionaram a opção “alertando para a importância da mesma”, três escolheram “incentivando/motivando nas aulas” e, um na opção aberta, escreveu através do trabalho proposto (cf. fig.8 e 9).

		N
Como implementa essa rotina de estudo?	Alertando para a importância da mesma;	4
	Apresentando e trabalhando exercícios específicos;	7
	Incentivando/motivando nas aulas.	3

Fig.8 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “como implementa essa ro-

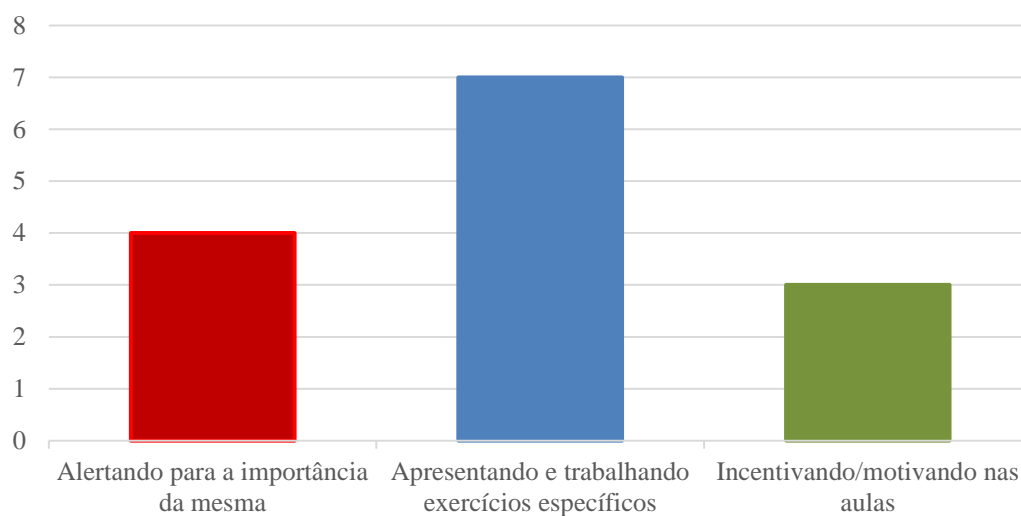


Fig.9 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “como implementa essa rotina de estudo?”.

- Para a terceira questão, “**nas aulas, para além do repertório, que áreas abrangem?**”, tendo como base as respostas dadas no questionário conclui-se que, a área que mais abrangem é o **som**, com uma classificação média de 4.57 (em cinco); seguindo-se a **articulação**, com 3.43 (em cinco); logo depois, a **flexibilidade**, com 2.86 (em cinco); de seguida a **técnica**, com 2.43 (em cinco); e por último, o **registo**, com 1.71 (em cinco) (cf. fig.10 e 11).

	1	2	3	4	5	Média
Som	0	0	1	1	5	4.57
Flexibilidade	3	0	1	1	2	2.86
Registo	3	3	1	0	0	1.71
Técnica (dedos)	1	3	2	1	0	2.43
Articulação	0	1	2	4	0	3.43

Fig.10 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “nas aulas, para além do repertório, que áreas abrangem? Responde desde a que abrange menos (1) à que abrange mais (5), numa escala de 1 a 5”.

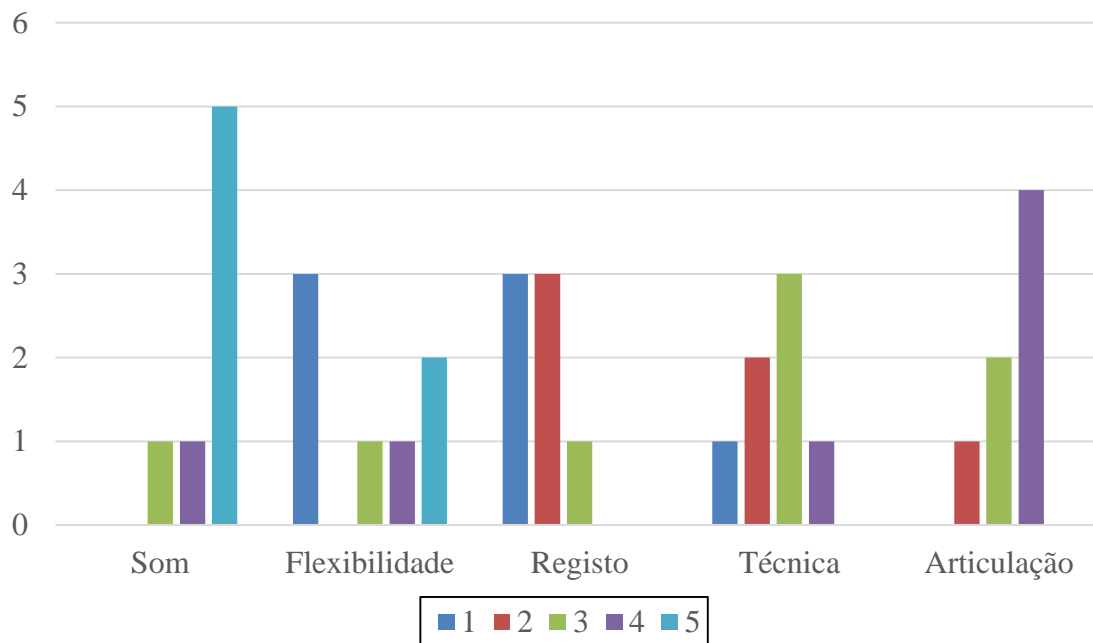


Fig.11 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “nas aulas, para além do repertório, que áreas abrange? Responde desde a que abrange menos (1) à que abrange mais (5), numa escala de 1 a 5”.

- Passando agora, à quarta questão, “**indique, entre os livros apresentados (podendo acrescentar outros), que áreas costuma trabalhar com os alunos**”, para trabalhar o **som**, o livro com mais percentagem de votos foi o “*Stamp: Warm-Ups and Studies*” (38.89%); quanto à **flexibilidade**, os livros com as percentagens mais altas foram o de “*Bai Lin: Lip Flexibilities*” (30%) e o de “*Collins: Advanced Lip Flexibilities*” (30%); relativamente ao **registo**, o livro mais selecionado foi o de “*Vizzutti: Trumpet Method*” (33.33%); passando à **técnica**, o livro com mais votos foi o de “*Clarke: Technical Studies*” (40%); por último, a **articulação**, o livro com a percentagem mais alta foi o “*Arban: Complete Conservatory Method*” (40%) (cf. fig.12 e 13).

	Som	Flexibili- dade	Registo	Técnica	Articula- ção
Arban: Com- plete Conserva- tory Method	4 (22.22%)	1 (5%)	4 (26.67%)	2 (13.33%)	6 (40%)
Bai Lin: Lip Flexibilities	3 (16.67%)	6 (30%)	1 (6.67%)	0 (0%)	0 (0%)
Clarke: Tech- nical Studies	1 (5.56%)	0 (0%)	1 (6.67%)	6 (40%)	4 (26.67%)
Collins: Ad- vanced Lip Flex- ibilities	1 (5.56%)	6 (30%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (6.67%)
Stamp: Warm- Ups and Studies	7 (38.89%)	4 (20%)	4 (26.67%)	2 (13.33%)	1 (6.67%)
Vizzutti: Trum- pet Method	2 (11.11%)	3 (15%)	5 (33.33%)	5 (33.33%)	3 (20%)
Total de Respos- tas (Percentagem)	18 (100%)	20 (100%)	15 (100%)	15 (100%)	15 (100%)

Fig.12 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “indique, entre os livros apresentados (po-
dendo acrescentar outros), que áreas costuma trabalhar com os alunos”.

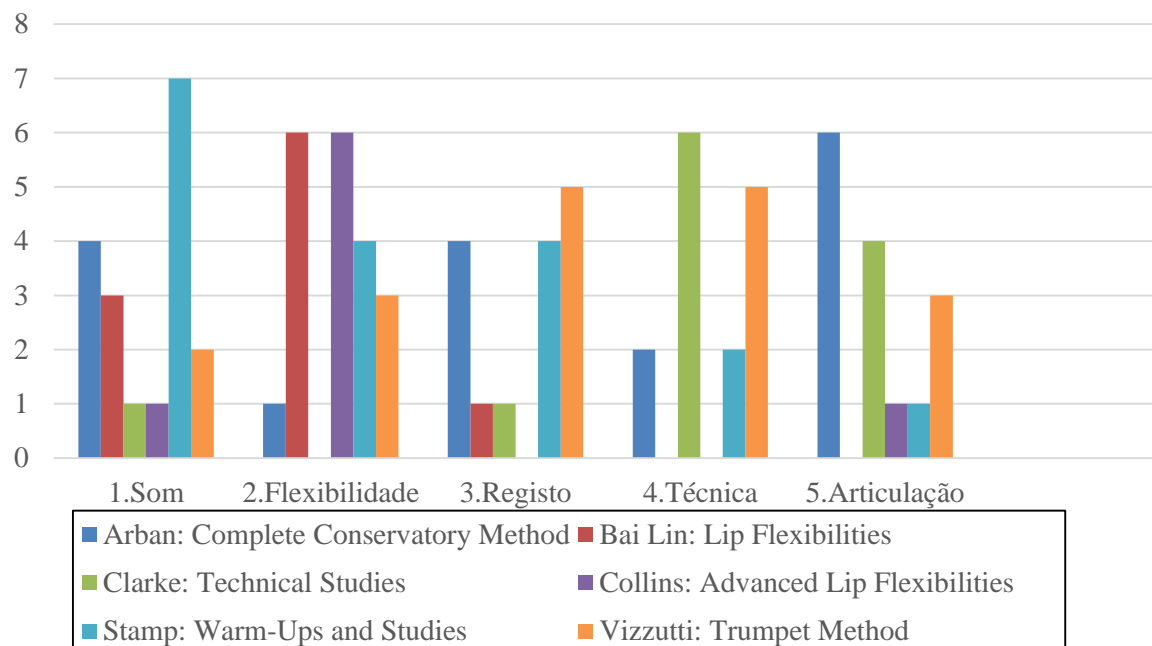


Fig.13 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “indique, entre os livros apresentados (podendo acrescentar outros), que áreas costuma trabalhar com os alunos”.

- À questão cinco, “**de acordo com os livros que seleccionou, indique pelo menos cinco dos exercícios que costuma abordar para cada uma das áreas**”, os inquiridos, não indicaram as áreas que trabalham em cada exercício, apenas salientaram que, trabalhavam os exercícios dos seguintes livros:

- Para o livro “*Arban: Complete Conservatory Method*”, foram indicados os “Primeiros Estudos”, e os estudos de “Stacatto Duplo e Triplo”;
- Relativamente ao livro “*Bai Lin: Lip Flexibilities*”, foram indicados todos os exercícios, sendo que, alguns inquiridos destacaram os primeiros estudos;
- Passando ao livro “*Clarke: Technical Studies*”, foram indicados os estudos do um ao quatro;

- Para o livro “*Stamp: Warm-Up and Studies*”, foram escolhidos todos os estudos, havendo, tal como sucedeu anteriormente, inquiridos que, destacaram os primeiros estudos.
- Foram ainda sugeridos os primeiros estudos do livro de “*Michael Saches: Daily Routine*”; e, os primeiros quatro estudos do “*Bordogni*”; e os primeiros oito estudos do “*Caruso*”.

- Para a análise da questão seis, “**na sua opinião, para cada um dos Graus de Ensino de Trompete, qual é o número de horas diário e semanal, que deve cada aluno estudar?**”, decidi utilizar a mediana, visto que esta é o valor central das observações depois de ordenada a amostra, sendo esta mais resistente do que a média, daí a pertinência de a usar nesta situação. Para o primeiro grau, segundo os inquiridos o tempo mínimo de estudo diário deve ser de 20 minutos, e o tempo mínimo de estudo semanal deverá ser de 2 horas e 30 minutos. Quanto ao segundo grau, o tempo mínimo de estudo diário, na ótica dos inquiridos será de 30 minutos, e o tempo mínimo de estudo semanal será de 3 horas. Relativamente ao terceiro grau, pode-se analisar que, o tempo mínimo de estudo diário deve ser de 45 minutos, e o tempo mínimo de estudo semanal deverá ser de 4 horas. Passando ao quarto grau, pode-se concluir que, o tempo mínimo de estudo diário será de 60 minutos, e o tempo mínimo de estudo semanal deverá ser de 5 horas. Por último para o quinto grau, o tempo mínimo de estudo diário segundo os inquiridos, será de 90 minutos, e o tempo mínimo de estudo semanal será de 6 horas *cf.* fig.14 e 15).

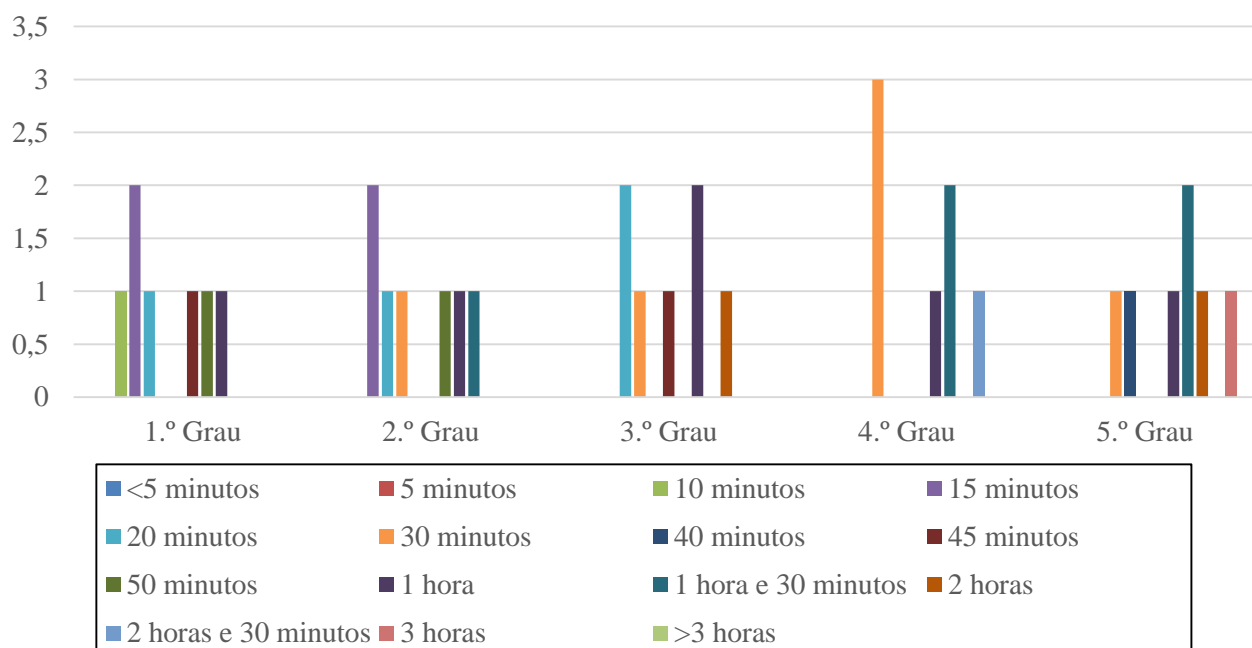


Fig.14 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “na sua opinião, para cada um dos Graus de Ensino de Trompete, qual é o número de minutos/horas diário, que deve cada aluno estudar?”.

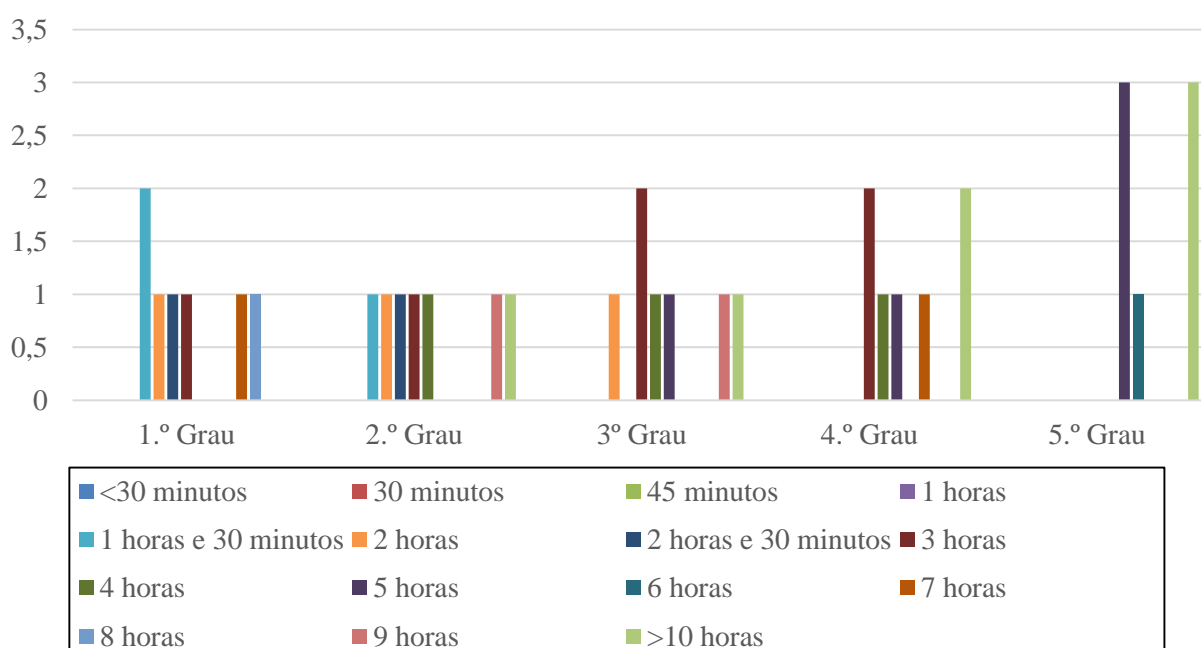


Fig.15 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “na sua opinião, para cada um dos Graus de Ensino de Trompete, qual é o número de minutos/horas semanal, que deve cada aluno estudar?”.

- Passando à sétima questão, “**na sua opinião, os alunos cumprem com esses horários?**” para o primeiro grau, os inquiridos, na maioria responderam que eram “poucos” os alunos que cumpriam (42,86%). Quanto ao segundo grau, 42,86% dos inquiridos responderam “alguns” alunos. Passando ao terceiro grau, grande parte dos inquiridos (57,14%) responderam que, “alguns” alunos cumpriam com os horários, tal como sucedeu com o segundo grau. Relativamente ao quarto grau, 57,14% dos inquiridos, responderam que, a “maioria” dos alunos cumprem com os horários. Por último, relativamente ao quinto grau, 71,43% dos inquiridos, dizem que, a “maioria” dos alunos cumprem com os horários. Nesta questão, foi ainda pedida a opinião dos professores, relativamente às maiores dificuldades que, os alunos têm para cumprir com o número de horas de estudo, posso concluir que, estas advém da falta de tempo para o estudo do instrumento, devido às inúmeras atividades extracurriculares onde os alunos estão inseridos, fazendo com que cheguem demasiado tarde a casa; uma outra causa é o facto de não haver um impulso motivador por parte dos pais, disponibilidade e condições de estudo em casa, e os alunos não estarem preparados para o estudo individual, uma vez que nas restantes disciplinas do ensino regular, isso não é exigido (cf. fig.16).

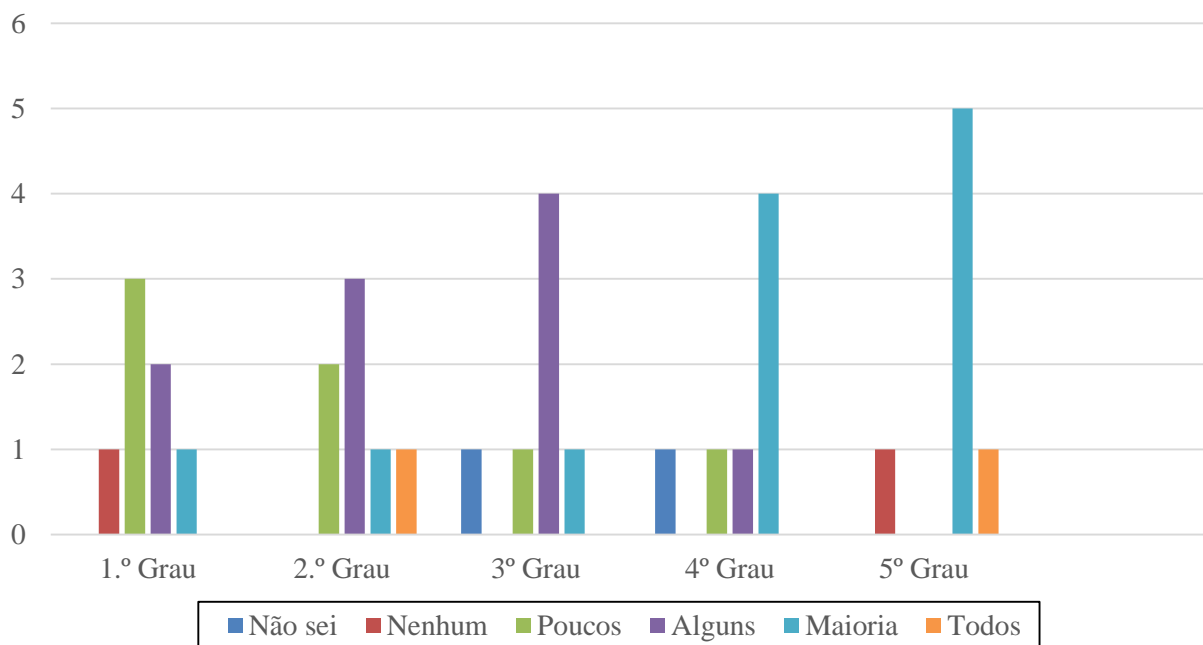


Fig.16 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “na sua opinião, os alunos cumprem com esses horários?”.

- Por último, a oitava questão **“na sua opinião, um plano de acompanhamento de estudo pode aumentar a percentagem de alunos mais motivados e organizados no estudo?”**, 71,43% dos inquiridos responderam que sim e, 28,57% responderam que não. As justificações apresentadas por quem respondeu positivamente foram: “pelo menos, nesses acompanhamentos, sabemos que o aluno está a estudar”; “só assim ele consegue perceber a importância do estudo organizado”; “ajuda a ter os alunos no ‘caminho’ certo, evitando altos e baixos de rendimento muito acentuados”; “trata-se da elaboração de um plano a curto/médio/longo prazo onde os alunos, motivados ao seu cumprimento tendo em vista o sucesso, se veem na necessidade de trabalhar organizadamente, de modo a atingir as metas planificadas”; e, “fará com que os alunos procurem a prática do estudo e se motivem”. Quem justificou negativamente salientou que, “um plano de estudo na maioria das vezes serve em primeiro lugar como referência material e prova dos hábitos de estudo dos alunos, professores e encarregados de educação e só depois como efeito motivacional dos alunos. (...) os encarregados de educação devem ser incluídos como parte destes planos de forma responsável, visto não poucas vezes, os encarregados de educação mentirem explicitamente acerca do cumprimento destes planos por parte dos seus educandos” e que “um aluno tem de ser autónomo e para isso tem de ganhar a capacidade de estudar sozinho em casa”, continuando dizendo que é “contra o estudo acompanhado (só apenas em casos muito especiais)” (cf. fig.17).

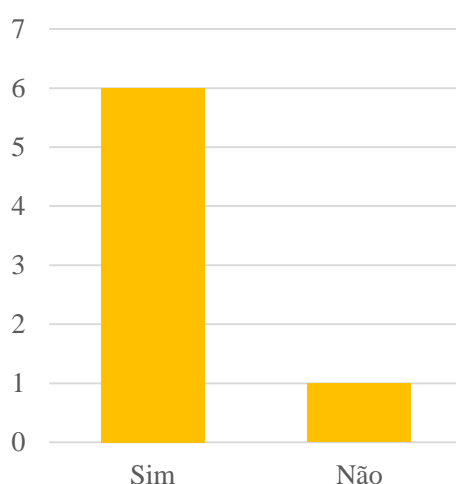


Fig.17 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “na sua opinião, um plano de acompanhamento de estudo, pode aumentar a percentagem de alunos mais motivados e organizados no estudo?”.

4.2. Resultados da análise do questionário 1 aos alunos

Com o primeiro questionário (*cf.* anexo VI) passado à minha amostra, do grupo experimental, pretendia, fazer uma avaliação das reações (1.º nível de KirkPatrick) dos mesmos, para assim, perceber as suas expetativas face à Trompete. Passarei agora à análise dos resultados do mesmo.

À primeira pergunta colocada – “Gostas de Trompete?”, 100% dos inquiridos responderam que, sim (*cf.* fig.18 e 19).

		N
Gostas de Trompete?	Sim	5
	Não	0

Fig.18 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Gostas de Trompete?”.

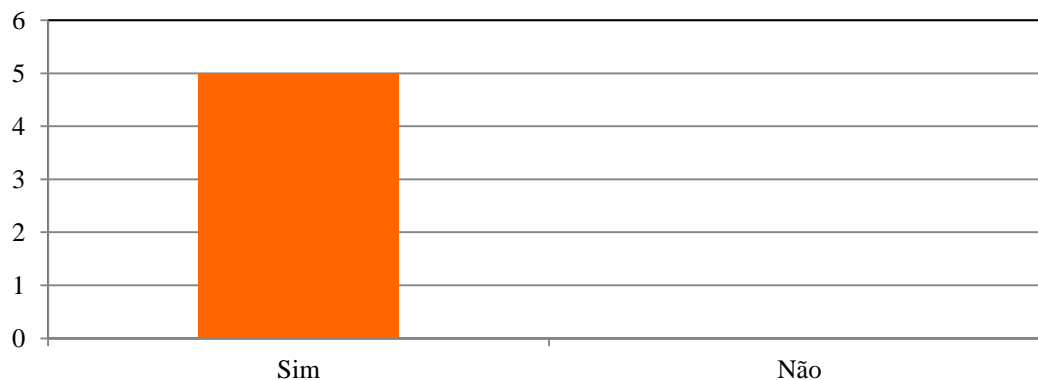


Fig.19 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “Gostas de Trompete?”.

Tal como sucedeu na questão anterior, 100% dos inquiridos responderam afirmativamente à segunda questão do questionário – “sentes motivação para o estudar?” (*cf.* fig. 20 e 21).

		N
Sentes motivação para o estudar?	Sim	5
	Não	0

Fig.20 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Sentes motivação para o estudar?”.

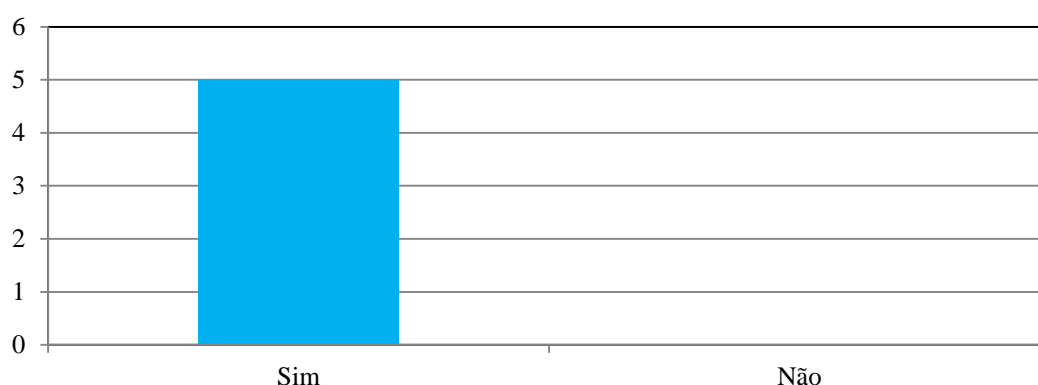


Fig.21 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “Sentes motivação para o estudar?”.

Passando à análise da terceira questão – “estudas em que situações?”, onde os inquiridos tinham cinco opções de resposta (estudo todos os dias; estudo quando me lembro; estudo porque sou obrigado; estudo porque quero evoluir todos os dias; e, outra situação) e, poderiam selecionar mais do que uma opção, verifiquei que, 25% dos inquiridos responderam “estudo quando me lembro”, 37,5% responderam “estudo porque quero evoluir todos os dias” e “outra situação”. Os 37,5% dos inquiridos que responderam “outra situação” alegaram que: estudam quando podem; estudam quatro vezes por semana; e, um outro que, estuda quando tem tempo (*cf.* fig.22 e 23).

	N
Estudo todos os dias;	0
Estudo quando me lembro;	2
Estudo porque sou obrigado;	0
Estudo porque quero evoluir todos os dias;	3
Outra situação.	3

Fig.22 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Estudas em que situações?”.

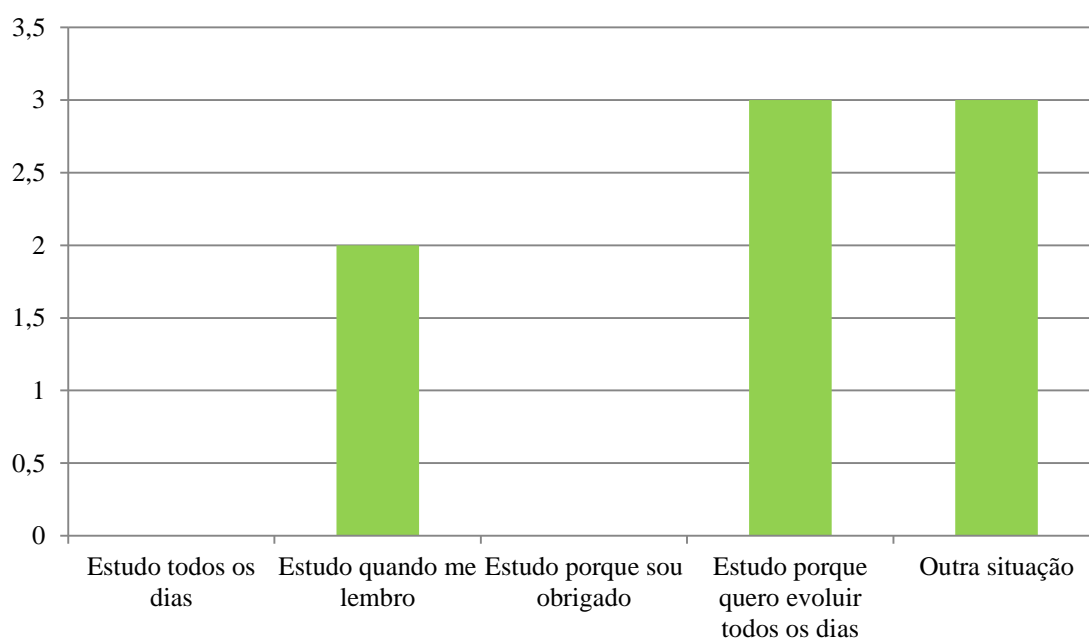


Fig.23 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “Estudas em que situações?”.

Relativamente à questão quatro – “sentes que podes evoluir na Trompete?”, 80% dos inquiridos responderam que sim, os restantes 20% não responderam à questão (*cf.* fig.24 e 25).

		N
Sentes que podes evoluir na Trompete?	Sim	4
	Não	0
	Não respondeu	1

Fig.24 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Sentes que podes evoluir na Trompete?”.

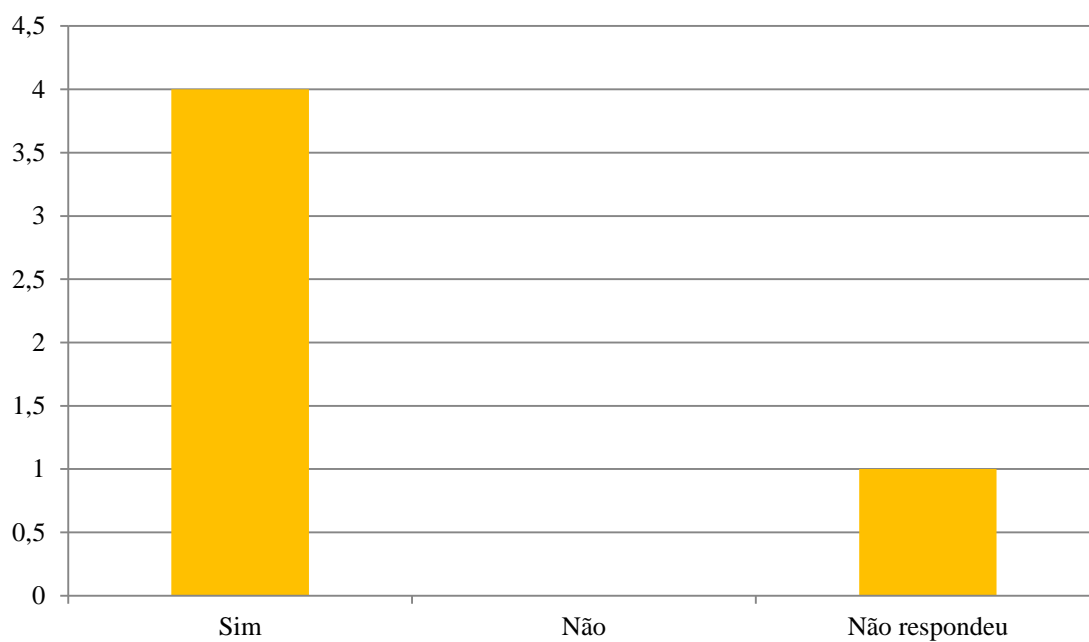


Fig.25 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “Sentes que podes evoluir na Trompete?”.

Quanto à quinta questão, “procuras estudar todos os dias?”, todos os inquiridos responderam afirmativamente (*cf.* fig.26 e 27).

		N
Procuras estudar todos os dias?	Sim	5
	Não	0

Fig.26 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Procuras estudar todos os dias?”.

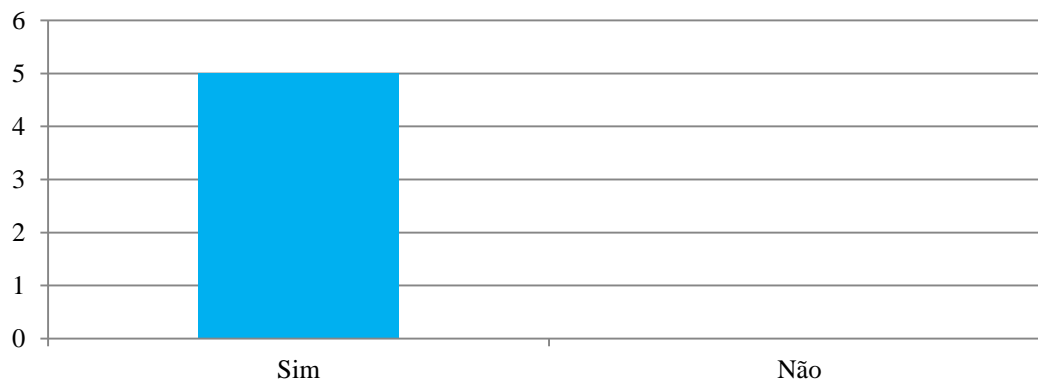


Fig.27 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Procuras estudar todos os dias?”.

A sexta questão, pedia aos inquiridos para indicarem as atividades que faziam mais no seu dia-a-dia, numa escala de 1 a 5. Com a análise das respostas dos inquiridos concluiu-se que, a atividade que dedicam mais tempo é a escola, seguindo-se o dormir, logo após o jogar (computador, futebol, entre outras) e, por último, com as mesmas classificações, o estudar para a escola e estudar a Trompete (*cf.* fig.28 e 29).

	Faço muito pouco (1)	Faço pouco (2)	Faço com regularidade (3)	Faço várias vezes (4)	Faço sempre (5)	Média
Dormir	1	0	1	2	1	3.4
Escola	0	0	2	1	2	4
Estudar para a Escola	1	2	2	0	0	2.2
Estudar a Trompete	0	1	2	2	0	2.2
Jogar (computador, futebol, ...)	0	1	3	0	1	3.2
Outra atividade	NR ⁶	NR ⁶	NR ⁶	NR ⁶	NR ⁶	NR ⁶

Fig.28 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Indica, quais as atividades que mais fazes no dia-a-dia, desde a que fazes muito pouco (1), até à que fazes sempre (5), numa escala de 1 a 5”.

⁶ Não respondeu

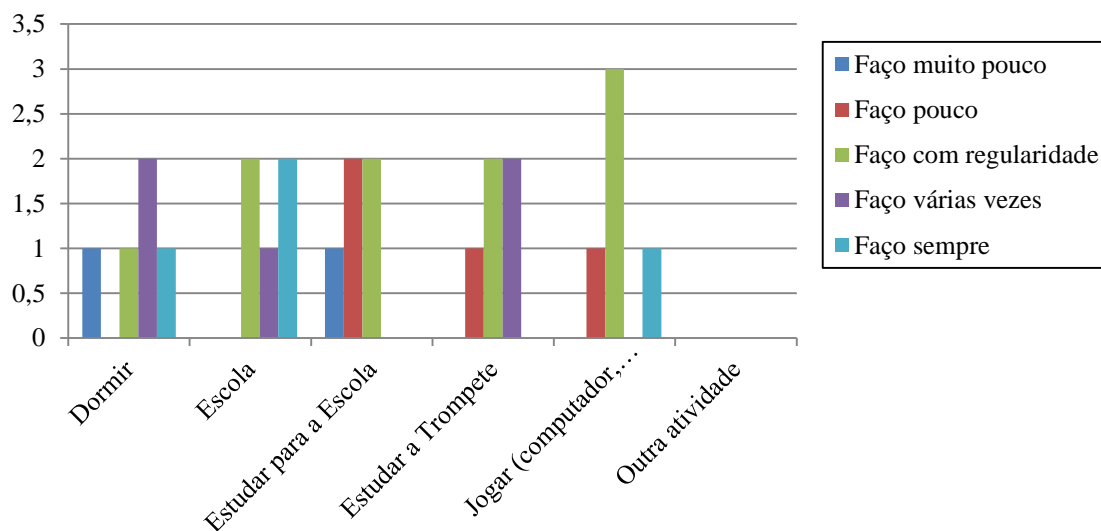


Fig.29 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “Indica, quais as atividades que mais fazes no dia-a-dia, desde a que fazes muito pouco (1), até à que fazes sempre (5), numa escala de 1 a 5”.

Passando à última questão, “aceitas o desafio de provares a ti mesmo que podes melhorar na Trompete, estudando regularmente e de forma objetiva?”, todos os inquiridos responderam “sim” (cf. fig.30 e 31).

		N
Aceitas o desafio de provares a ti mesmo que podes melhorar na Trompete, estudando regularmente e de forma objetiva?	Sim	5
	Não	0

Fig.30 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “aceitas o desafio de provares a ti mesmo que podes melhorar na Trompete, estudando regularmente e de forma objetiva?”.

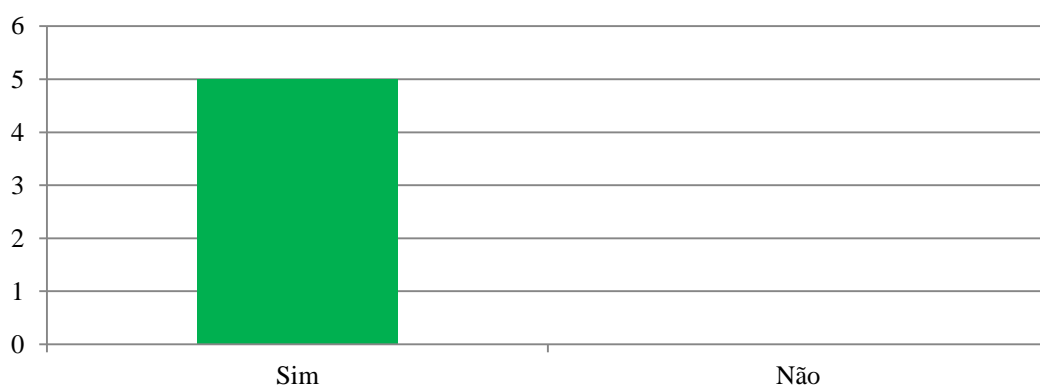


Fig.31 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “aceitas o desafio de provares a ti mesmo que podes melhorar na Trompete, estudando regularmente e de forma objetiva?”.

4.3. Resultados da análise dos questionários 2, 3, 4 e 5 aos alunos

Para a avaliação das transferências de aprendizagem oriundas da implementação da sebenta (e do plano de estudo semanal), foram passados quatro questionários aos alunos (*cf.* anexos VII, VIII, IX e X). Passarei agora à análise dos resultados dos mesmos.

O **segundo** questionário⁷ (*cf.* anexo VII) aos alunos, serviu para avaliar as transferências de aprendizagens dos mesmos, oriundas da implementação da sebenta. À primeira questão colocada, se procuraram cumprir com o plano de estudo semanal, todos os alunos implicados no estudo responderam que, sim (*cf.* fig.32 e 33).

		N
Procuras cumprir com o plano de estudo semanal?	Sim	5
	Não	0

Fig.32 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “procuras cumprir com o plano de estudo semanal?”.

⁷ O primeiro questionário aos alunos, serviu para fazer uma avaliação das reações iniciais dos mesmos.

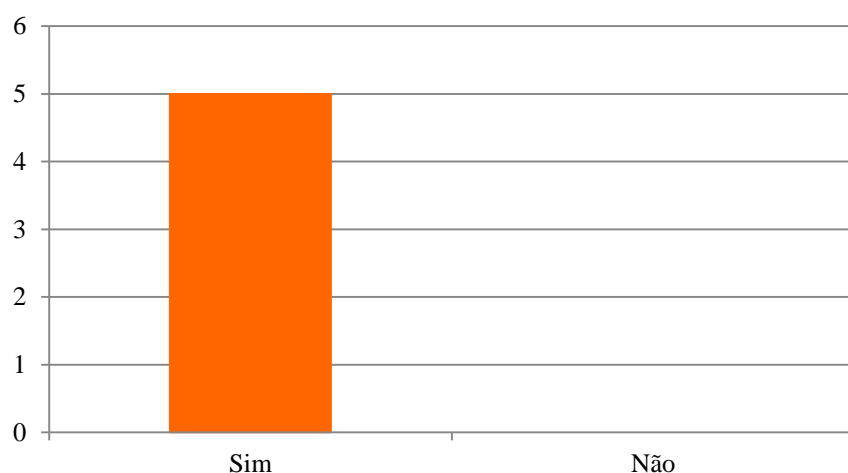


Fig.33 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “procuras cumprir com o plano de estudo semanal?”.

Relativamente à segunda questão, se os alunos conseguiram cumprir com o plano de estudo semanal, 40% dos inquiridos responderam que sim e, 60% responderam que não. As razões pelas quais alguns dos inquiridos não conseguiram cumprir com o plano de estudo (segundo os mesmos) foram devido ao facto de terem de estudar para outras disciplinas escolares; estarem cansados; terem preguiça para tocarem Trompete; e, por terem de realizar uma viagem de fim-de-semana com os pais (cf. fig.34 e 35).

		N
Conseguiste cumprir com o plano de estudo semanal?	Sim	2
	Não	3

Fig.34 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “conseguiste cumprir com o plano de estudo semanal?”.

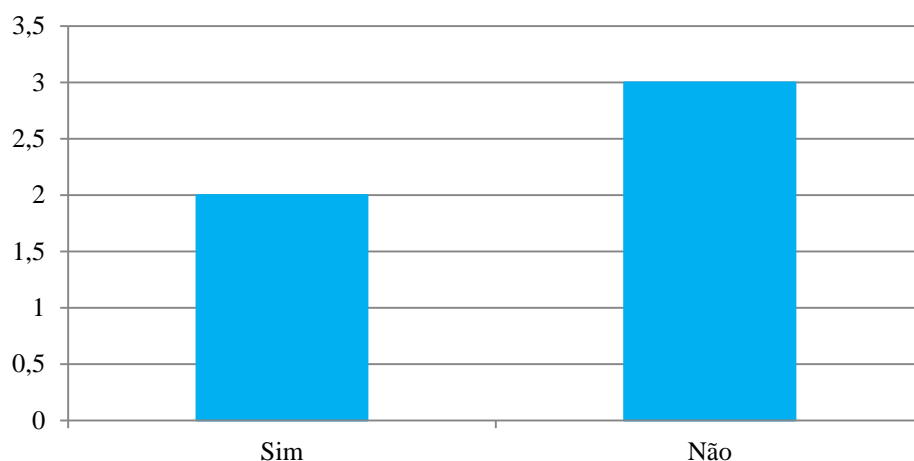


Fig.35 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “conseguiste cumprir com o plano de estudo semanal?”.

Quanto à última questão, todos os inquiridos responderam que, continuarão a procurar cumprir com o plano de estudo semanal (*cf.* fig.36 e 37).

		N
Continuarás a procurar cumprir com o plano de estudo?	Sim	5
	Não	0

Fig.36 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “continuarás a procurar cumprir com o plano de estudo?”.

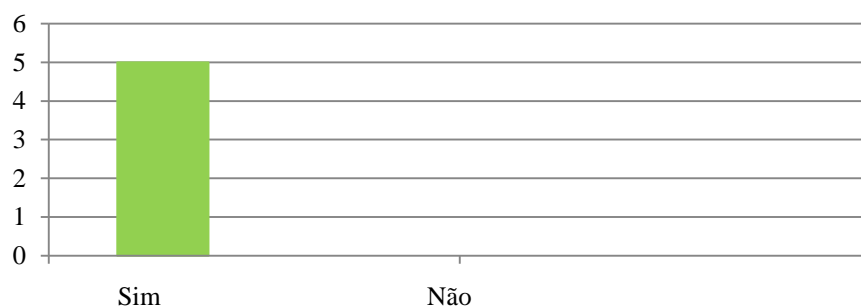


Fig.37 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “continuarás a procurar cumprir com o plano de estudo?”.

O **terceiro** questionário (*cf.* anexo VIII) aos alunos, tal como o anterior, tinha como finalidade avaliar as transferências de aprendizagem dos mesmos, procedentes da implementação da sebenta. A primeira questão do questionário, era se o plano de estudo semanal tinha contribuído para o estudo do inquirido, a esta questão, todos os alunos inquiridos responderam que, sim (*cf.* fig.38 e 39).

		N
O plano de estudo semanal tem contribuído para o teu estudo?	Sim	5
	Não	0

Fig.38 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “o plano de estudo semanal tem contribuído para o teu estudo?”.



Fig.39 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “o plano de estudo semanal tem contribuído para o teu estudo?”.

Relativamente à segunda questão “quais as áreas que sentes que evoluíste mais, numa escala de 1 a 5 (onde o 1 – não satisfaz, o 2 – satisfaz pouco, o 3 – satisfaz, o 4 – satisfaz bem e o 5 – satisfaz plenamente)”, com a análise das respostas dos inquiridos, posso concluir que, houve uma maior evolução, na área do som, onde quatro dos inquiridos atribuíram “4”, ou seja, satisfaz bem e, apenas um, atribuiu “3”, ou seja, satisfaz. Concluo também que, as áreas onde há uma menor evolução são a da flexibilidade (um inquirido respondeu satisfaz pouco, três responderam satisfaz e, um respondeu satisfaz bem) e, a do registo (um dos inquiridos respondeu não satisfaz, um respondeu satisfaz pouco, e três responderam satisfaz bem) (cf. fig.40 e 41).

	Não satisfaz	Satisfaz pouco	Satisfaz	Satisfaz bem	Satisfaz plenamente	Média
Som	0	0	1	4	0	3.8
Flexibilidade	0	1	3	1	0	3
Registo	1	1	0	3	0	3
Técnica	0	0	2	3	0	3.6
Articulação	0	1	2	1	1	3.4

Fig.40 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “quais as áreas que sentes que evoluíste mais, numa escala de 1 a 5”.

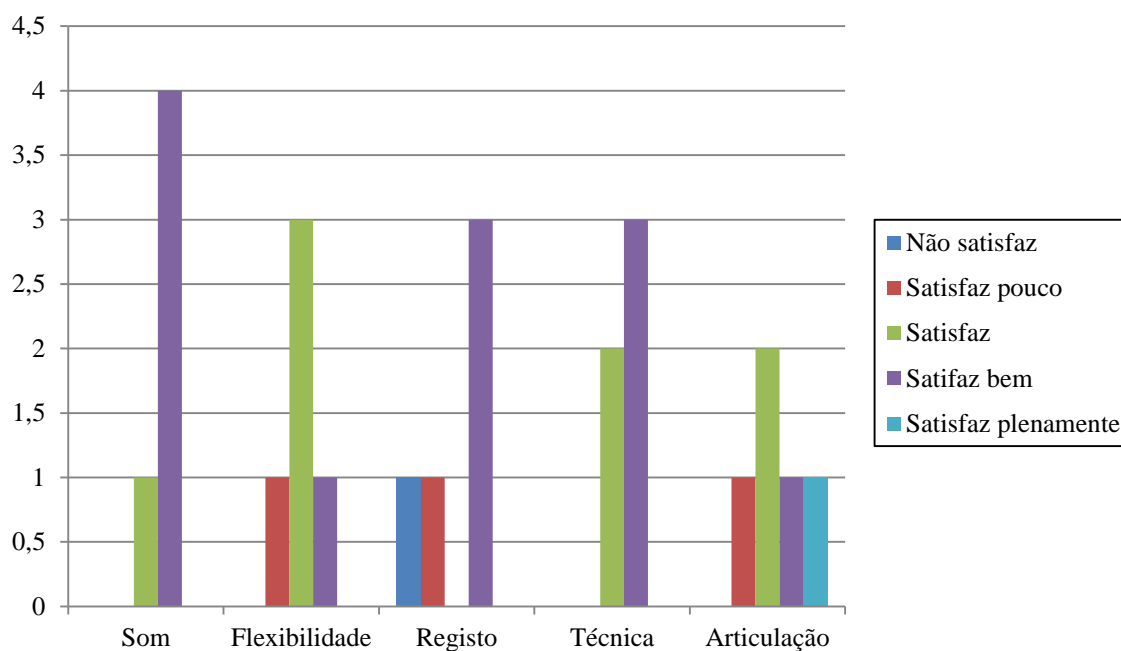


Fig.41 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “quais as áreas que sentes que evoluíste mais, numa escala de 1 a 5”.

Passando agora, à análise da questão três do questionário, “sentes mais confiança a tocar e percebes melhor os ensinamentos do professor?”, quatro dos cinco inquiridos responderam que, sim e, apenas um respondeu que não (cf. fig.42 e 43).

		N
Sentes mais confiança a tocar e percebes melhor os ensinamentos do professor?	Sim	4
	Não	1

Fig.42 – Tabela das respostas à questão “sentes mais confiança a tocar e percebes melhor os ensinamentos do professor?”.

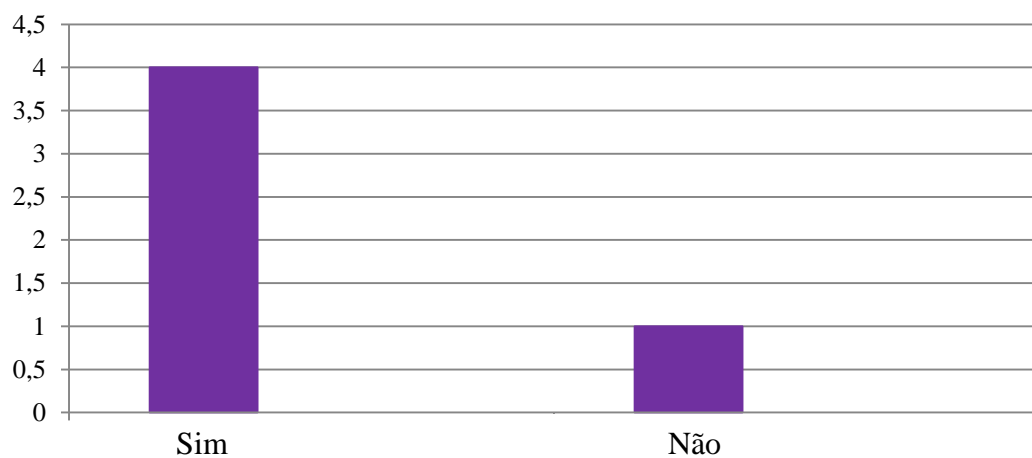


Fig.43 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “sentes mais confiança a tocar e percebes melhor os ensinamentos do professor?”.

Por último, a quarta questão, “onde sentiste mais essa evolução?”, dois dos inquiridos responderam nas “escalas” e, três dos inquiridos responderam nas “peças” (cf. fig.44 e 45).

		N
Onde sentiste mais essa evolução?	Escalas	2
	Estudos	0
	Peças	3

Fig.44 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “onde sentiste mais essa evolução?”.

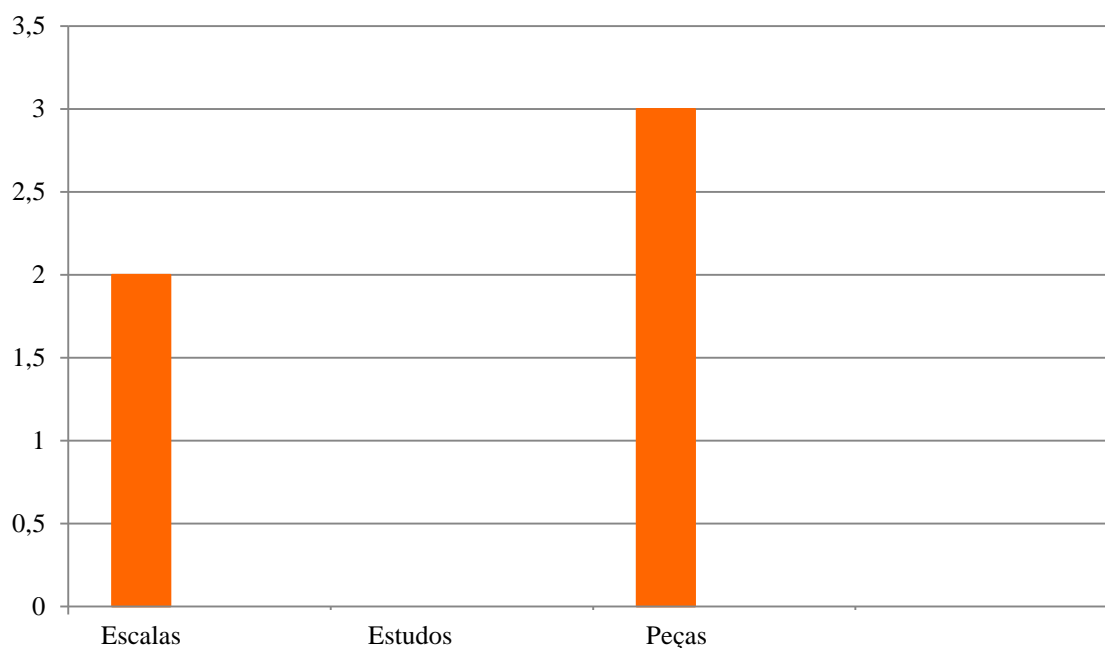


Fig.45 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “onde sentiste mais evolução?”.

Relativamente ao **quarto** questionário (*cf.* anexo IX), tal como os anteriores, tinha como objetivo avaliar as transferências de aprendizagem dos alunos, resultantes da implementação da sebenta. A primeira questão do questionário – “estando prestes a fazer uma atividade (audição/prova de avaliação), sentes-te melhor preparado para a realização da mesma?”, todos os inquiridos responderam que, sim (*cf.* fig.46 e 47).

		N
Estando prestes a fazer uma atividade (audição/prova de avaliação), sentes-te melhor preparado para a realização da mesma?	Sim	5
	Não	0

Fig.46 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “estando prestes a fazer uma atividade (audição/prova de avaliação), sentes-te melhor preparado para a realização da mesma?”.

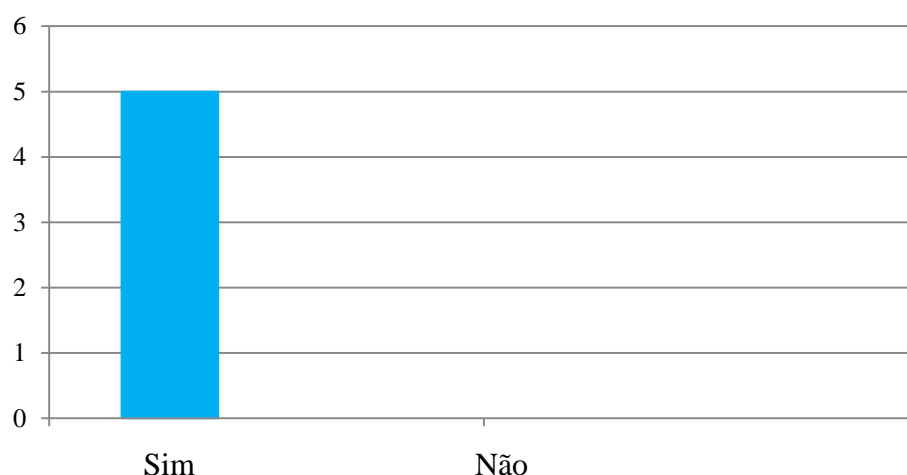


Fig.47 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “estando prestes a fazer uma atividade (audição/prova de avaliação), sentes-te melhor preparado para a realização da mesma?”.

Passando agora, à análise da segunda questão, “se respondeu SIM, o plano de estudo semanal contribuiu para essa preparação? Se respondeu NÃO à questão anterior, justifique a sua resposta”, tal como, na resposta anterior, todos os inquiridos, responderam que “sim”. Como nenhum inquirido, respondeu “não” na questão dois, não houve respostas na questão três (“se respondeu NÃO à questão anterior, justifique a sua resposta”) (cf. fig.48 e 49).

		N
Se respondeu sim, o plano de estudo semanal contribuiu para essa preparação? Se respondeu não à questão anterior, justifique a sua resposta.	Sim	5
	Não	0

Fig.48 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “se respondeu sim, o plano de estudo semanal contribuiu para essa preparação? Se respondeu não à questão anterior, justifique a sua resposta”.

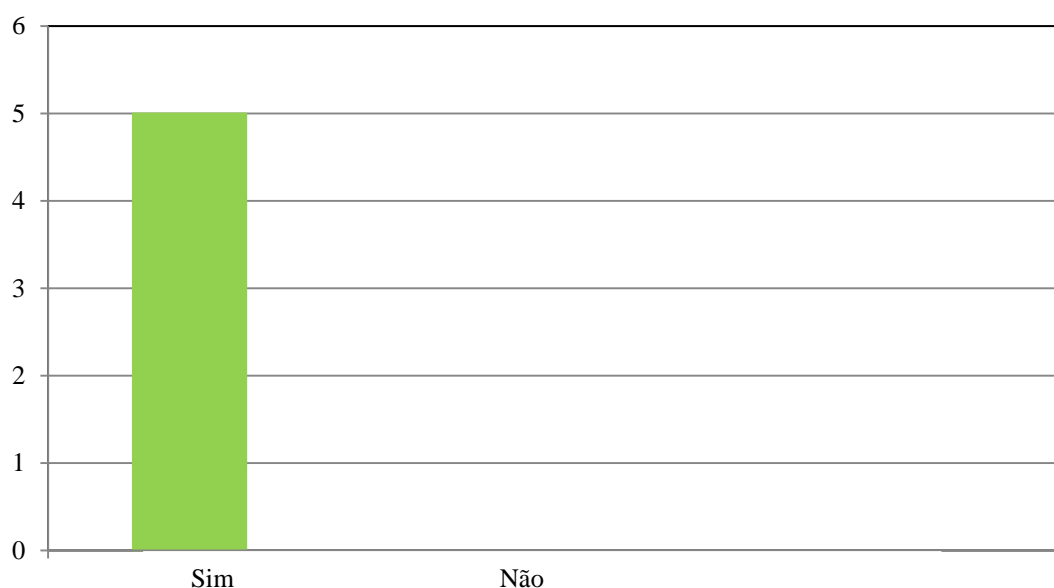


Fig.49 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “se respondeu sim, o plano de estudo semanal contribuiu para essa preparação? Se respondeu não à questão anterior, justifique a sua resposta”.

Por último, o **quinto** questionário (*cf.* anexo X) aos mesmos alunos, tal como os anteriores, tinha como finalidade avaliar as transferências de aprendizagem dos mesmos, oriundos da implementação da sebenta. A primeira questão do questionário, “após oito semanas de implementação do estudo semanal, avalia a tua evolução geral, numa escala de 1 a 5 (onde o 1 corresponde a não satisfaz, o 2 a satisfaz pouco, o 3 a satisfaz, o 4 a satisfaz bem e o 5 a satisfaz plenamente)”, um dos inquiridos respondeu satisfaz, três responderam satisfaz bem e um respondeu satisfaz plenamente, como podemos analisar nas figuras 50 e 51.

		N
Após oito semanas de implementação do plano de estudo semanal, avalia a tua evolução geral, numa escala de 1 a 5	Não satisfaz	0
	Satisfaz pouco	0
	Satisfaz	1
	Satisfaz bem	3
	Satisfaz plenamente	1

Fig.50 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “após oito semanas de implementação do plano de estudo semanal, avalia a tua evolução geral, numa escala de 1 a 5”.

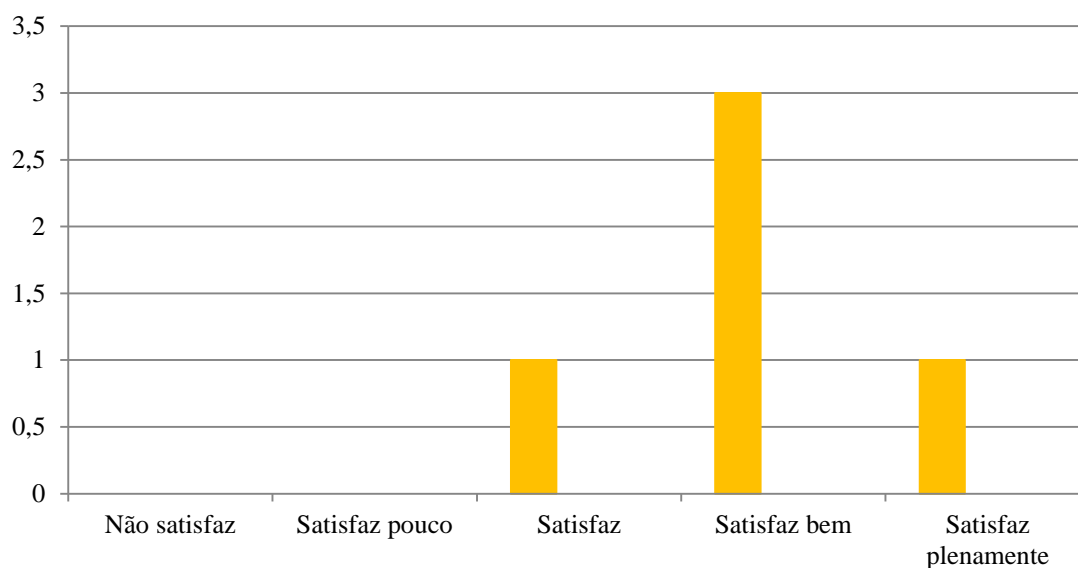


Fig.51 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “após oito semanas de implementação do plano de estudo semanal, avalia a tua evolução geral, numa escala de 1 a 5”.

No que diz respeito à segunda questão “avalia o teu desempenho pelas cinco áreas (onde o 1 corresponde a não satisfaz, o 2 a satisfaz pouco, o 3 a satisfaz, o 4 a satisfaz bem e o 5 a satisfaz plenamente)”, com uma breve análise dos resultados, concluo que, as áreas com um melhor desempenho por parte dos alunos são as do som (média de 4) e a da articulação (média de 4) e, a que tem um desempenho menor, é a da flexibilidade (média de 3.4), como se pode verificar nas figuras 52 e 53.

	Não satisfaz	Satisfaz pouco	Satisfaz	Satisfaz bem	Satisfaz plenamente	Média
Som	0	0	0	5	0	4
Flexibilidade	0	0	3	2	0	3.4
Registo	0	0	1	4	0	3.8
Técnica	0	0	2	3	0	3.6
Articulação	0	0	1	3	1	4

Fig.52 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “avalia o teu desempenho pelas cinco áreas, numa escala de 1 a 5”.

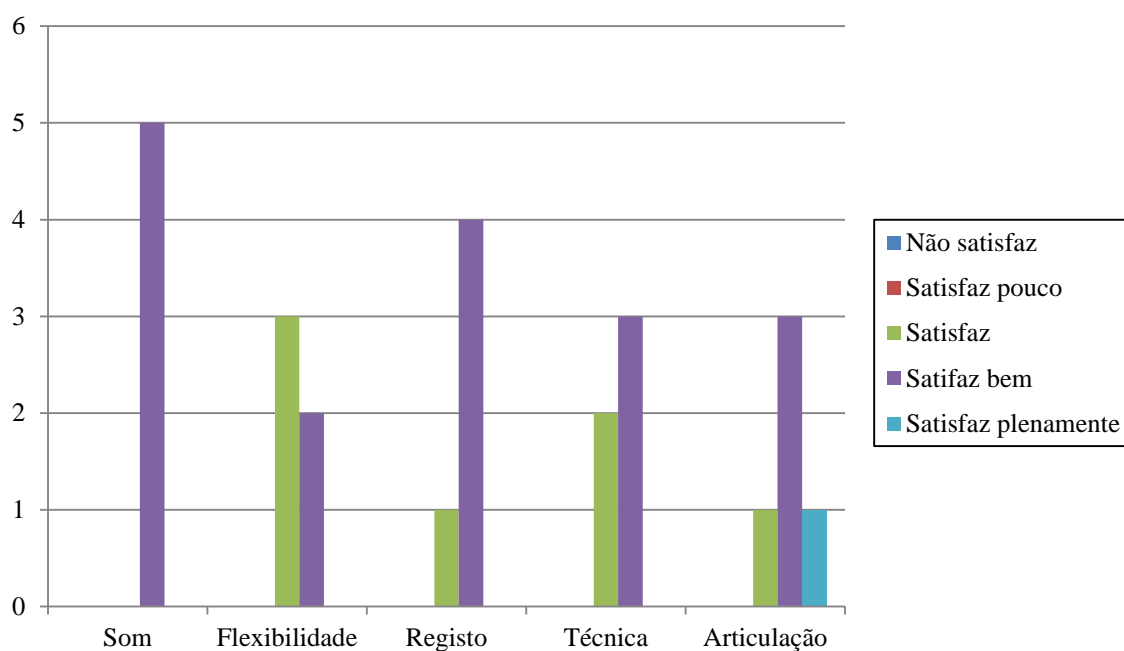


Fig.53 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “avalia o teu desempenho pelas cinco áreas, numa escala de 1 a 5”.

Passando, à última questão, a três, “deve manter-se a implementação de um plano de estudo nos próximos anos letivos? Justifica.”, todos os inquiridos responderam que, sim. Com uma análise de conteúdo das justificações dos inquiridos, o plano de estudo é importante para auxiliar no estudo; melhorar o desempenho e consequentemente, as notas escolares; e, saber separar as diferentes áreas e, trabalhar as que têm mais dificuldade (*cf.* fig.54 e 55).

		N
Deve manter-se a implementação de um plano de estudo nos próximos anos letivos	Sim	5
	Não	0

Fig.54 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “deve manter-se a implementação de um plano de estudo nos próximos anos letivos?”.

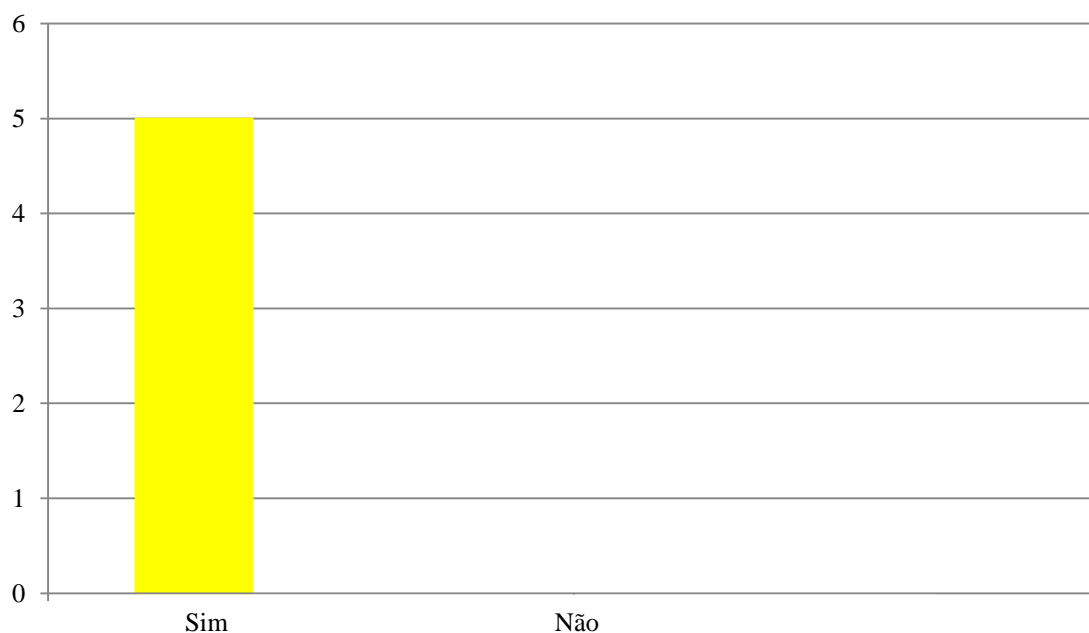


Fig.55 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “deve manter-se a implementação de um plano de estudo nos próximos anos letivos?”.

4.4. Resultados da análise do questionário 6 aos alunos

Relativamente ao **sexto** e último questionário aos alunos (*cf.* anexo XI), tinha como objetivo avaliar a satisfação dos alunos face à utilização da sebenta. A primeira questão do questionário – “gostaste de utilizar a sebenta ao longo das aulas?” 80% dos inquiridos respondeu “sim”, os restantes 20% não responderam à questão (*cf.* fig. 56 e 57).

		N
Gostaste de utilizar a se- benta ao longo das aulas?	Sim	4
	Não	0
	Não respondeu	1

Fig.56 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Gostaste de utilizar a sebenta ao longo das aulas?”.

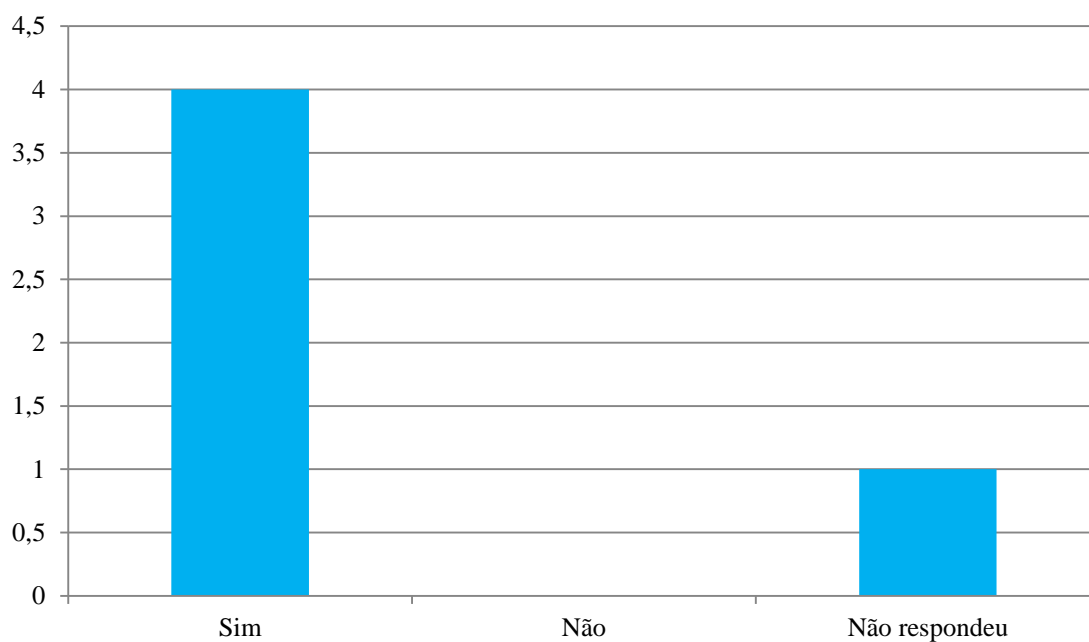


Fig.57 – Gráfico das respostas dos inquiridos à questão “Gostaste de utilizar a sebenta ao longo das aulas?”.

A questão dois, pedia para os alunos justificarem a resposta dada na questão anterior, pela análise de conteúdo, concluiu que, a sebenta ajudou na organização do estudo e do tempo.

Por último, à terceira questão – “gostarias de voltar a usar a sebenta no próximo ano letivo?”, 80% dos inquiridos responderam afirmativamente e 20% não responderam à questão (*cf.* fig.58 e 59).

		N
Gostarias de voltar a usar a sebenta no próximo ano letivo?	Sim	4
	Não	0
	Não respondeu	1

Fig.58 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Gostarias de voltar a usar a sebenta no próximo ano letivo?”.

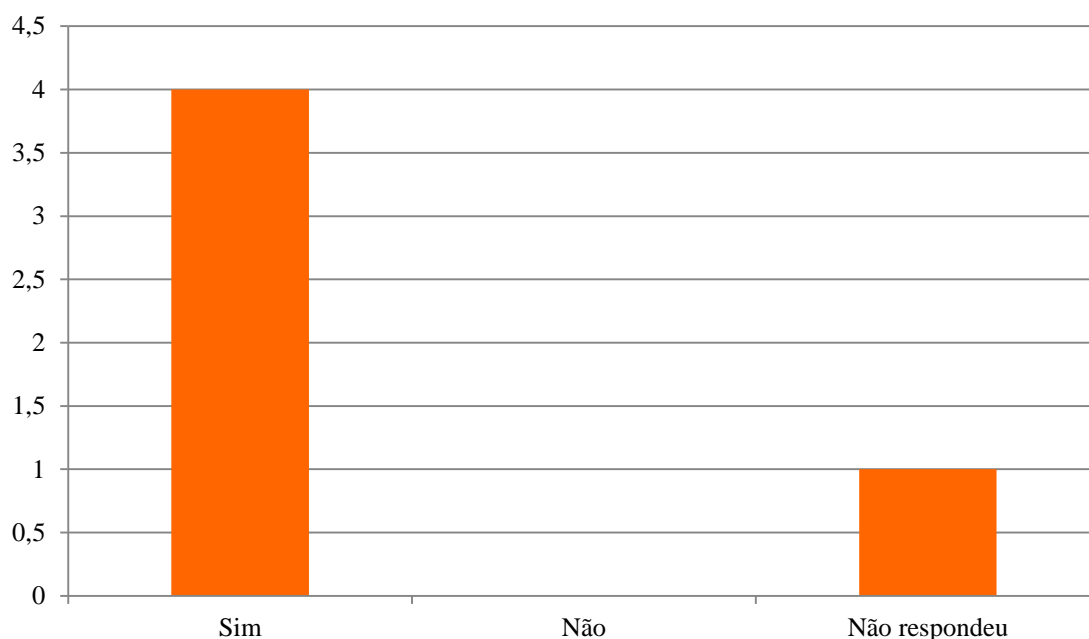


Fig.59 – Tabela das respostas dos inquiridos à questão “Gostarias de voltar a usar a sebenta no próximo ano letivo?”.

Com a análise deste questionário concluiu-se que, os alunos ficaram satisfeitos com a utilização da sebenta.

4.5. Comparação individual das respostas dadas pelos alunos nos questionários 3 e 5

Aluno A

Através da análise à pergunta dois do questionário três – “quais as áreas que sentes que evoluíste mais, numa escala de 1 a 5 (onde o 1 – não satisfaz, o 2 – satisfaz pouco, o 3 – satisfaz, o 4 – satisfaz bem e o 5 – satisfaz plenamente)” (cf. anexo VIII), em comparação com a pergunta dois do questionário cinco – “avalia o teu desempenho pelas cinco áreas, numa escala de 1 a 5 (onde o 1 corresponde a Não Satisfaz e, o 5 a Satisfaz Plenamente)” (cf. anexo X), obtiveram-se os seguintes resultados (cf. fig.60):

- Ao nível do **Som**, o aluno manteve a atribuição da classificação de Satisfaz Bem (4);
- Quanto ao nível da **Flexibilidade**, o aluno evoluiu na atribuição da classificação, passando de um Satisfaz (3), para um Satisfaz Bem (4);
- Relativamente ao nível do **Registo**, o aluno evoluiu na atribuição da classificação, passando de um Satisfaz Pouco (2), para um Satisfaz Bem (4);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno manteve a atribuição da classificação de Satisfaz (3);
- Por último, no nível da **Articulação**, o aluno manteve a atribuição da classificação de Satisfaz (3).

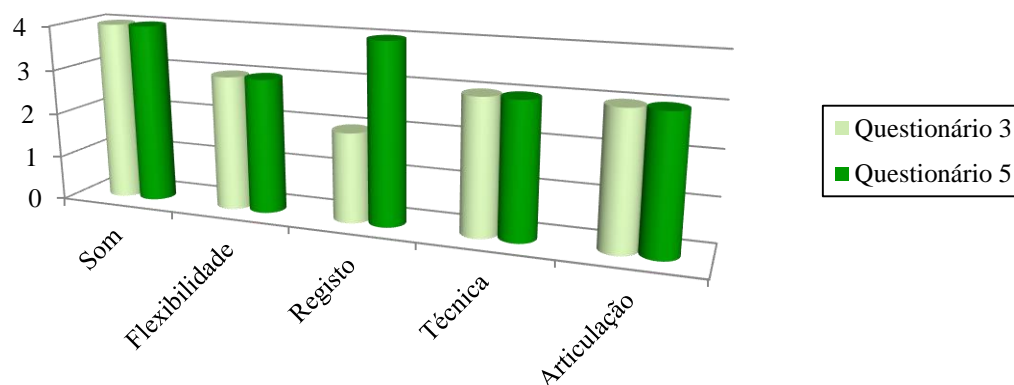


Fig.60 – Gráfico da evolução do aluno A, entre o questionário 3 e o questionário 5.

Aluno B

Através da análise à pergunta dois do questionário três – “quais as áreas que sentes que evoluíste mais, numa escala de 1 a 5 (onde o 1 – não satisfaz, o 2 – satisfaz pouco, o 3 – satisfaz, o 4 – satisfaz bem e o 5 – satisfaz plenamente)” (cf. anexo VIII), em comparação com a pergunta dois do questionário cinco – “avalia o teu desempenho pelas cinco áreas, numa escala de 1 a 5 (onde o 1 corresponde a Não Satisfaz e, o 5 a Satisfaz Plenamente)” (cf. anexo X), obtiveram-se os seguintes resultados (cf. fig.61):

- Ao nível do **Som**, o aluno manteve a atribuição da classificação de Satisfaz Bem (4);
- Quanto à **Flexibilidade**, o aluno evoluiu na atribuição da classificação, passando de um Satisfaz (3), para um Satisfaz Bem (4);

- Relativamente ao **Registo**, o aluno manteve a atribuição da classificação de Satisfaz Bem (4);
- Ao nível da **Técnica**, o aluno manteve a atribuição da classificação de Satisfaz Bem (4);
- Por último, quanto ao nível da **Articulação**, o aluno manteve a atribuição da classificação de Satisfaz Plenamente (5).

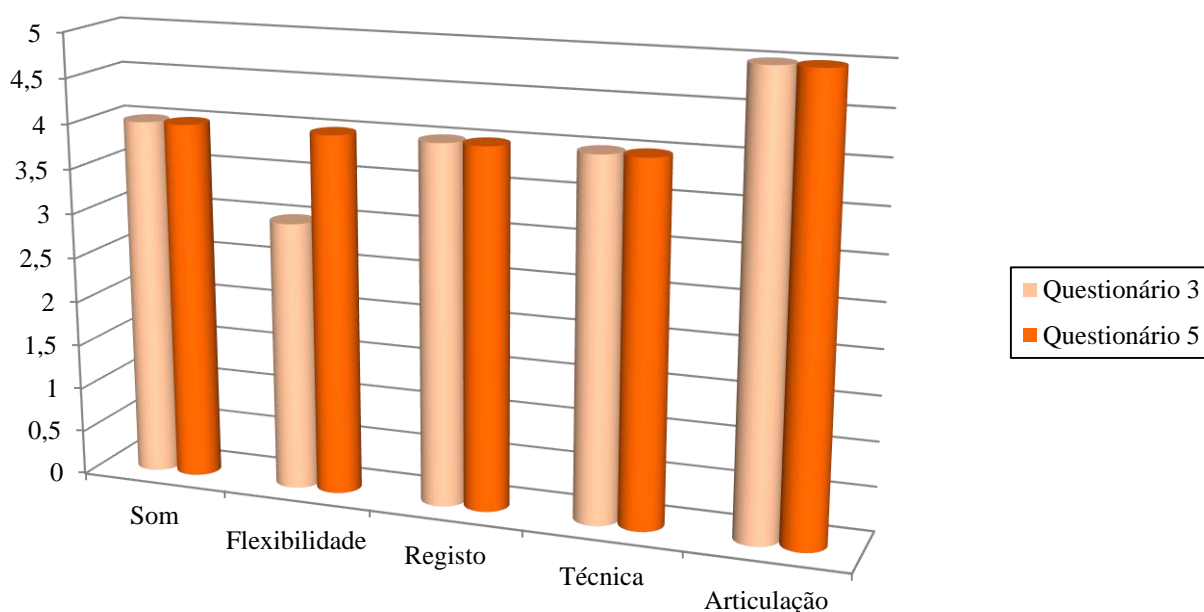


Fig.61 – Gráfico da evolução do aluno B, entre o questionário 3 e o questionário 5.

Aluno C

Através da análise à pergunta dois do questionário três – “quais as áreas que sentes que evoluíste mais, numa escala de 1 a 5 (onde o 1 – não satisfaz, o 2 – satisfaz pouco, o 3 – satisfaz, o 4 – satisfaz bem e o 5 – satisfaz plenamente)” (cf. anexo VIII), em comparação com a pergunta dois do questionário cinco – “avalia o teu desempenho pelas cinco áreas, numa escala de 1 a 5 (onde o 1 corresponde a Não Satisfaz e, o 5 a Satisfaz Plenamente)” (cf. anexo X), obtiveram-se os seguintes resultados (cf. fig.62):

- Ao nível do **Som**, o aluno manteve a atribuição da classificação de Satisfaz Bem (4);

- Quanto ao nível da **Flexibilidade**, o aluno manteve a atribuição da classificação de Satisfaz (3);
- Relativamente ao nível do **Registo**, o aluno manteve a atribuição da classificação de Satisfaz Bem (4);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno manteve a atribuição da classificação de Satisfaz Bem (4);
- Por último, quanto ao nível da **Articulação**, o aluno evoluiu na atribuição da classificação, passando de um Satisfaz (3), para um Satisfaz Bem (4).

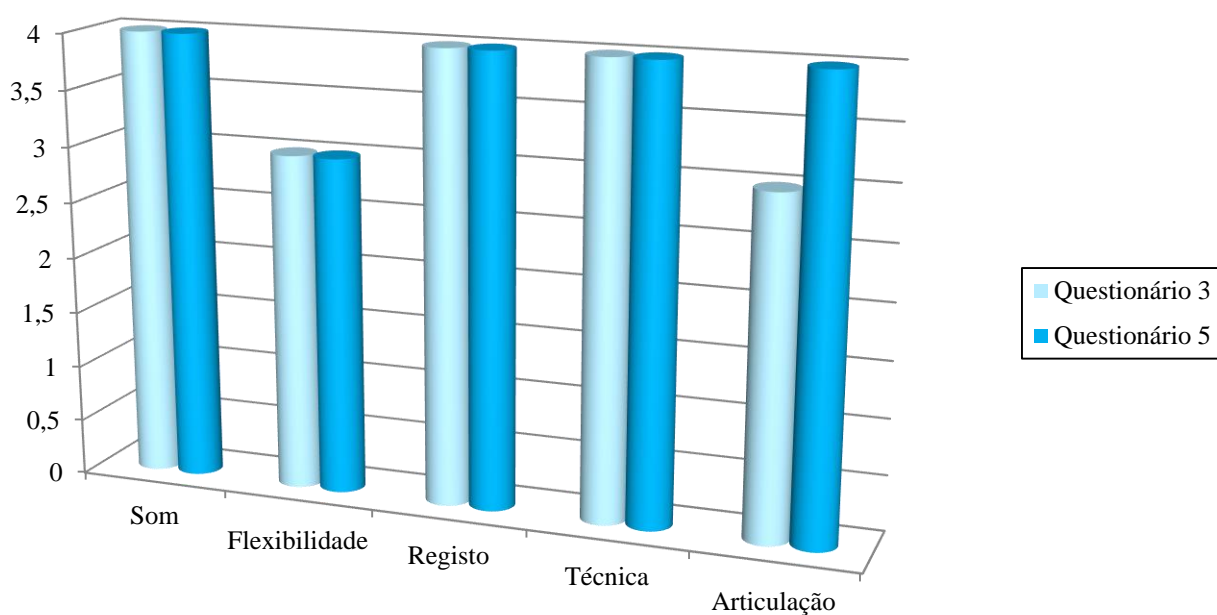


Fig.62 – Gráfico da evolução do aluno C, entre o questionário 3 e o questionário 5.

Aluno D

Através da análise à pergunta dois do questionário três – “quais as áreas que sentes que evoluíste mais, numa escala de 1 a 5 (onde o 1 – não satisfaz, o 2 – satisfaz pouco, o 3 – satisfaz, o 4 – satisfaz bem e o 5 – satisfaz plenamente)” (cf. anexo VIII), em comparação com a pergunta dois do questionário cinco – “avalia o teu desempenho pelas cinco áreas, numa escala de 1 a 5 (onde o 1 corresponde a Não Satisfaz e, o 5 a Satisfaz Plenamente)” (cf. anexo X), obtiveram-se os seguintes resultados (cf. fig.63):

- Ao nível do **Som**, o aluno evoluiu na atribuição da classificação, passando de um Satisfaz (3), para um Satisfaz Bem (4);
- Quanto ao nível da **Flexibilidade**, o aluno evoluiu na atribuição da classificação, passando de um Satisfaz Pouco (2), para um Satisfaz (3);
- Relativamente ao nível do **Registo**, o aluno evoluiu na atribuição da classificação, passando de um Não Satisfaz (1), para um Satisfaz (3);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno evoluiu na atribuição da classificação, passando de um Satisfaz (3), para um Satisfaz Bem (4);
- Por último, quanto ao nível da **Articulação**, o aluno evoluiu na atribuição da classificação, passando de um Satisfaz Pouco (2), para um Satisfaz Bem (4).

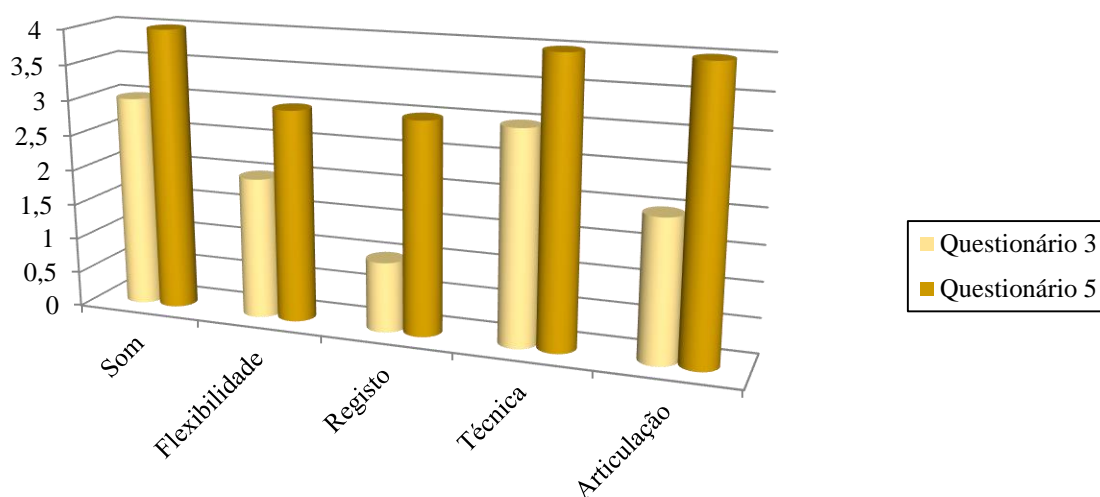


Fig.63 – Gráfico da evolução do aluno C, entre o questionário 3 e o questionário 5.

Aluno E

Através da análise à pergunta dois do questionário três – “quais as áreas que sentes que evoluíste mais, numa escala de 1 a 5 (onde o 1 – não satisfaz, o 2 – satisfaz pouco, o 3 – satisfaz, o 4 – satisfaz bem e o 5 – satisfaz plenamente)” (cf. anexo VIII), em comparação com a pergunta dois do questionário cinco – “avalia o teu desempenho pelas cinco áreas, numa escala de 1 a 5 (onde o 1 corresponde a Não Satisfaz e, o 5 a Satisfaz Plenamente)” (cf. anexo X), obtiveram-se os seguintes resultados (cf. fig.64):

- Ao nível do **Som**, o aluno manteve a atribuição da classificação de Satisfaz Bem (4);
- Quanto ao nível da **Flexibilidade**, o aluno manteve a atribuição da classificação de Satisfaz Bem (4);
- Relativamente ao nível do **Registo**, o aluno manteve a atribuição da classificação de Satisfaz Bem (4);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno manteve a atribuição da classificação de Satisfaz Bem (4);
- Por último, quanto ao nível da **Articulação**, o aluno manteve a atribuição da classificação de Satisfaz Bem (4).

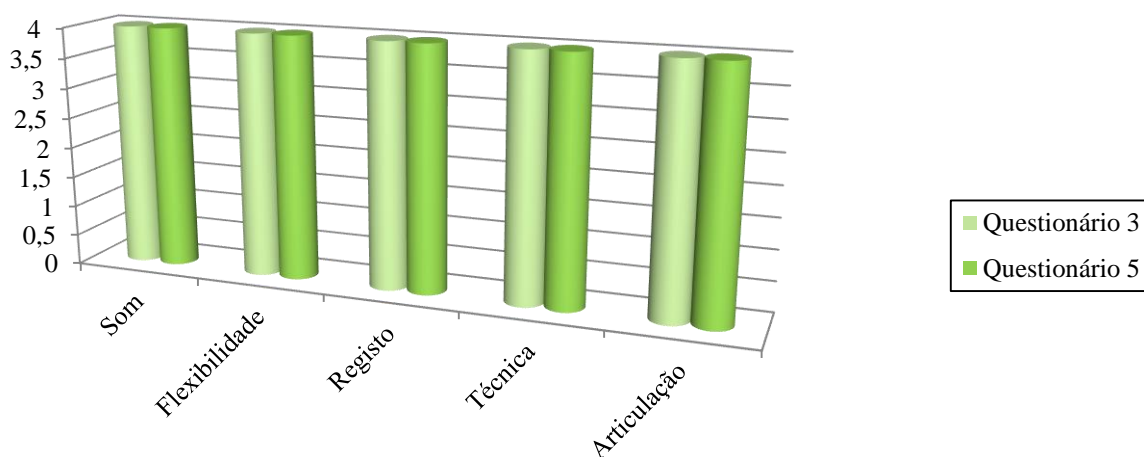


Fig.64 – Gráfico da evolução do aluno E, entre o questionário 3 e o questionário 5.

Média da comparação da questão 2 do questionário três com a questão 2 do questionário cinco

Através da análise a todas as respostas da questão dois do questionário três – “quais as áreas que sentes que evoluíste mais, numa escala de 1 a 5 (onde o 1 – não satisfaz, o 2 – satisfaz pouco, o 3 – satisfaz, o 4 – satisfaz bem e o 5 – satisfaz plenamente)” (cf. anexo VIII), em comparação com as respostas da questão dois do questionário cinco – “avalia o teu desempenho pelas cinco áreas, numa escala de 1 a 5 (onde o 1 corresponde a Não Satisfaz e, o 5 a

Satisfaz Plenamente)” (cf. anexo X), calculando a média, posso concluir o seguinte (cf. fig.65 e 66):

- Ao nível do **Som**, houve uma evolução generalizada de 0.2 valores, passando de 3.8 valores para 4 valores de média final, ou seja, mantiveram a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Quanto ao nível da **Flexibilidade**, houve uma evolução generalizada de 0.4 valores, passando de 3 valores para 3.4 valores de média final, ou seja, mantiveram a classificação de Satisfaz (3);
- Relativamente ao nível do **Registo**, houve uma evolução generalizada de 0.8 valores, passando de 3 valores para 3.8 valores de média final, ou seja, evoluíram de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Passando ao nível da **Técnica**, houve uma evolução generalizada de 0.2 valores, passando de 3.6 valores para 3.8 valores de média final, ou seja, mantiveram a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Por último, quanto ao nível da **Articulação**, houve uma evolução generalizada de 0.6 valores, passando de 3.4 valores para 4 valores de média final, ou seja, evoluíram de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4).

Questionário Área	3 - questão 2 (média)	5 - questão 2 (média)
1.Som	3.8	4
2.Flexibilidade	3	3.4
3.Registo	3	3.8
4.Técnica	3.6	3.8
5.Articulação	3.4	4

Fig.65 – Tabela da média da evolução das respostas dadas pelos alunos nos questionários.

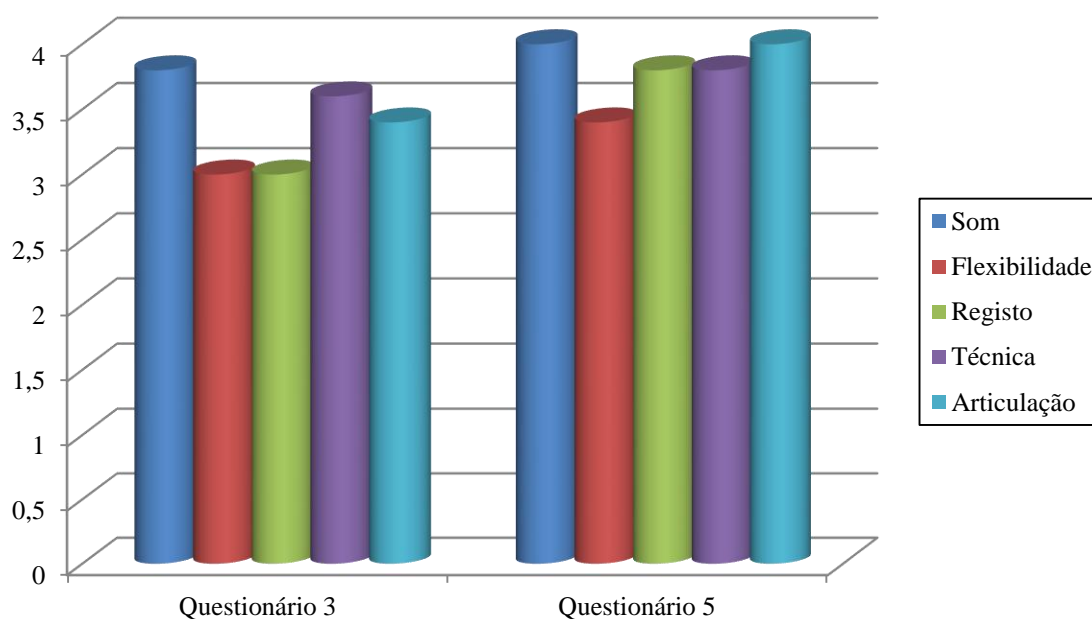


Fig.66 – Gráfico da média da evolução das respostas dadas pelos alunos nos questionários.

4.6. Análise e discussão dos resultados relativos à avaliação realizada por mim enquanto investigador

Quanto aos resultados finais repartem-se por duas secções, nomeadamente: avaliação dos exercícios realizados nas aulas e, avaliação das atividades realizadas (provas de avaliação e audições).

4.6.1. Classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas

A avaliação realizada nas aulas, decorreu durante oito semanas, em oito aulas de 45 minutos. Sendo pertinente salientar que, esta avaliação realizou-se apenas nas aulas individuais dos alunos.

Os critérios de avaliação, que explicam os resultados obtidos nas figuras 3, 4 e 5, podem ser consultados nas páginas 20 e 21.

Todos os exercícios foram realizados nos primeiros quinze a vinte minutos de cada aula individual. De salientar que, os resultados apresentados, estão arredondados à centésima decimal.

Aluno A

Através da observação direta das aulas, obtive os seguintes resultados (*cf.* fig.67 e 68):

- Ao nível do **Som**, o aluno obteve ao longo das aulas, uma avaliação média de 4.13, ficando com a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Quanto ao nível da **Flexibilidade**, o aluno obteve uma avaliação média de 4.00, portanto ficou com a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Relativamente ao nível do **Registo**, o aluno obteve uma avaliação média de 4.50, ou seja, Satisfaz Plenamente (5);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno obteve uma avaliação média de 3.63, ficando com a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Por último, ao nível da **Articulação**, o aluno obteve uma avaliação média de 3.63, ou seja, Satisfaz Bem (4).

Área \ Aula	Aula								Média
	1	2	3	4	5	6	7	8	
1.Som	4	4	4	5	4	4	4	4	4.13
2.Flexibilidade	4	4	4	4	4	4	4	4	4.00
3.Registo	4	4	5	5	4	4	5	5	4.50
4.Técnica	4	3	4	4	3	3	4	4	3.63
5.Articulação	3	4	4	4	3	3	4	4	3.63

Fig.67 – Tabela das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno A.

Realizando a média aritmética⁸ referentes às classificações obtidas nas cinco áreas, o aluno obtém uma classificação final de Satisfaz Bem (4), uma vez que,

$$X = \frac{4.13 + 4.00 + 4.50 + 3.63 + 3.63}{5} = 3.98$$

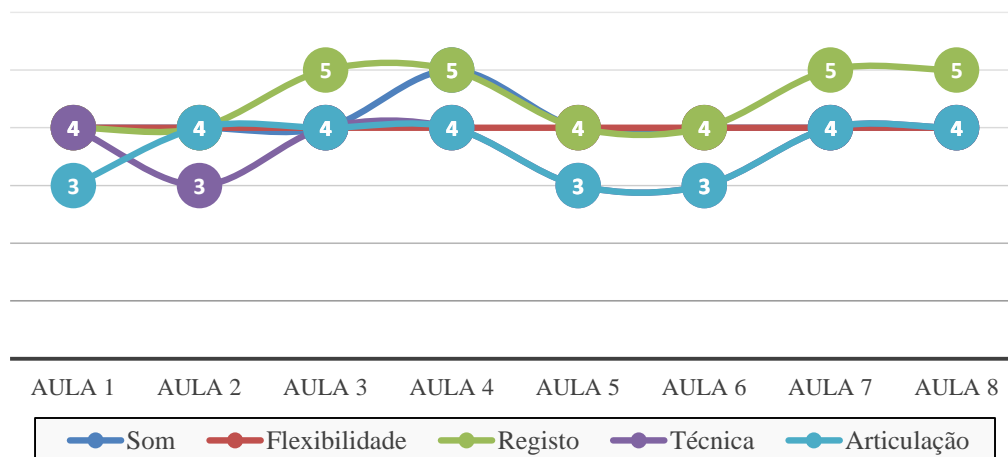


Fig.68 – Gráfico das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno A.

Aluno B

Através da observação direta das aulas, obtive os seguintes resultados (cf. fig.69 e 70):

- Ao nível do **Som**, o aluno obteve uma avaliação média de 4.25, obtendo-se assim a classificação final de Satisfaz Bem (4);
- Ao nível da **Flexibilidade**, o aluno obteve uma avaliação média de 3.38, portanto obteve a classificação de Satisfaz (3);
- Ao nível do **Registo**, o aluno obteve uma avaliação média de 3.88, ficando com a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Ao nível da **Técnica**, o aluno obteve uma avaliação média de 3.25, obtendo a classificação de Satisfaz (3);

⁸ Uma das formas de obter um valor intermediário entre vários valores.

- Por último, ao nível da **Articulação**, o aluno obteve uma avaliação média de 3.63, obtendo a classificação de Satisfaz Bem (4).

Aula \ Área	1	2	3	4	5	6	7	8	Média
1.Som	3	4	4	5	4	4	5	5	4.25
2.Flexibilidade	2	3	3	4	3	4	4	4	3.38
3.Registo	3	3	3	4	4	4	5	5	3.88
4.Técnica	2	3	3	4	3	3	4	4	3.25
5.Articulação	4	3	4	3	3	4	4	4	3.63

Fig.69 – Tabela das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno B.

Realizando a média aritmética referentes às classificações obtidas nas cinco áreas, o aluno obtém uma classificação final de Satisfaz Bem (4), uma vez que,

$$X = \frac{4.25 + 3.38 + 3.88 + 3.25 + 3.63}{5} = 3.68$$

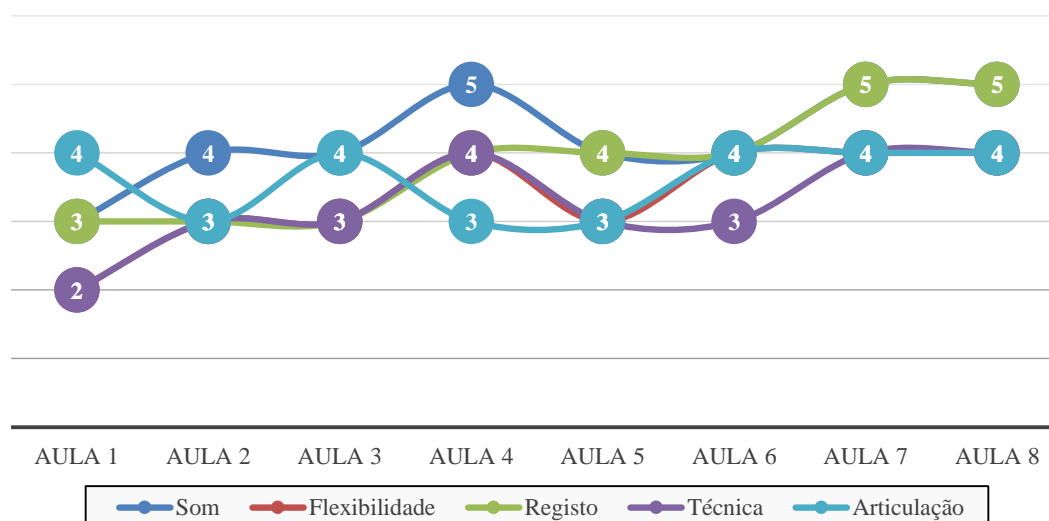


Fig.70 – Gráfico das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno B.

Aluno C

Relativamente ao aluno C, obtive os seguintes resultados (*cf.* fig.71 e 72):

- Ao nível do **Som**, o aluno obteve ao longo das aulas, uma avaliação média de 3.50, portanto obteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Quanto ao nível da **Flexibilidade**, o aluno obteve uma avaliação média de 3.63, portanto obteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Relativamente ao nível do **Registo**, o aluno alcançou uma avaliação média de 4.88, portanto a sua classificação é de Satisfaz Bem (4);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno obteve uma avaliação média de 4.13, ficando com a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Por último, ao nível da **Articulação**, o aluno obteve uma avaliação média de 4.00, ou seja, Satisfaz Bem (4).

Área \ Aula	Aula								Média
	1	2	3	4	5	6	7	8	
1.Som	4	3	4	3	3	4	3	4	3.50
2.Flexibilidade	3	4	4	3	4	4	3	4	3.63
3.Registo	3	3	4	4	4	5	4	4	3.88
4.Técnica	3	4	4	4	5	5	4	4	4.13
5.Articulação	4	4	4	4	4	4	4	4	4.00

Fig.71 – Tabela das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno C.

Realizando a média aritmética referentes às classificações obtidas nas cinco áreas, o aluno obtém uma classificação final de Satisfaz Bem (4), uma vez que,

$$X = \frac{3.50 + 3.63 + 3.88 + 4.13 + 4.00}{5} = 3.83$$

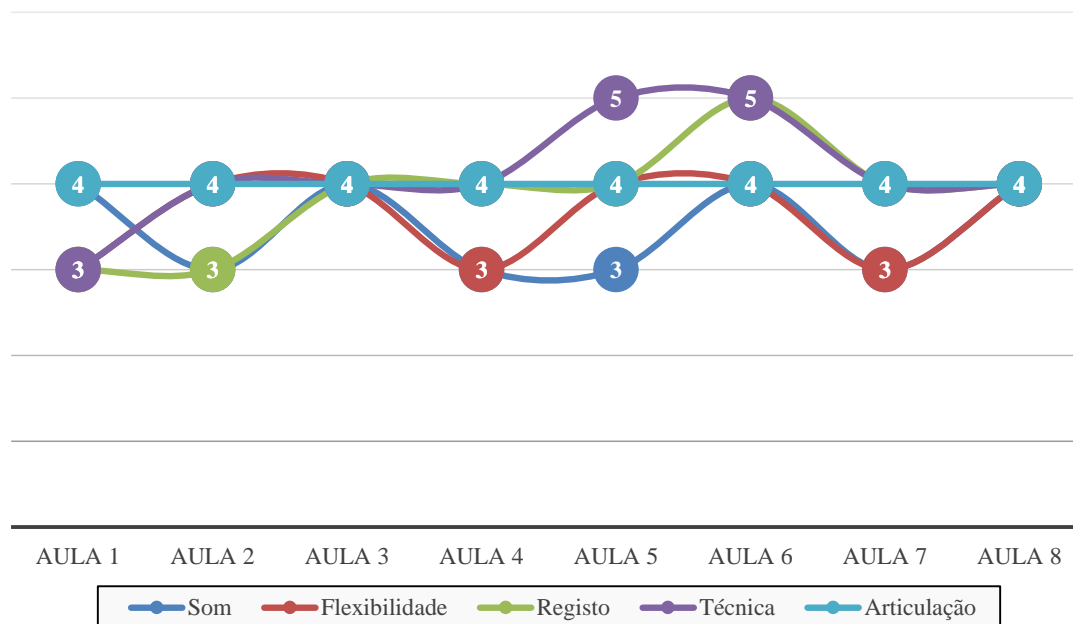


Fig.72 – Gráfico das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno C.

Aluno D

Passando agora ao aluno D, através da observação direta das aulas, obtive os seguintes resultados (cf. fig.73 e 74):

- Ao nível do **Som**, o aluno ao longo das aulas, obteve uma avaliação média de 3.63, portanto obteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Quanto ao nível da **Flexibilidade**, o aluno obteve uma avaliação média de 2.88, portanto ficou com a classificação de Satisfaz (3);
- Relativamente ao nível do **Registo**, o aluno obteve uma avaliação média, de 2.75, ou seja, Satisfaz (3);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno obteve uma avaliação média de 3.63, obtendo a classificação de Satisfaz Bem (4);

- Por último, ao nível da **Articulação**, o aluno alcançou uma avaliação média de 3.50, obtendo a classificação de Satisfaz Bem (4).

Aula \ Área	1	2	3	4	5	6	7	8	Média
1.Som	3	3	4	3	4	4	4	4	3.63
2.Flexibilidade	2	3	2	3	4	3	3	3	2.88
3.Registo	2	2	2	3	4	3	3	3	2.75
4.Técnica	3	3	3	4	4	4	4	4	3.63
5.Articulação	3	3	3	4	4	3	4	4	3.50

Fig.73 – Tabela das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno D.

Realizando a média aritmética referentes às classificações obtidas nas cinco áreas, o aluno obtém uma classificação final de Satisfaz (3), uma vez que,

$$X = \frac{3.63+2.88+2.75+3.63+3.50}{5} = 3.28$$

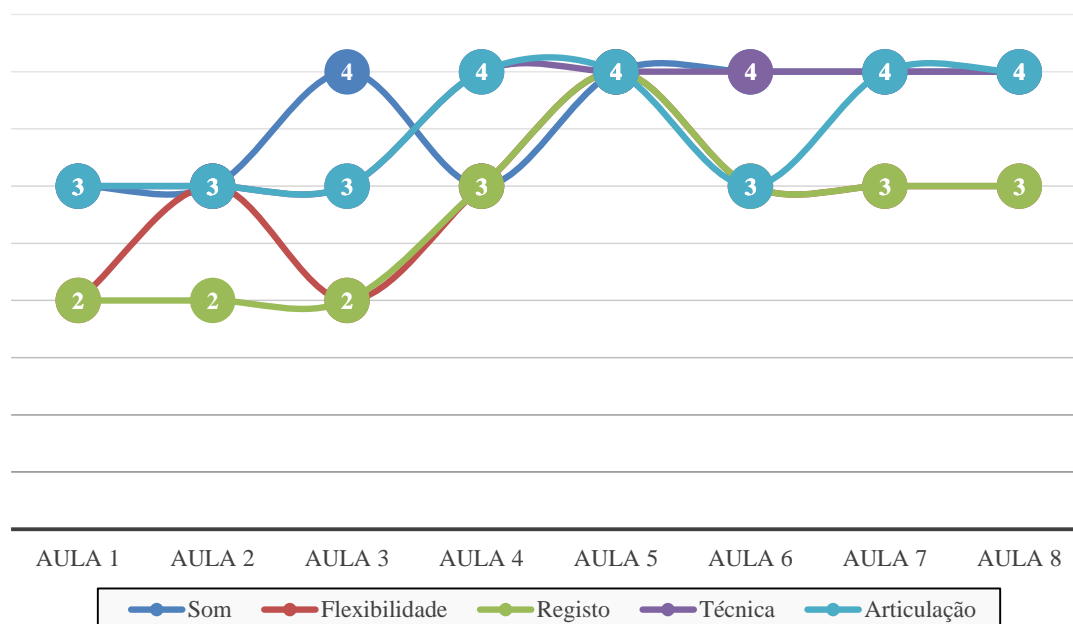


Fig.74 – Gráfico das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno D.

Aluno E

Através da observação direta das aulas, obtive os seguintes resultados (*cf.* fig.75 e 76):

- Ao nível do **Som**, o aluno obteve uma avaliação média de 3.38, obtendo a classificação de Satisfaz (3);
- Relativamente ao nível da **Flexibilidade**, o aluno obteve uma avaliação média de 3.50, ou seja, Satisfaz Bem (4);
- Quanto ao nível do **Registo**, o aluno obteve uma avaliação média de 3.50, ficando assim com a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno obteve uma avaliação média de 3.25, obtendo a classificação de Satisfaz (3);
- Por último, ao nível da **Articulação**, o aluno obteve uma avaliação média de 3.38, obtendo a classificação de Satisfaz (3).

Área \ Aula									Média
	1	2	3	4	5	6	7	8	
1.Som	3	4	4	3	2	3	4	4	3.38
2.Flexibilidade	3	4	4	3	3	3	4	4	3.50
3.Registo	4	4	4	4	2	3	3	4	3.50
4.Técnica	2	3	3	4	3	3	4	4	3.25
5.Articulação	3	3	4	4	3	3	3	4	3.38

Fig.75 – Tabela das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno E.

Realizando a média aritmética referentes às classificações obtidas nas cinco áreas, o aluno obtém uma classificação final de Satisfaz (3), uma vez que,

$$X = \frac{3.38 + 3.50 + 3.50 + 3.25 + 3.38}{5} = 3.40$$

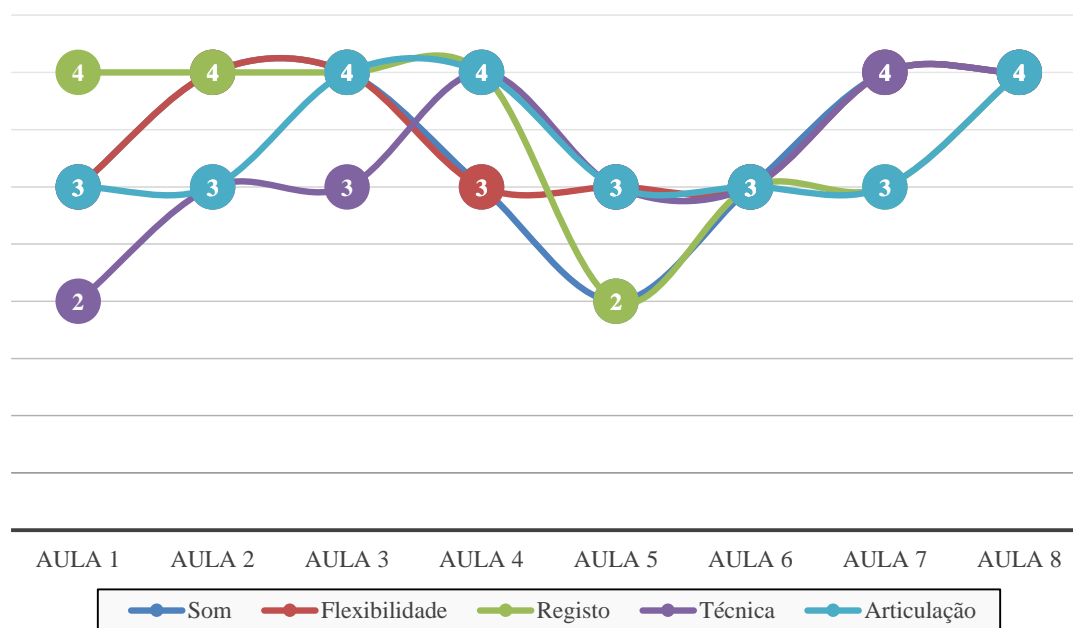


Fig.76 – Gráfico das classificações referentes aos exercícios realizados nas aulas, do aluno E.

4.6.2. Classificações referentes às atividades realizadas pelo grupo experimental (audições e provas de avaliação)

Aluno A

Através da observação da atividade “Audição”, realizada pelo aluno, entre os 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (cf. fig.77 e 78):

- Ao nível do **Som**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Quanto ao nível da **Flexibilidade**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Relativamente ao nível do **Registo**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz Bem (4), para uma classificação de Satisfaz Plenamente (5);

- Por último, quanto ao nível da **Articulação**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz Bem (4), para uma classificação de Satisfaz Plenamente (5).

Com a observação da atividade “Prova de Avaliação”, realizada pelo aluno, nos 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (cf. fig.77 e 78):

- Ao nível do **Som**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Relativamente ao nível da **Flexibilidade**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz Bem (4), para uma classificação de Satisfaz Plenamente (5);
- Quanto ao nível do **Registo**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Plenamente (5);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz Bem (4), para uma classificação de Satisfaz Plenamente (5);
- Por último, ao nível da **Articulação**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Plenamente (5).

Área \ Atividade	Audições		Provas de avaliação	
	2.º Período	3.º Período	2.º Período	3.º Período
1.Som	4	4	4	4
2.Flexibilidade	4	4	4	5
3.Registo	4	4	5	5
4.Técnica	4	5	4	5
5.Articulação	4	5	5	5

Fig.77 – Tabela das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno A.

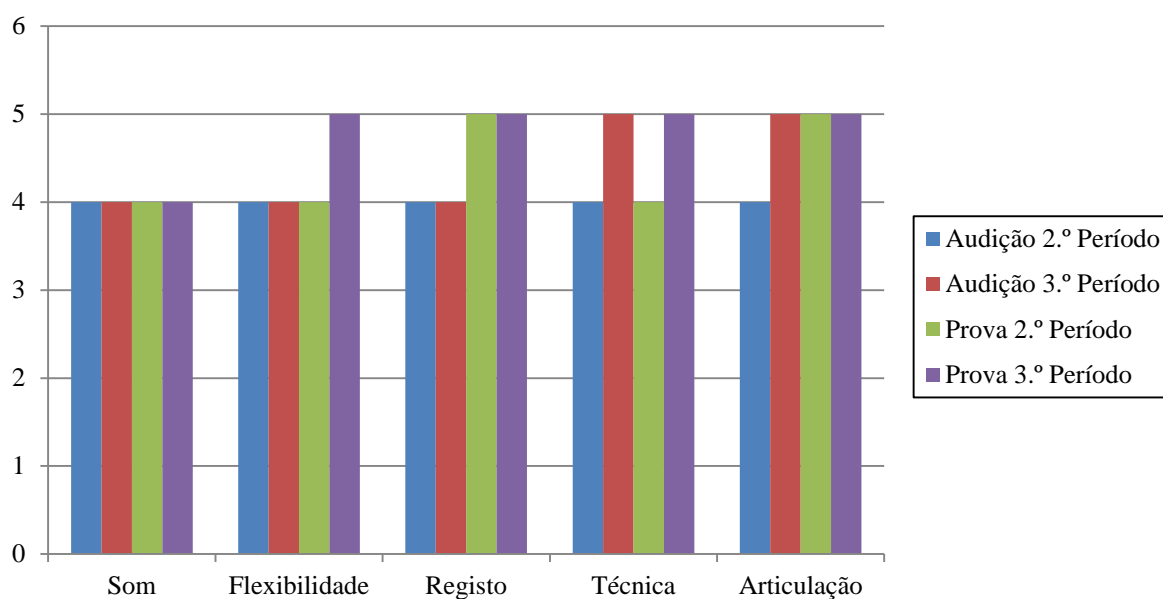


Fig.78 – Gráfico das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno A.

Aluno B

Através da observação da atividade “Audição”, realizada pelo aluno, entre os 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (*cf.* fig.79 e 80):

- Ao nível do **Som**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Quanto ao nível da **Flexibilidade**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Plenamente (5);
- Relativamente ao nível do **Registo**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bastante (4);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz Bem (4), para uma classificação de Satisfaz Plenamente (5);
- Por último, quanto ao nível da **Articulação**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4).

Com a observação da atividade “Prova de Avaliação”, realizada pelo aluno, nos 2.º e 3.º período, obteve-se os seguintes resultados (*cf.* fig.79 e 80):

- Ao nível do **Som**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Relativamente ao nível da **Flexibilidade**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Quanto ao nível do **Registo**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bastante (4);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Por último, quanto ao nível da **Articulação**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4).

Área	Atividade	Audições		Provas de avaliação	
		2.º Período	3.º Período	2.º Período	3.º Período
1.	Som	4	4	4	4
2.	Flexibilidade	3	5	3	4
3.	Registo	3	4	3	4
4.	Técnica	4	5	3	4
5.	Articulação	3	4	3	4

Fig.79 – Tabela das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno B.

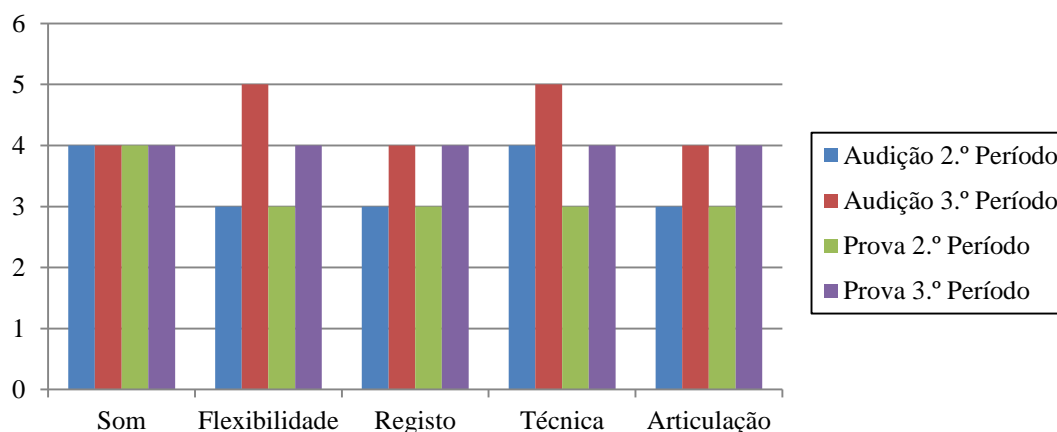


Fig.80 – Gráfico das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno B.

Aluno C

Quanto ao aluno C, através da observação da atividade “Audição”, realizada pelo aluno, nos 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (cf. fig.81 e 82):

- Ao nível do **Som**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Quanto ao nível da **Flexibilidade**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Relativamente ao nível do **Registo**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz Bem (4), para uma classificação de Satisfaz Plenamente (5);
- Por último, ao nível da **Articulação**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4).

Com a observação da atividade “Prova de Avaliação”, realizada pelo aluno, nos 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (cf. fig.81 e 82):

- Ao nível do **Som**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz Bem (4), para uma classificação de Satisfaz Plenamente (5);
- Quanto ao nível da **Flexibilidade**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz Bem (4), para uma classificação de Satisfaz Plenamente (5);
- Relativamente ao nível do **Registo**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz Bem (4), para uma classificação de Satisfaz Plenamente (5);
- Por último, ao nível da **Articulação**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4).

Área	Atividade	Audições		Provas de avaliação	
		2º Período	3º Período	2º Período	3º Período
	1.Som	4	4	4	5
	2.Flexibilidade	4	4	4	5
	3.Registo	4	4	4	4
	4.Técnica	4	5	4	5
	5.Articulação	4	4	4	4

Fig.81 – Tabela das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno C.

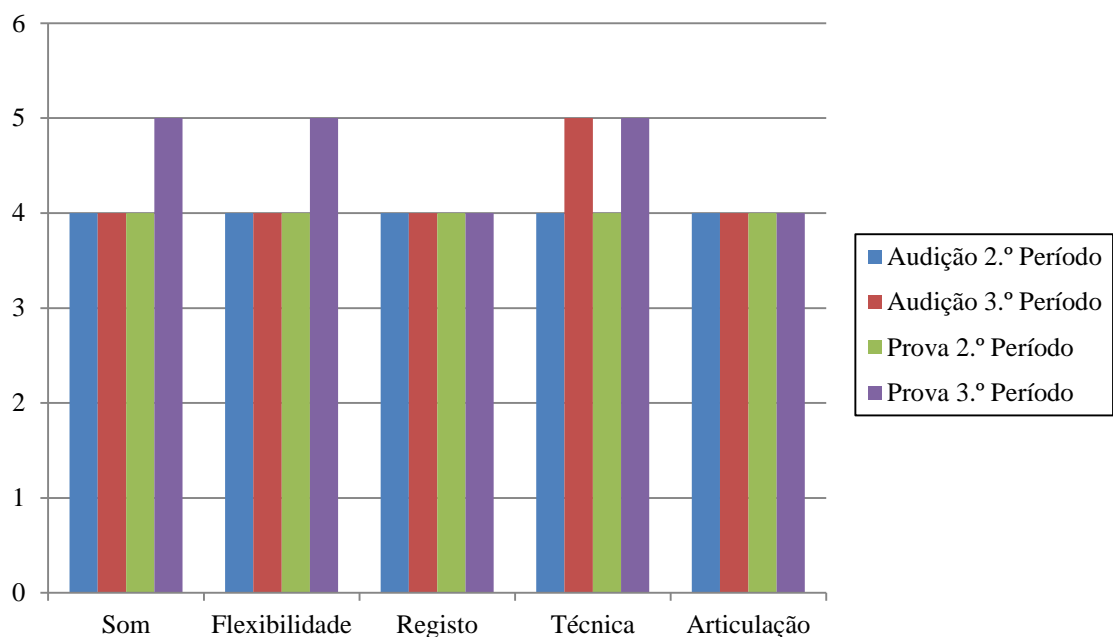


Fig.82 – Gráfico das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno C.

Aluno D

Passando agora ao aluno D, através da observação da atividade “Audição”, realizada pelo aluno, entre os 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (*cf.* fig.83 e 84):

- Ao nível do **Som**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Quanto ao nível da **Flexibilidade**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Pouco (2);

- Relativamente ao nível do **Registo**, o aluno regrediu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Pouco (2);
- Ao nível da **Técnica**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3);
- Por último, relativamente ao nível da **Articulação**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3).

Com a observação da atividade “Prova de Avaliação”, realizada pelo aluno, entre os 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (*cf.* fig.83 e 84):

- Ao nível do **Som**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Quanto ao nível da **Flexibilidade**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz Pouco (2), para uma classificação de Satisfaz (3);
- Relativamente ao nível do **Registo**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Por último, quanto ao nível da **Articulação**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4).

Área \ Atividade	Audições		Provas de avaliação	
	2º Período	3º Período	2º Período	3º Período
1.Som	3	4	3	4
2.Flexibilidade	2	2	2	3
3.Registo	3	2	3	3
4.Técnica	3	3	3	4
5.Articulação	3	3	3	4

Fig.83 – Tabela das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno D.

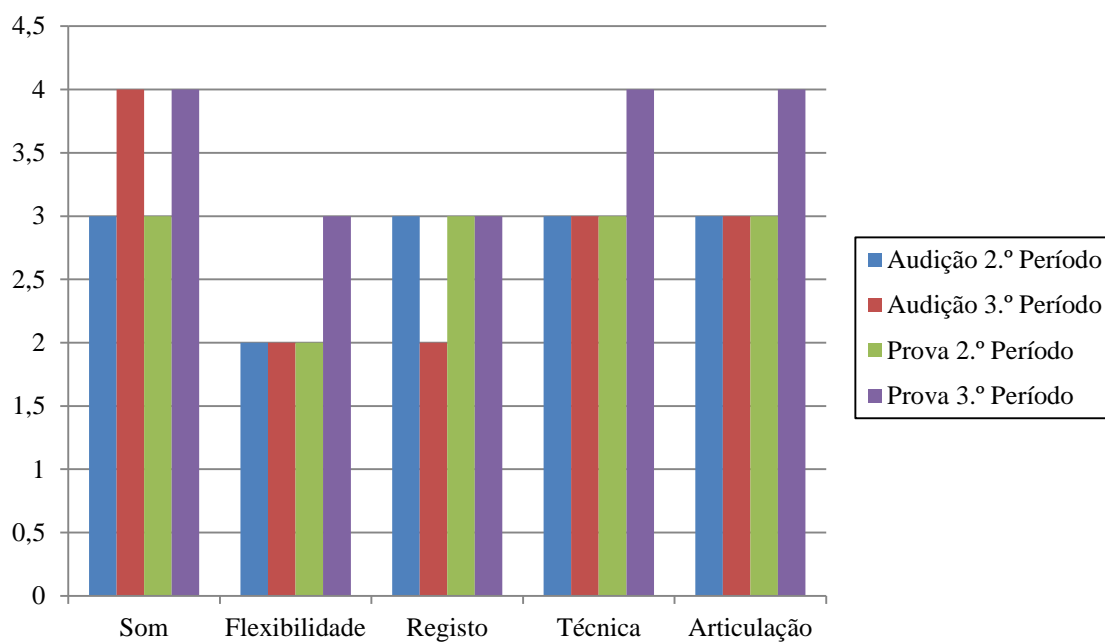


Fig.84 – Gráfico das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno D.

Aluno E

Quanto ao aluno E, através da observação da atividade “Audição”, realizada pelo aluno, entre os 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (*cf.* fig. 85 e 86):

- Ao nível do **Som**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Quanto ao nível da **Flexibilidade**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Relativamente ao nível do **Registo**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Por último, quanto ao nível da **Articulação**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4).

Através da observação da atividade “Prova de Avaliação”, realizada pelo aluno, nos 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (cf. fig.85 e 86):

- Ao nível do **Som**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Relativamente ao nível da **Flexibilidade**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Passando ao nível do **Registo**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Relativamente ao nível da **Técnica**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Por último, quanto ao nível da **Articulação**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz Bem (4).

Área	Atividade	Audições		Provas de avaliação	
		2º Período	3º Período	2º Período	3º Período
1.Som		3	4	4	4
2.Flexibilidade		3	4	3	4
3.Registo		4	4	4	4
4.Técnica		4	4	3	4
5.Articulação		4	4	4	4

Fig.85 – Tabela das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno E.

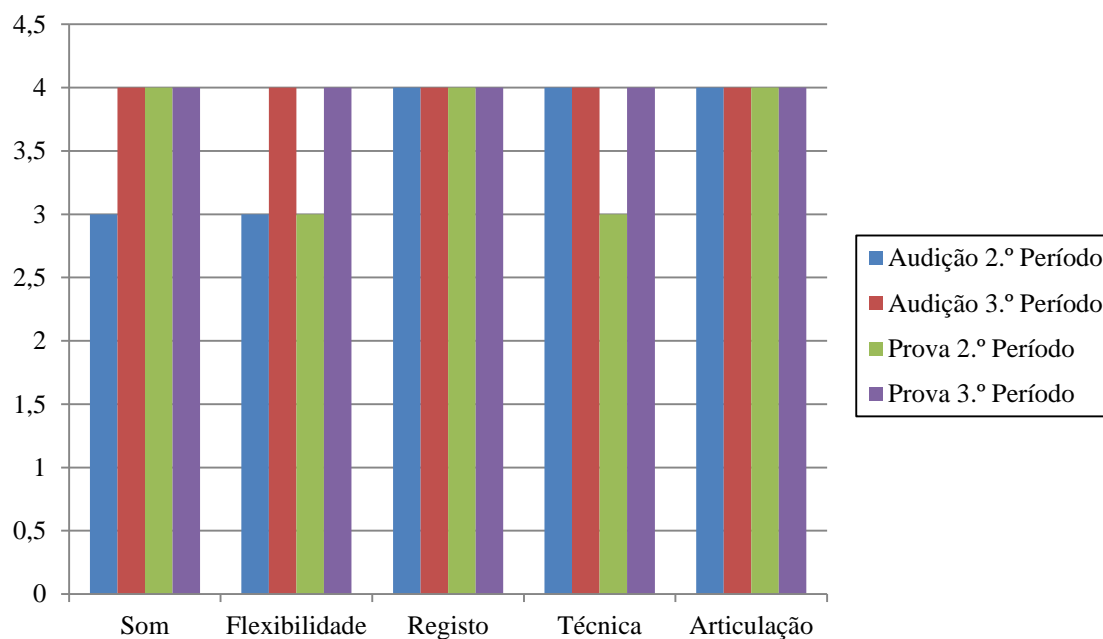


Fig.86 – Gráfico das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno E.

4.6.3. Classificações referentes às atividades realizadas pelo grupo de controlo (audições e provas de avaliação)

Aluno 1

Na atividade “Audição”, não é possível fazer uma comparação entre os 2.º e 3.º períodos, pois o aluno não participou na Audição do 3.º período (cf. fig.87 e 88).

Através da observação da atividade “Prova de Avaliação”, realizada pelo aluno, entre os 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (cf. fig.87 e 88):

- Ao nível do **Som**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3);
- Relativamente ao nível da **Flexibilidade**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3);
- Quanto ao nível do **Registo**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno regrediu de uma classificação de Satisfaz Bem (4), para uma classificação de Satisfaz (3);
- Por último, ao nível da **Articulação**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3).

Área \ Atividade	Audições		Provas de avaliação	
	2.º Período	3.º Período	2.º Período	3.º Período
1.Som	3	S.E.A. ⁹	3	3
2.Flexibilidade	3	S.E.A. ⁹	3	3
3.Registo	3	S.E.A. ⁹	3	3
4.Técnica	4	S.E.A. ⁹	4	3
5.Articulação	3	S.E.A. ⁹	3	3

Fig.87 – Tabela das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno 1.

⁹ Sem elementos de avaliação.

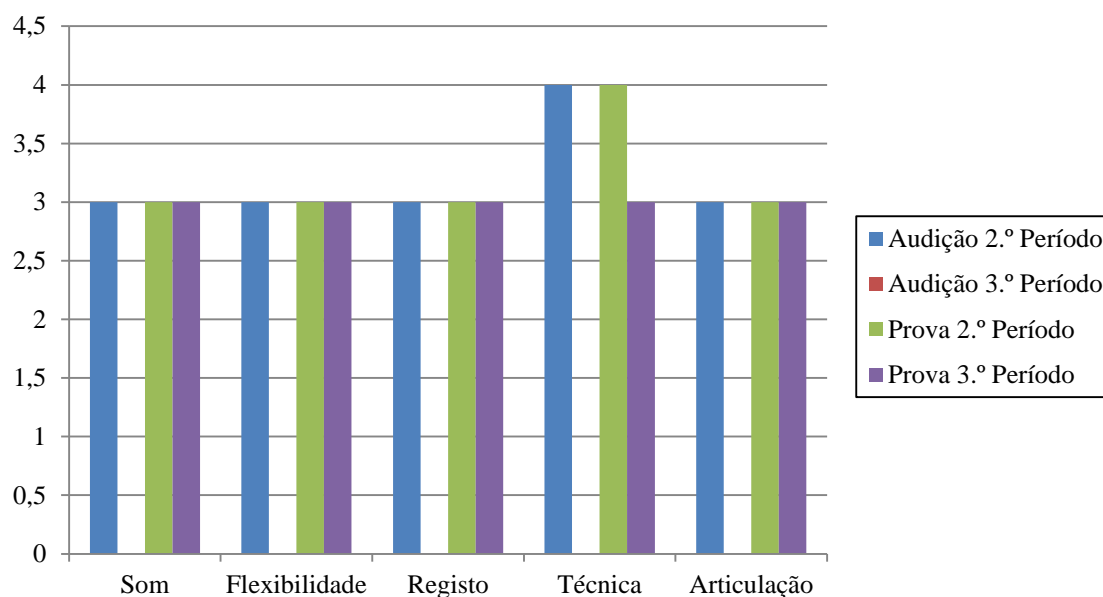


Fig.88 – Gráfico das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno 1.

Aluno 2

Na atividade “Audição”, não é possível fazer uma comparação entre os 2.º e 3.º períodos, pois o aluno não participou na Audição do 3.º período (*cf.* fig.89 e 90).

Através da observação da atividade “Prova de Avaliação”, realizada pelo aluno, entre os 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (*cf.* fig.89 e 90):

- Ao nível do **Som**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3);
- Relativamente ao nível da **Flexibilidade**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3);
- Quanto ao nível do **Registo**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno regrediu de uma classificação de Satisfaz Bem (4), para uma classificação de Satisfaz (3);
- Por último, ao nível da **Articulação**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3).

Área \ Atividade	Audições		Provas de avaliação	
	2.º Período	3.º Período	2.º Período	3.º Período
1.Som	3	S.E.A. ¹⁰	3	2
2.Flexibilidade	2	S.E.A. ¹⁰	2	2
3.Registo	3	S.E.A. ¹⁰	3	2
4.Técnica	3	S.E.A. ¹⁰	3	3
5.Articulação	3	S.E.A. ¹⁰	3	3

Fig.89 – Tabela das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno 2.

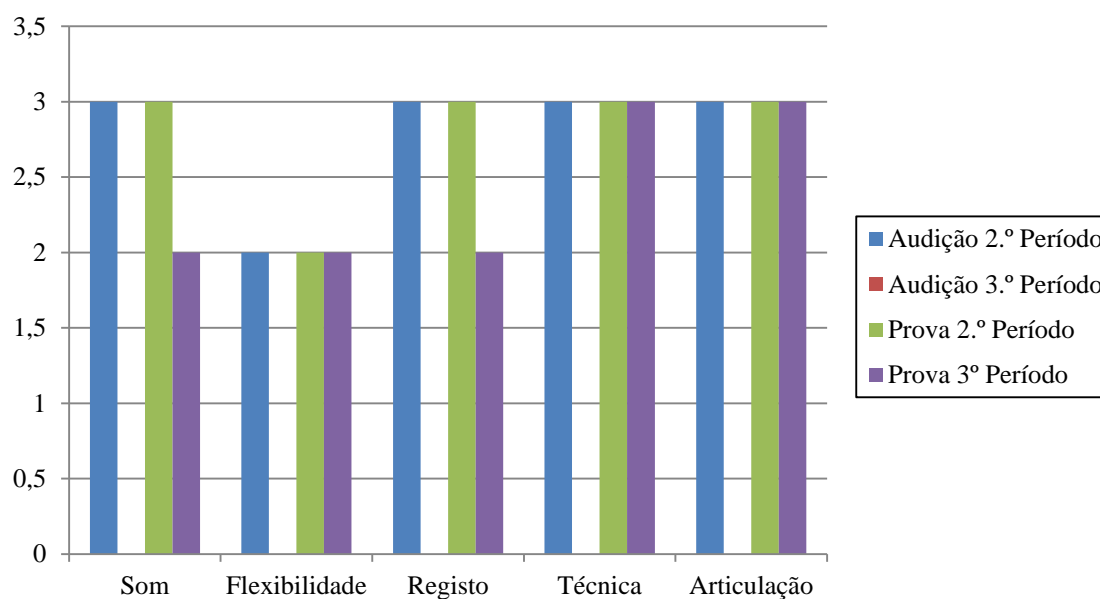


Fig.90 – Gráfico das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno 2.

Aluno 3

Através da observação da atividade “Audição”, realizada pelo aluno, entre os 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (cf. fig.91 e 92):

- Ao nível do **Som**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Relativamente ao nível da **Flexibilidade**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3);

¹⁰ Sem elementos de avaliação.

- Quanto ao nível do **Registo**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3);
- Por último, ao nível da **Articulação**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3).

Através da observação da atividade “Prova de Avaliação”, realizada pelo aluno, entre os 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (cf. fig.91 e 92):

- Ao nível do **Som**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Relativamente ao nível da **Flexibilidade**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3);
- Quanto ao nível do **Registo**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3);
- Passando ao nível da **Técnica**, o aluno evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Por último, ao nível da **Articulação**, o aluno manteve a classificação de Satisfaz (3).

Área \ Atividade	Audições		Provas de avaliação	
	2.º Período	3.º Período	2.º Período	3.º Período
1.Som	3	4	3	4
2.Flexibilidade	3	3	3	3
3.Registo	3	4	3	3
4.Técnica	3	3	3	4
5.Articulação	3	3	3	3

Fig.91 – Tabela das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno 3.

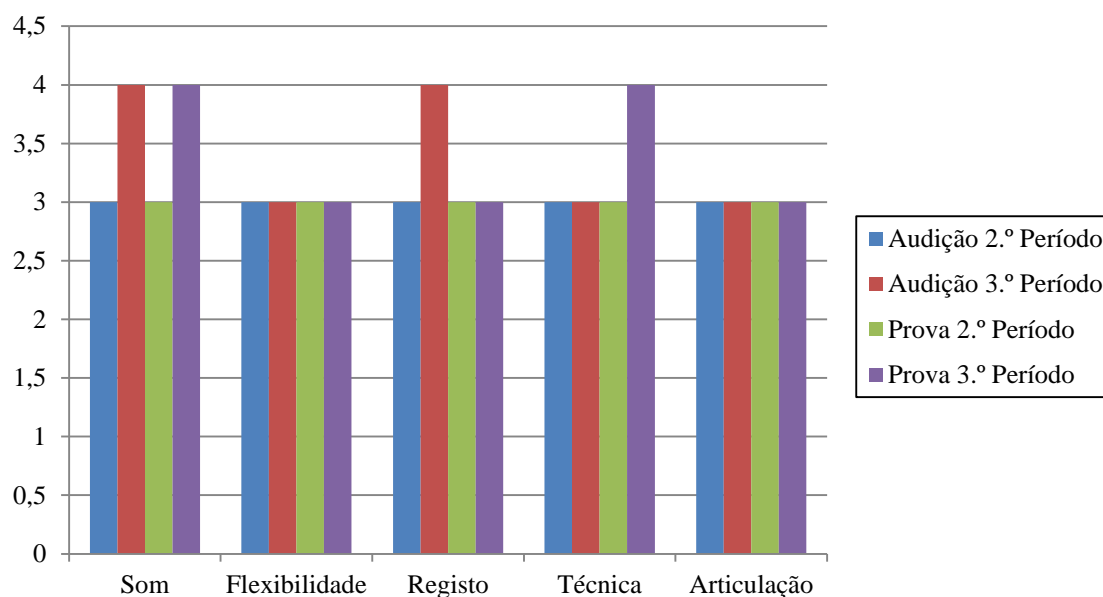


Fig.92 – Gráfico das classificações referentes às atividades realizadas, do aluno 3

4.6.4. Comparação das classificações referentes às atividades realizadas pelo grupo experimental e pelo grupo de controlo (audições e provas de avaliação)

Neste subtópico, irei fazer uma comparação das classificações obtidas pelos alunos do grupo de controlo e do grupo experimental. Para tal, comparei de forma aleatória os alunos do mesmo grau.

Aluno 1 *versus* Aluno D

Na atividade “Audição”, não é possível fazer uma comparação entre os dois alunos, pois o aluno 1 não participou na Audição do 3.º período (*cf.* fig.93).

Área \ Atividade	Audições			
	2.º Período		3.º Período	
	Aluno 1	Aluno D	Aluno 1	Aluno D
1.Som	3	3	S.E.A. ¹¹	4
2.Flexibilidade	3	2	S.E.A. ¹¹	2
3.Registo	3	3	S.E.A. ¹¹	2
4.Técnica	4	3	S.E.A. ¹¹	3
5.Articulação	3	3	S.E.A. ¹¹	3

Fig.93 – Tabela de comparação da evolução dos alunos 1 e D, nas audições.

Através da observação da atividade “Prova de Avaliação”, realizada pelos alunos, entre os 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (cf. fig.94):

- Ao nível do **Som**, enquanto o aluno 1 manteve a classificação de Satisfaz (3), o aluno D evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Relativamente ao nível da **Flexibilidade**, enquanto o aluno 1 manteve a classificação de Satisfaz (3), o aluno D evoluiu de uma classificação de Satisfaz Pouco (2), para uma classificação de Satisfaz (3);
- Quanto ao nível do **Registo**, ambos os alunos mantiveram a classificação de Satisfaz (3);
- Passando ao nível da **Técnica**, enquanto o aluno 1 regrediu de uma classificação de Satisfaz Bem (4), para uma classificação de Satisfaz (3), enquanto que, o aluno D evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Por último, ao nível da **Articulação**, o aluno 1 manteve a classificação de Satisfaz (3) e, o aluno D evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4).

¹¹ Sem elementos de avaliação.

Atividade Área	Provas de Avaliação			
	2.º Período		3.º Período	
	Aluno 1	Aluno D	Aluno 1	Aluno D
1.Som	3	3	3	4
2.Flexibilidade	3	2	3	3
3.Registo	3	3	3	3
4.Técnica	4	3	3	4
5.Articulação	3	3	3	4

Fig. 94 – Tabela de comparação da evolução dos alunos 1 e D, nas provas de avaliação.

Aluno 2 versus Aluno A

Na atividade “Audição”, não é possível fazer uma comparação entre os dois alunos, visto que, o aluno 2 não participou na Audição do 3.º período (*cf.* fig.95).

Atividade Área	Audições			
	2.º Período		3.º Período	
	Aluno 2	Aluno A	Aluno 2	Aluno A
1.Som	3	4	S.E.A. ¹²	4
2.Flexibilidade	2	4	S.E.A. ¹²	4
3.Registo	3	4	S.E.A. ¹²	4
4.Técnica	3	4	S.E.A. ¹²	5
5.Articulação	3	4	S.E.A. ¹²	5

Fig.95 – Tabela de comparação da evolução dos alunos 2 e A, nas audições.

Através da observação da atividade “Prova de Avaliação”, realizada pelos alunos, entre os 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (*cf.* fig.96):

¹² Sem elementos de avaliação.

- Ao nível do **Som**, enquanto o aluno 2 regrediu de uma classificação Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Pouco (2), o aluno A manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Relativamente ao nível da **Flexibilidade**, o aluno 2 manteve a classificação de Satisfaz Pouco (2) e, o aluno A evoluiu de uma classificação de Satisfaz Bem (4), para uma classificação de Satisfaz Plenamente (5);
- Quanto ao nível do **Registo**, o aluno 2 regrediu de uma classificação Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Pouco (2), o aluno A manteve a classificação de Satisfaz Plenamente (5);
- Passando ao nível da **Técnica**, enquanto o aluno 2 manteve a classificação de Satisfaz (3), o aluno A evoluiu de uma classificação de Satisfaz Bem (4), para uma classificação de Satisfaz Plenamente (5);
- Por último, ao nível da **Articulação**, enquanto o aluno 2 manteve a classificação de Satisfaz (3), o aluno A manteve a classificação de Satisfaz Plenamente (5).

Atividade Área	Provas de Avaliação			
	2.º Período		3.º Período	
	Aluno 2	Aluno A	Aluno 2	Aluno A
1.Som	3	4	2	4
2.Flexibilidade	2	4	2	5
3.Registo	3	5	2	5
4.Técnica	3	4	3	5
5.Articulação	3	5	3	5

Fig.96 – Tabela de comparação da evolução dos alunos 2 e A, nas provas de avaliação.

Aluno 3 versus Aluno B

Através da observação da atividade “Audição”, realizada pelos alunos, entre os 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (*cf.* fig.97):

- Ao nível do **Som**, enquanto o aluno 3 evoluiu de uma classificação Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4), o aluno B manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);
- Relativamente ao nível da **Flexibilidade**, o aluno 3 manteve a classificação de Satisfaz (3) e, o aluno B evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Plenamente (5);
- Quanto ao nível do **Registo**, ambos os alunos evoluíram de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Passando ao nível da **Técnica**, enquanto o aluno 3 manteve a classificação de Satisfaz (3), o aluno B evoluiu de uma classificação de Satisfaz Bem (4), para uma classificação de Satisfaz Plenamente (5);
- Por último, ao nível da **Articulação**, enquanto o aluno 3 manteve a classificação de Satisfaz (3), o aluno B evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4).

Atividade Área	Audições			
	2.º Período		3.º Período	
	Aluno 3	Aluno B	Aluno 3	Aluno B
1.Som	3	4	4	4
2.Flexibilidade	3	3	3	5
3.Registo	3	3	4	4
4.Técnica	3	4	3	5
5.Articulação	3	3	3	4

Fig.97 – Tabela de comparação da evolução dos alunos 3 e B, nas audições.

Através da observação da atividade “Prova de Avaliação”, realizada pelos alunos, entre os 2.º e 3.º períodos, obteve-se os seguintes resultados (*cf.* fig.98):

- Ao nível do **Som**, enquanto o aluno 3 evoluiu de uma classificação Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4), o aluno B manteve a classificação de Satisfaz Bem (4);

- Relativamente ao nível da **Flexibilidade**, enquanto o aluno 3 manteve a classificação de Satisfaz (3), o aluno B evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Quanto ao nível do **Registo**, o aluno 3 manteve a classificação de Satisfaz (3) e, o aluno B evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Passando ao nível da **Técnica**, ambos os alunos evoluíram de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4);
- Por último, ao nível da **Articulação**, enquanto o aluno 3 manteve a classificação de Satisfaz (3), o aluno B evoluiu de uma classificação de Satisfaz (3), para uma classificação de Satisfaz Bem (4).

Atividade Área	Provas de Avaliação			
	2.º Período		3.º Período	
	Aluno 3	Aluno B	Aluno 3	Aluno B
1.Som	3	4	4	4
2.Flexibilidade	3	3	3	4
3.Registo	3	3	3	4
4.Técnica	3	3	4	4
5.Articulação	3	3	3	4

Fig.98 – Tabela de comparação da evolução dos alunos 3 e B, nas provas de avaliação.

Após concluída a análise e discussão dos dados obtidos posso verificar que, se denotam diferenças entre o grupo de controlo e o grupo experimental (*cf.* Conclusão). No próximo capítulo, irei avaliar o meu instrumento pedagógico (sebenta), que concebi.

Capítulo 5 – Avaliação do instrumento pedagógico

Para avaliar o instrumento pedagógico (sebenta) que concebi, recorri ao Modelo Hierárquico de Donald KirkPatrick (2005), o qual tem como finalidade medir a qualidade da intervenção formativa, neste caso, do instrumento pedagógico que elaborei, recorrendo à análise de quatro níveis de avaliação (fig.95):

- ↳ Nível 1 – **avaliação das reações dos participantes** (de que forma os participantes ficaram satisfeitos com a intervenção formativa?);
- ↳ Nível 2 – **avaliação das aprendizagens dos participantes** (como ocorreram as aprendizagens?);
- ↳ Nível 3 – **avaliação dos comportamentos dos participantes** (as aprendizagens adquiridas foram transferidas para os contextos escolares?);
- ↳ Nível 4 – **avaliação dos resultados da formação** (de que forma a aplicação dos novos saberes provocaram mudanças no desempenho dos alunos?).

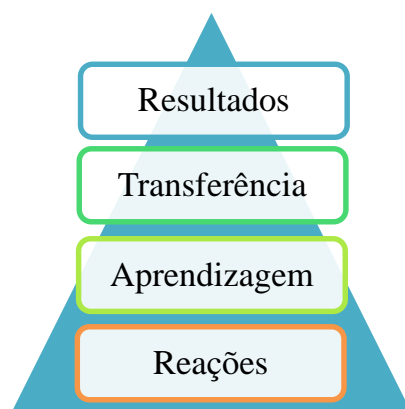


Fig.99 - Modelo Hierárquico de KirkPatrick (2005).

Todos os níveis são importantes e tem impacto no nível seguinte. À medida que se avança de nível no modelo hierárquico de KirkPatrick a avaliação torna-se mais rigorosa e complexa. Nenhum nível deve de ser ignorado, pelo facto de, se considerar o nível seguinte mais relevante.

No nível 1, o das **Reações**, tem como finalidade avaliar as reações dos participantes, para que os(as) formadores(as) perceberem quais as suas expetativas face à atividade em causa; preparar as práticas formativas, tendo em atenção as necessidades do público-alvo; e, encontrar detetar disfuncionalidades no sistema de formação (para uma futura melhoria). Para proceder à sua averiguação, no meu instrumento pedagógico, recorri à elaboração de um questionário acerca do grau de satisfação/reações para aplicar antes e depois da implementação do meu instrumento pedagógico (*cf.* anexo VI e XI). Na construção do questionário tive em conta alguns aspetos, como por exemplo: expetativas iniciais; objetivos de aprendizagem; desempenho do formador; conteúdos programáticos; entre outros (IQF¹³, 2006).

O nível 2, o da **Aprendizagem**, tem como objetivo avaliar os acontecimentos durante a ação, ou seja, os alunos devem de demonstrar na prática as competências e aptidões adquiridas. Neste nível, através do meu instrumento pedagógico, pretendo perceber a relação que os alunos têm com os conceitos a tratar, para tal, vou fazê-lo através da observação direta, analisando a evolução dos alunos nas aulas (*cf.* pp.59-67).

No nível 3, o da **Transferência**, remete para o momento após a realização da ação (neste caso da aplicação do instrumento pedagógico). Este nível tem como finalidade, perceber em que medida os alunos transferem as aprendizagens adquiridas para o seu quotidiano. A verificação desta transferência de aprendizagens vai ser assegurada pelos questionários que foram preenchidos pelos alunos ao longo das aulas (*cf.* anexo VII, VIII, IX e X).

No nível 4, o dos **Resultados**, pretende avaliar o impacto da sebenta nos resultados académicos dos alunos, ou seja, pretende-se saber com precisão se há aplicação das novas competências/saberes por parte do grupo-alvo. Neste nível, a recolha de informação para continuar com a avaliação, é mais demorada e complexa, em relação aos níveis anteriores. No meu instrumento pedagógico este nível será avaliado através de um grupo de controlo com

¹³ Instituto para a Qualidade na Formação

um grupo experimental, onde os procedimentos de recolha de informação sobre o nível dos resultados passam pela elaboração de uma análise dos resultados escolares, e acompanhar os alunos ao longo do período. Comparando depois os resultados dos dois grupos (*cf.* pp.80-85).

Conclusão

O presente trabalho de investigação experimental pretendia analisar se a implementação de uma sebenta, auxiliaria o aluno no estudo de casa e, conseqüentemente, se haveria uma melhoria dos resultados académicos, mais concretamente a Trompete.

Após concluída a investigação experimental (com grupo de controlo) e realizada a análise dos resultados obtidos (questionários, observações diretas e atividades realizadas pelos alunos), concluo que se evidenciam evoluções favoráveis no grupo experimental (ou seja, os alunos que utilizaram a sebenta, como método de estudo), em comparação com o grupo de controlo. Permitindo isto, responder à minha questão de investigação, nomeadamente “será que a implementação de uma sebenta irá auxiliar e facilitar no estudo da Trompete?”, à qual respondo afirmativamente, isto é, que a utilização da sebenta enquanto método auxiliador ao estudo em casa, leva a que os alunos criem a sua rotina de estudo e melhorem o seu desempenho na Trompete. Sendo ainda pertinente salientar que, o presente estudo foi um “estudo piloto”, ou seja, com um *n* pequeno.

Os alunos manifestaram bastante satisfação face à utilização da sebenta, pois tinham o plano de estudo mais organizado, tal como defendia Prieto (2005) e Estanqueiro (2008); e, sentiam-se mais motivados para estudar. Estes dois fatores, levaram a efeitos positivos nos seus desempenhos académicos (a nível da disciplina de Trompete) em comparação com o grupo de controlo, no qual, não se evidenciaram os mesmos rendimentos.

Para chegar a estas conclusões, tive por base a comparação das notas obtidas pelos alunos em cada momento de avaliação e no final do período; e, da observação direta das aulas dos referidos alunos (tanto do grupo de controlo, como os do grupo experimental), no ano letivo 2012/2013, numa escola oficial de Música do Norte (Distrito do Porto) e uma outra escola, também oficial, da zona Centro (Distrito de Coimbra).

Parece-me ainda pertinente realçar, que um dos alunos que usou a sebenta, no início deste ano letivo (2013/2014), perguntou se poderia disponibilizar a sebenta para este ano letivo. Demonstrando isto, o impacto que a mesma teve.

Uma outra situação que se verificou foi que quando há um maior acompanhamento por parte dos pais e/ou encarregados de educação, verifica-se um melhor cumprimento das tarefas propostas (pois, os pais consultavam a sebenta e incentivavam ou motivavam os filhos/educandos a estudar), indo isto ao encontro da ideia de Sheehan (2007), que defende o apoio dos pais no estudo.

Não só os pais, mas também os professores devem de encorajar os alunos no estudo pois, como defende Freeby (2003), os alunos nem sempre têm a noção do que devem praticar, daí a pertinência da sebenta.

Em jeito de conclusão, para se obter melhores resultados, não é a quantidade de vezes que se executa um exercício, uma escala, um estudo ou uma peça, mas sim a concentração que se deposita na sessão de estudo, para obter uma maior qualidade de execução, indo isto ao encontro do ditado popular “mais vale pouco e bem, do que muito e mal”.

Bibliografia

- Almeida, L. & Freire, T. (2003). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Arban, J. (2007). *Arban's complete conservatory method for trumpet (cornet)*. New York: Carl Fisher, Inc.
- Barreira, C. (2009). O contributo dos modelos de KirkPatrick e de Stufflebeam para o desenvolvimento de uma estratégia avaliativa do processo formativo. In: *Actas do X Congresso de Ciências da Educação*. Bragança: Instituto Politécnico.
- Bowman, J. (2003). A quick lesson in correct breathing for young trumpet players. *International Trumpet Guild Journal jr.*, 2 (1), 2-3.
- Cansler, P. (2009). Trumpet practice ideas. *International Trumpet Guild Journal jr.*, 1 (6), 2-3.
- Chichowicz, V. (2013). *Vicent Chichowicz flow studies – volume one*. Evanston: Studio 259 Productions.
- Clarke, H. (1984). *Technical studies for the cornet*. New York: Carl Fisher, Inc.
- Colin, C. (1972). *Advanced lip flexibilities*. Tapan: Charles Colin Pub.
- Collins, A. (2005). Music and extracurriculars: a balancing act. *International Trumpet Guild Journal jr.*, 2 (3), 3.
- Copetti, A., Zanetti, A. & Camargo, M. (2011). A música enquanto instrumento de aprendizagem significativa: a arte dos sons. In: *XVI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão – 4 a 6 de outubro de 2011*. Cruz Alta: Universidade de Cruz Alta.
- Craswell, B. (2010). Covering the basics. *International Trumpet Guild Journal*, 2 (35), 62.

- Decker, C. (2007). Ten practice myths. *International Trumpet Guild Journal jr.*, 1 (5), 3-4.
- Estanqueiro, A. (2008). *Aprender a estudar*. Lisboa: Texto Editores.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.
- Figari, G. (1996). *Avaliar: que referencial?*. Porto: Porto Editora.
- Freeby, S. (2003). Thirty-minute practice routine. *International Trumpet Guild Journal jr.*, 1 (1), 1-2.
- Gage, J. (s/d). *Brass players – aquecimento & guia prático – trompete*. São Paulo: Irmãos Vitale Editores.
- Getchell, R. (1976). *First book of practical studies for cornet and trumpet*. Miami: Belwin Mills Publishing Corporation.
- Goff, B. (2007). Two tips of better trumpet playing: practice habits and scales. *International Trumpet Guild Journal jr.*, 1 (5), 4.
- Goldman, E. (1921). *Practical studies for the cornet (and trumpet)*. New York: Carl Fisher, Inc.
- Gordon, C. (1968). *Systematic approach to daily practice for trumpet*. New York: Carl Fisher, Inc.
- Hallam, S. (1995). Professional musicians' orientations to practice: implications for teaching. *B. F. Music*, 12(1), 3-19.
- Hallam, S. (2006). Teachers and teaching. *Music Psychology in Education*. 166-178.
- Hørven, V. (2003). New year's resolution: goal setting. *International Trumpet Guild Journal jr.*, 1 (1). 2.

- Instituto para a Qualidade na Formação. (2004). *Guia para a conceção de cursos e materiais pedagógicos*. Lisboa: IQF.
- Instituto para a Qualidade na Formação. (2006). *Guia para a avaliação da formação*. Lisboa: IQF.
- KirkPatrick, D. & KirkPatrick, J. (2005). *Evaluating training programs. The four levels*. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers.
- Kirkpatrick, D. (1959). Techniques for evaluating training programs. *Journal of ASTD*, 13 (11), 3-9.
- Lewis, E. (2008). Throwing the baby out with the bath water. *International Trumpet Guild Journal jr.*, 1 (6), 2.
- Lin, B. (1996). *Lip flexibilities for all brass players*. Montrose: Balquhiddar Music.
- Madeja, J. (2013). Daily routine: the key component of trumpet practice. *International Trumpet Guild Journal*, 2 (37), 71.
- Miles, M. & Huberman, A. (1994). *Qualitative data analysis. An expanded sourcebook*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Nagel, R. (1975). *Speed studies*. Albuquerque: Mentor Music, Inc.
- Pereira, M. (2011). *Motivação dos alunos no ensino especializado da música - Implementação de uma ferramenta metodológica*. Aveiro: Universidade de Aveiro. – Dissertação de Mestrado.
- Pfaff, T. (1989). Monster music: violinist Nigel Kennedy is ready for anything. *Strings*, Spring, 36-39.
- Pinto, A. (2004). Motivação para o estudo da música. *Revista 2004*, 6 (1), 33-44.
- Prieto, G. (2005). *Técnicas de estudio – el aprendizaje activo y positivo*. Madrid: Ediciones Pirámide.

- Sadie, S. (1980). *The new grove of music and musicians*. London: McMillan Publishers Limited.
- Schlossberg, M. (1959). *Daily drills and technical studies for trumpet*. Oyster Bay: M. Baron Co.
- Schwartz, B. (1983). *Great masters of the violin*. London: Robert Hale.
- Sheehan, M. (2007). My first year playing trumpet. *International Trumpet Guild Journal jr.*, 1 (5), 1.
- Simões, A. (1990). A investigação-ação: natureza e validade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXIV, 39-51.
- Sousa, B. (2012). *Planos quantitativos de investigação*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. – não publicado.
- Stamp, J. (2005). *Warm-ups & studies for trumpet and other brass instruments*. Vuarmarens: Editions Bim.
- Stufflebeam, D, & Shinkfield, A (1993). *Evaluación sistemática. Guia teórica y práctica*. Madrid: Paidós.
- Valadares, J. & Graça, M. (1998). *Avaliando para melhorar a aprendizagem*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- Vieira, C. (1995). *Investigação quantitativa e investigação qualitativa: uma abordagem comparativa*. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica apresentadas à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Vieira, C. & Oliveira, A. (2007). *Metodologia da Investigação Científica – Caderno de textos de apoio*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Vizzutti, A. (1991). *The Allen Vizzutti trumpet method, book 1 (technical studies)*. Van Nuys: Alfred Music.

Anexos

Anexo I – Sebenta;

Anexo II – Horário de estudo semanal;

Anexo III – Relógio;

Anexo IV – Questionário *online* dos professores;

Anexo V – Pedido de autorização aos pais e/ou encarregados de educação;

Anexo VI – Questionário das reações (antes da implementação) - questionário 1 aos alunos;

Anexo VII – Questionário 2 aos alunos;

Anexo VIII – Questionário 3 aos alunos;

Anexo IX – Questionário 4 aos alunos;

Anexo X – Questionário 5 aos alunos;

Anexo XI – Questionário das reações (depois da implementação) - questionário 6 aos alunos;

Anexo XII – Exercícios trabalhados nas aulas, para o 1.º Grau.

Anexo XIII – Exercícios trabalhados nas aulas, para o 2.º Grau

Anexo I – Sebenta



Plano de Estudo Semanal

Trompete

Sebenta do Trompetista

André Ribeiro

Identificação do Aluno

Esta Sebenta pertence a:

Academia / Conservatório / Escola de Música

Grau

Professor

2

Índice

AGENDA

Tempo de Estudo Semanal 4

Horário 5

Calendário 6

Avaliações e Tarefas 7

Trabalhos de Casa 8

Notas 12

PES

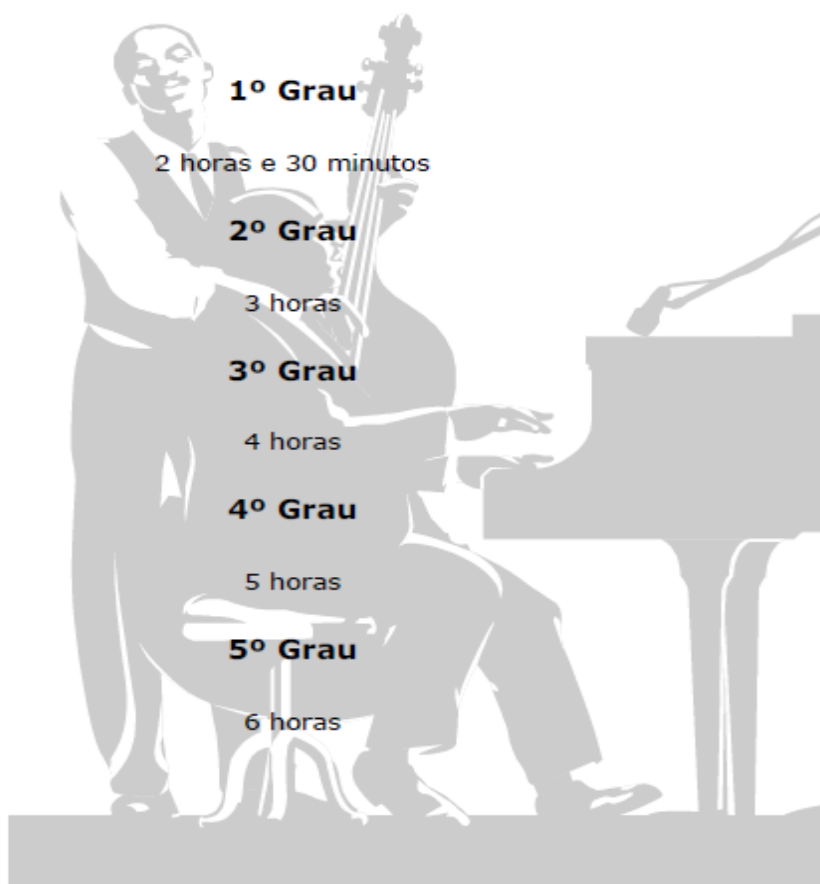
Plano de Estudo Semanal 14

ANEXOS

Lista de Livros 30

3

Tempo de Estudo Semanal



4

Horário

H	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
8							
9							
10							
11							
12							
13							
14							
15							
16							
17							
18							
19							
20							
21							
22							

5

Trabalhos de Casa

Data	Escalas	Estudos	Peças	Técnica-base	Próxima Aula

8

Trabalhos de Casa

Data	Escalas	Estudos	Peças	Técnica-base	Próxima Aula

9

Trabalhos de Casa

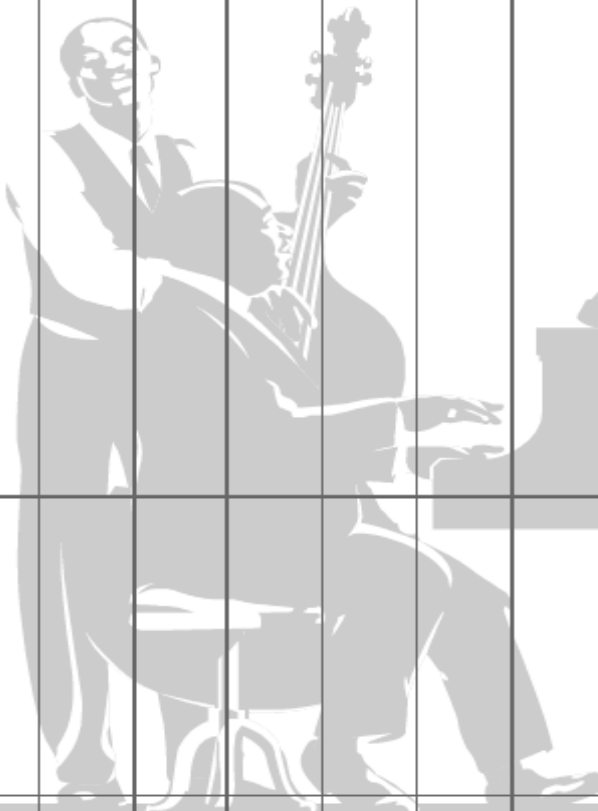
Próxima Aula							
Técnica-base							
Peças							
Estudos							
Escalas							
Data							

10

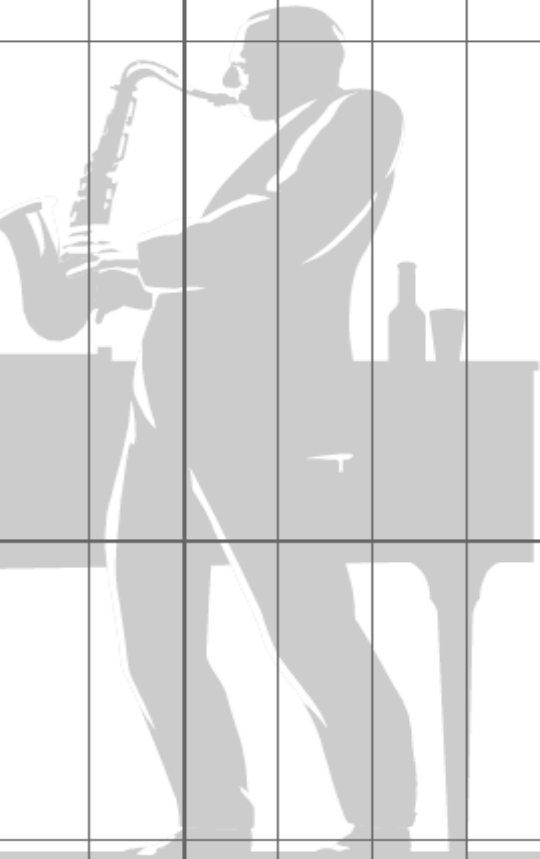
Trabalhos de Casa

Próxima Aula							
Técnica-base							
Peças							
Estudos							
Escalas							
Data							

11

Notas							
Ok							
Notas							
Exercício/Escala/Estudo/Peça							
Data							

12

Notas							
Ok							
Notas							
Exercício/Escala/Estudo/Peça							
Data							

13

Plano de Estudo Semanal 1

PES	1.Som	2.Flexibilidade	3.Registo	4.Técnica	5.Articulação	TOTAL
Dia 1						
Dia 2						
Dia 3						
Dia 4						
Dia 5						
Dia 6						
Dia 7						
TOTAL						

14

Plano de Estudo Semanal 1

PES	Livro	Exercícios	Dias
1.Som			
2.Flexibilidade			
3.Registo			
4.Técnica			
5.Articulação			

15

Plano de Estudo Semanal 2

PES	1.Som	2.Flexibilidade	3.Registo	4.Técnica	5.Articulação	TOTAL
Dia 1						
Dia 2						
Dia 3						
Dia 4						
Dia 5						
Dia 6						
Dia 7						
TOTAL						

16

Plano de Estudo Semanal 2

PES	Lívro	Exercícios	Dias
1.Som			
2.Flexibilidade			
3.Registo			
4.Técnica			
5.Articulação			

17

Plano de Estudo Semanal 3

PES	1.Som	2.Flexibilidade	3.Registo	4.Técnica	5.Articulação	TOTAL
Dia 1						
Dia 2						
Dia 3						
Dia 4						
Dia 5						
Dia 6						
Dia 7						
TOTAL						

18

Plano de Estudo Semanal 3

PES	Livro	Exercícios	Dias
1.Som			
2.Flexibilidade			
3.Registo			
4.Técnica			
5.Articulação			

19

Plano de Estudo Semanal 4

PES	1.Som	2.Flexibilidade	3.Registo	4.Técnica	5.Articulação	TOTAL
Dia 1						
Dia 2						
Dia 3						
Dia 4						
Dia 5						
Dia 6						
Dia 7						
TOTAL						

20

Plano de Estudo Semanal 4

PES	Livro	Exercícios	Dias
1.Som			
2.Flexibilidade			
3.Registo			
4.Técnica			
5.Articulação			

21

Plano de Estudo Semanal 5

PES	1.Som	2.Flexibilidade	3.Registo	4.Técnica	5.Articulação	TOTAL
Dia 1						
Dia 2						
Dia 3						
Dia 4						
Dia 5						
Dia 6						
Dia 7						
TOTAL						

22

Plano de Estudo Semanal 5

PES	Livro	Exercícios	Dias
1.Som			
2.Flexibilidade			
3.Registo			
4.Técnica			
5.Articulação			

23

Plano de Estudo Semanal 6

PES	1.Som	2.Flexibilidade	3.Registo	4.Técnica	5.Articulação	TOTAL
Dia 1						
Dia 2						
Dia 3						
Dia 4						
Dia 5						
Dia 6						
Dia 7						
TOTAL						

24

Plano de Estudo Semanal 6

PES	Lívro	Exercícios	Dias
1.Som			
2.Flexibilidade			
3.Registo			
4.Técnica			
5.Articulação			

25

Plano de Estudo Semanal 7

PES	1.Som	2.Flexibilidade	3.Registo	4.Técnica	5.Anticulação	TOTAL
Dia 1						
Dia 2						
Dia 3						
Dia 4						
Dia 5						
Dia 6						
Dia 7						
TOTAL						

26

Plano de Estudo Semanal 7

PES	Livro	Exercícios	Dias
1.Som			
2.Flexibilidade			
3.Registo			
4.Técnica			
5.Anticulação			

27

Plano de Estudo Semanal 8

PES	1.Som	2.Flexibilidade	3.Registo	4.Técnica	5.Articulação	TOTAL
Dia 1						
Dia 2						
Dia 3						
Dia 4						
Dia 5						
Dia 6						
Dia 7						
TOTAL						

28

Plano de Estudo Semanal 8

PES	Livro	Exercícios	Dias
1.Som			
2.Flexibilidade			
3.Registo			
4.Técnica			
5.Articulação			

29

Lista de Livros

Livro A

Livro B

Livro C

Livro D

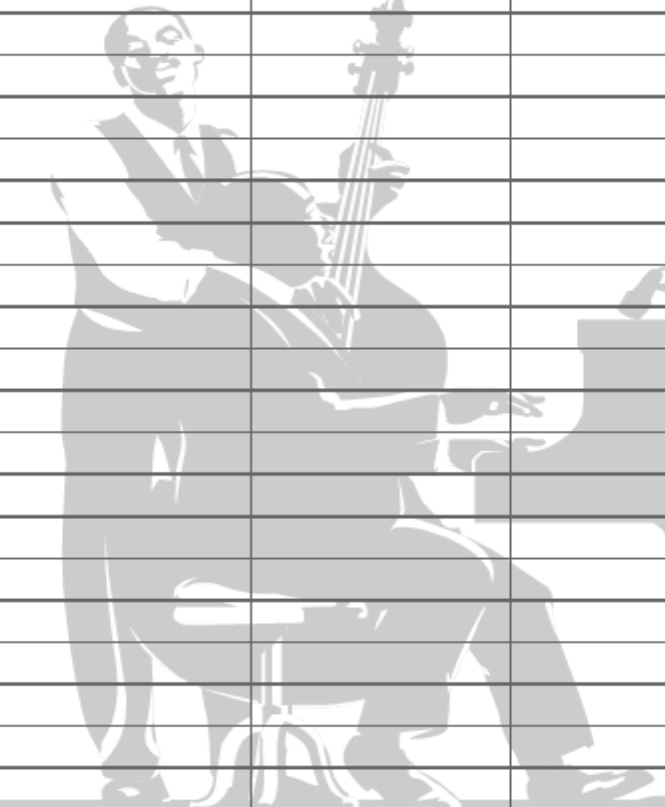
Livro E

Livro F

Livro A: _____

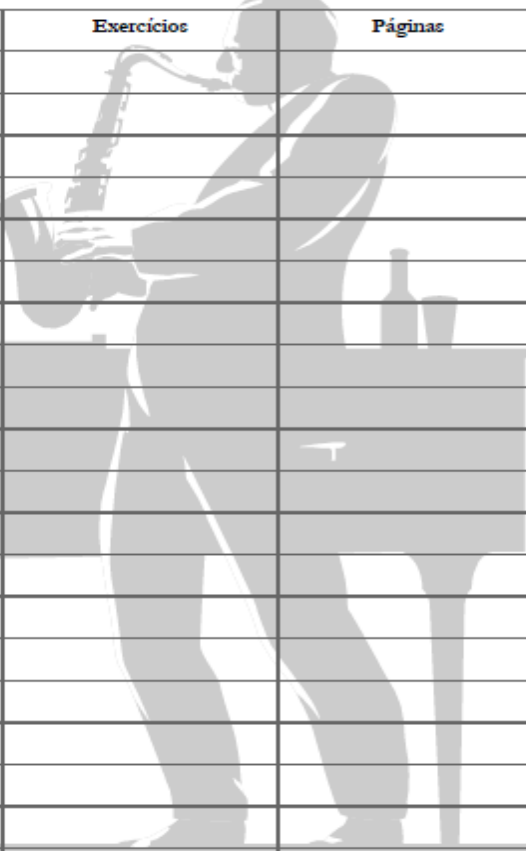
Nº	Exercícios	Páginas	Áreas
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20			
21			

Livro B: _____

Nº	Exercícios	Páginas	Áreas
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20			
21			

32

Livro C: _____

Nº	Exercícios	Páginas	Áreas
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20			
21			

33

Livro D: _____

Nº	Exercícios	Páginas	Áreas
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20			
21			

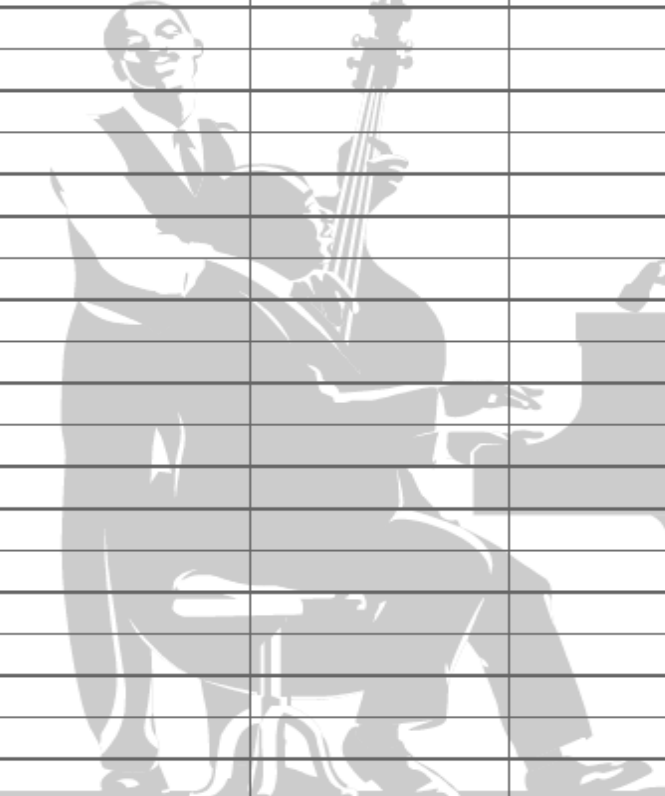
34

Livro E: _____

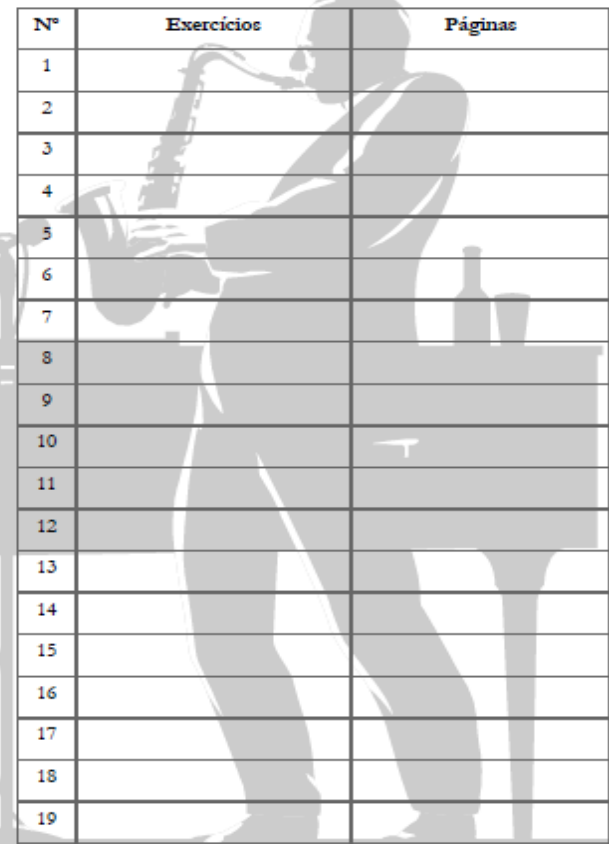
Nº	Exercícios	Páginas	Áreas
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20			
21			

35

Livro F: _____

Nº	Exercícios	Páginas	Áreas
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20			
21			

Livro G: _____

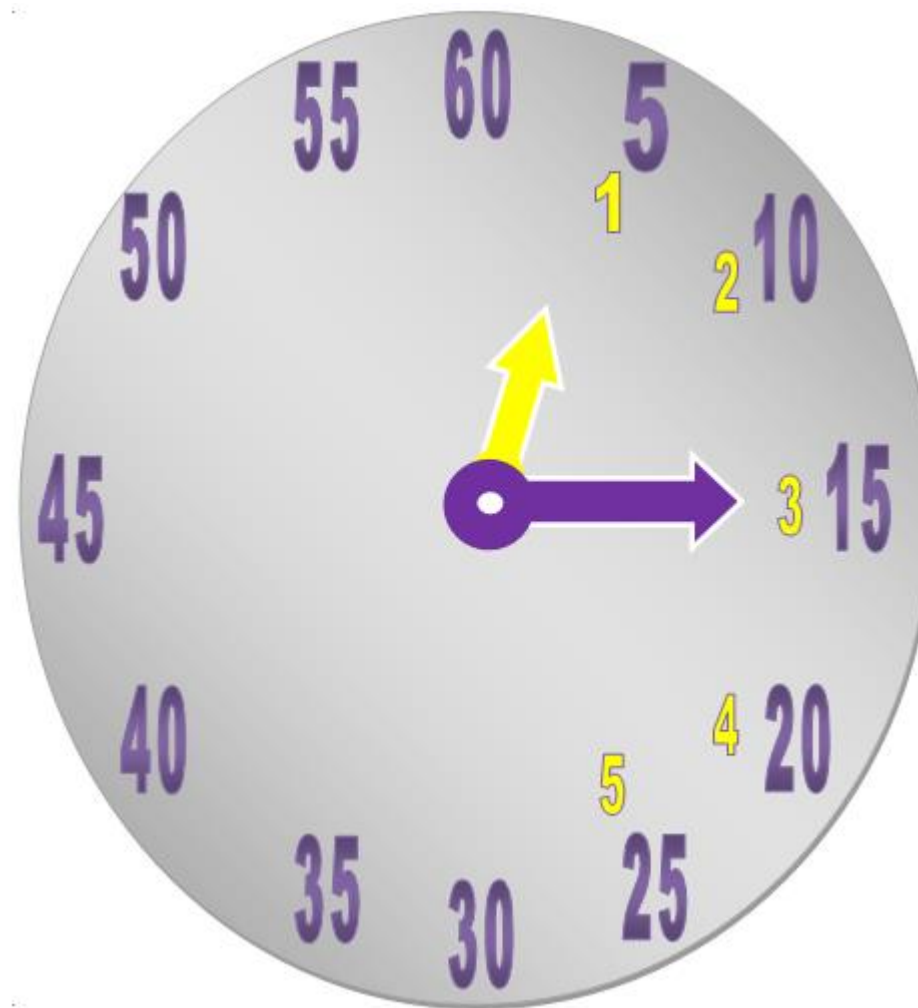
Nº	Exercícios	Páginas	Áreas
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20			
21			

Anexo II – Horário de estudo semanal

HORÁRIO DE ESTUDO SEMANAL

Horas	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
08:00							
08:30							
09:00							
09:30							
10:00							
10:30							
11:00							
11:30							
12:00							
12:30							
13:00							
13:30							
14:00							
14:30							
15:00							
15:30							
16:00							
16:30							
17:00							
17:30							
18:00							
18:30							
19:00							
19:30							
20:00							
20:30							
21:00							
21:30							

RELÓGIO



Anexo IV – Questionário *Online* dos professores

Questionário aos professores de Trompete sobre as Rotinas de Estudo

***1. Prepara os seus alunos para uma rotina de estudo?**

- ☐ SIM
☐ NÃO

***2. Como implementa essa rotina de estudo?**

- ☐ Alertando para a importância da mesma
☐ Apresentando e trabalhando exercícios específicos
☐ Incentivando/motivando nas aulas

Outro (especifique)

***3. Nas aulas, para além do repertório, que áreas abrange? Responda desde a que abrange menos (1) à que abrange mais (5), numa escala de 1 a 5.**

	1	2	3	4	5
Som	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Flexibilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Registo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Técnica (dedos)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Articulação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

***4. Indique, entre os livros apresentados (podendo acrescentar outros), que áreas costuma trabalhar com os alunos.**

	1-Som	2-Flexibilidade	3-Registo	4-Técnica	5-Articulação
Arban: Complete Conservatory Method	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Bai Lin: Lip Flexibilities	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Clarke: Technical Studies	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Collins: Advanced Lip Flexibilities	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Stamp: Warm-Ups and Studies	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Vizzutti: Trumpet Method	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Outro (especifique) [Livro (número das áreas);|PARÁGRAFO| Livro (número das áreas)]

***5. De acordo com os livros que selecionou, indique pelo menos cinco dos exercícios que costuma abordar para cada uma das áreas. Deve dar pelo menos um exemplo para cada uma das áreas. [Livro; Exercício(s)/página(s); Área]. Exemplo [Arban; Primeiros Estudos: 1 ao 10/pág. 11-13; 1].**

***6. Na sua opinião, para cada um dos Graus de Ensino de Trompete, qual é o número de horas diário e semanal, que deve cada aluno estudar?**

	DIÁRIO	SEMANAL
1º GRAU	<input type="text"/>	<input type="text"/>
2º GRAU	<input type="text"/>	<input type="text"/>
3º GRAU	<input type="text"/>	<input type="text"/>
4º GRAU	<input type="text"/>	<input type="text"/>
5º GRAU	<input type="text"/>	<input type="text"/>

***7. Na sua opinião, os alunos cumprem com esses horários?**

	Resposta
1º GRAU	<input type="text"/>
2º GRAU	<input type="text"/>
3º GRAU	<input type="text"/>
4º GRAU	<input type="text"/>
5º GRAU	<input type="text"/>

Quais as maiores dificuldades que os alunos têm para cumprir com o número de horas de estudo?

***8. Na sua opinião, um plano de acompanhamento de estudo, pode aumentar a percentagem de alunos mais motivados e organizados no estudo?**

- ☐ SIM
☐ NÃO

Justifique (ambas as respostas)

Anexo V – Pedido de autorização aos pais e/ou encarregados de educação



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

Pedido de Autorização

Caro Encarregado de Educação,

Venho por este meio solicitar a sua autorização para que o seu educando participe num estudo que estou a desenvolver no âmbito do Mestrado em Ensino de Música da Universidade de Aveiro.

Para que se possam retirar conclusões *à posteriori*, este estudo necessita do preenchimento de questionários e anotação de todos os momentos de estudo. Assim, irei necessitar que os alunos preencham questionários e um plano de estudo semanal, onde serão aplicadas as estratégias que estão a ser desenvolvidas no Mestrado supracitado.

A confidencialidade do material por mim recolhido será garantida, sendo que todos os questionários e planos de estudo semanal serão apenas utilizados para a minha análise, e não serão de forma alguma tornados públicos, aliás como obriga o código de ética de regras da Universidade de Aveiro.

Agradeço antecipadamente a sua disponibilidade, e pedia a vossa colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

André Ribeiro

Eu, _____, Encarregado de Educação do(a) aluno(a) _____ autorizo o meu educando a participar no estudo supracitado.

Data: ____ / ____ / ____

Ass: _____

Anexo VI – Questionário das reações (antes da implementação) - questionário 1 aos alunos



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

Questionário aos Alunos 1

Escolhe um código secreto (ex: Super-Homem), e escreve na linha inferior. Este código deverás preencher em todos os questionários seguintes, de forma a avaliar a tua evolução.

Código Secreto: _____

1 – Gostas de Trompete?

<input type="checkbox"/>	SIM
--------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	NÃO
--------------------------	-----

2 – Sentes motivação para o estudar?

<input type="checkbox"/>	SIM
--------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	NÃO
--------------------------	-----

3 – Estudas em que situações? (podes seleccionar mais do que uma resposta)

<input type="checkbox"/>	Estudo todos os dias.
<input type="checkbox"/>	Estudo quando me lembro.
<input type="checkbox"/>	Estudo porque sou obrigado.
<input type="checkbox"/>	Estudo porque quero evoluir todos os dias.
Outra situação:	

4 – Sentes que podes evoluir na Trompete?

<input type="checkbox"/>	SIM
--------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	NÃO
--------------------------	-----

5 – Procuras estudar todos os dias?

<input type="checkbox"/>	SIM
--------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	NÃO
--------------------------	-----

6 – Indica, quais as atividades que mais fazes no dia-a-dia, desde a que fazes muito pouco (1), até à que fazes sempre (5), numa escala de 1 a 5.

Atividade	1	2	3	4	5
Dormir					
Escola					
Estudar para a Escola					
Estudar a Trompete					
Jogar (Computador, Futebol, etc.)					
Outra Atividade:					

7 – Aceitas o desafio de provares a ti mesmo que podes melhorar na Trompete, estudando regularmente e de forma objetiva?

<input type="checkbox"/>	SIM
--------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	NÃO
--------------------------	-----

Se respondeste Não, justifica a tua resposta:

Obrigado pela colaboração!

Anexo VII – Questionário 2 aos alunos



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

Questionário aos Alunos 2

Código Secreto: _____

1 – Procuraste cumprir com o plano de estudo semanal?

<input type="checkbox"/>	SIM
--------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	NÃO
--------------------------	-----

2 – Conseguiu cumprir com o plano de estudo semanal?

<input type="checkbox"/>	SIM
--------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	NÃO
--------------------------	-----

3 – Se respondeste NÃO, quais as dificuldades que encontrastes?

4 – Continuarás a procurar cumprir com o plano de estudo semanal, de forma a poder comprovar que com um trabalho regular, podes evoluir na Trompete, abordando as áreas essenciais e das quais devemos trabalhar na nossa rotina de estudo?

<input type="checkbox"/>	SIM
--------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	NÃO
--------------------------	-----

Obrigado pela colaboração!

Anexo VIII – Questionário 3 aos alunos



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

Questionário aos Alunos 3

Código Secreto: _____

1 – O plano de estudo semanal tem contribuído para o teu estudo?

<input type="checkbox"/>	SIM
--------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	NÃO
--------------------------	-----

2 – Quais as áreas que sentes que evoluíste mais, numa escala de 1 a 5?

	1	2	3	4	5
Som					
Flexibili- dade					
Registo					
Técnica					
Articulação					

3 – Sentes mais confiança a tocar e percebes melhor os ensinamentos do professor?

<input type="checkbox"/>	SIM
--------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	NÃO
--------------------------	-----

4 – Onde sentiste mais essa evolução?

<input type="checkbox"/>	Escalas.
<input type="checkbox"/>	Estudos.
<input type="checkbox"/>	Peças.

Obrigado pela colaboração!

Anexo IX – Questionário 4 aos alunos



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

Questionário aos Alunos 4

Código Secreto: _____

1 – Estando prestes a fazer uma atividade (audição/prova de avaliação), sentes-te melhor preparado para a realização da mesma?

<input type="checkbox"/>	SIM
--------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	NÃO
--------------------------	-----

2 – Se respondeu SIM, o plano de estudo semanal contribuiu para essa preparação? Se respondeu NÃO à questão anterior, justifique a sua resposta.

<input type="checkbox"/>	SIM
--------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	NÃO
--------------------------	-----

3 – Se respondeu NÃO à questão anterior, justifique a sua resposta.

Obrigado pela colaboração!

Anexo X – Questionário 5 aos alunos



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

Questionário aos Alunos 5

Código Secreto: _____

1 – Após oito semanas de implementação do plano de estudo semanal, avalia a tua evolução geral, numa escala de 1 a 5 (1-Não Satisfaz; 2-Satisfaz pouco; 3-Satisfaz; 4-Satisfaz bem; 5-Satisfaz plenamente).

1	2	3	4	5

2 – Avalia o teu desempenho pelas cinco áreas (1-Não Satisfaz a 5-Satisfaz plenamente).

	1	2	3	4	5
Som					
Flexibilidade					
Registo					
Técnica					
Articulação					

3 – Deve manter-se a implementação de um plano de estudo nos próximos anos letivos? Justifica.

<input type="checkbox"/>	SIM
--------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	NÃO
--------------------------	-----

Obrigado pela colaboração!

Anexo XI – Questionário das reações (depois da implementação) - questionário 6 aos alunos



universidade de aveiro
theoria poesis praxis

Questionário aos Alunos 6

Código Secreto: _____

1 – Gostaste de utilizar a sebenta ao longo das aulas?

<input type="checkbox"/>	SIM
--------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	NÃO
--------------------------	-----

2 – Justifica.

3 – Gostarias de voltar a usar a sebenta no próximo ano letivo?

<input type="checkbox"/>	SIM
--------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	NÃO
--------------------------	-----

Obrigado pela colaboração!

Anexo XII – Exercícios trabalhados nas aulas, para o 1.º Grau

1.º Grau					
Aula	Som	Flexibilidade	Registro	Técnica	Articulação
1	Stamp (2005): Preliminary Warm-Ups (p.5)	Bai Lin (1996): Capítulo I – Exercício 1 (p.6)	Arban (2007): First Studies – Estudos 11 e 12 (p.20)	Clarke (1984): Second Study – Exercício 32 (p.8)	
				Escala de Mi Maior	
2	Stamp (2005): Preliminary Warm-Ups (p.5)	Bai Lin (1996): Capítulo I – Exercício 1 (p.6)	Arban (2007): First Studies – Estudos 13 e 14 (p.20)	Clarke (1984): Second Study – Exercício 32 (p.8)	
				Escala de Mi Maior	
3	Stamp (2005): Preliminary Warm-Ups (p.5); 3 Basic Warm-Up (p.7)	Bai Lin (1996): Capítulo I – Exercícios 1 e 2 (pp.6-7)	Arban (2007): First Studies – Estudos 15 e 16 (p.20)	Clarke (1984): Second Study – Exercício 27 (p.8)	
				Escala de Si Maior	
4	Stamp (2005): Preliminary Warm-Ups (p.5); 3 Basic Warm-Up (p.7)	Bai Lin (1996): Capítulo I – Exercício 2 (p.7)	Arban (2007): First Studies – Estudos 17 e 18 (p.21)	Clarke (1984): Second Study – Exercício 27 (p.8)	
				Escala de Si Maior	

5	Stamp (2005): 3 Basic Warm-Up (p.7)	Bai Lin (1996): Capít- tulo I – Exer- cício 3 (p.7)	Arban (2007): First Studies – Estudos 19 e 20 (p.21)	Clarke (1984): Second Study – Exercício 30 (p.8)
			Escala de Fá# Maior	
6	Stamp (2005): 3 Basic Warm-Up (p.7)	Bai Lin (1996): Capít- tulo I – Exer- cício 3 (p.7)	Arban (2007): First Studies – Estudos 21 e 22 (p.22)	Clarke (1984): Second Study – Exercício 30 (p.8)
			Escala de Fá# Maior	
7	Stamp (2005): 3 Basic Warm-Up (p.7)	Bai Lin (1996): Capít- tulo I – Exer- cício 4 (p.8)	Arban (2007): First Studies – Estudos 23 e 24 (p.22)	Clarke (1984): Second Study – Exercício 34 (p.8)
			Escala de Dó# Maior	
8	Stamp (2005): 3 Basic Warm-Up (p.7)	Bai Lin (1996): Capít- tulo I – Exer- cício 4 (p.8)	Arban (2007): First Studies – Estudos 25 e 26 (p.23)	Clarke (1984): Second Study – Exercício 34 (p.8)
			Escala de Dó# Maior	

Anexo XIII – Exercícios trabalhados nas aulas, para o 2.º Grau

2.º Grau					
Aula	Som	Flexibilidade	Registro	Técnica	Articulação
1	Stamp (2000): 3 Basic Warm-Up (p.7)	Bai Lin (1996): Capí- tulo II – Exercício 5 (pp.9-10)	Arban (2000): First Studies – Estudos 27 e 28 (p.23)	Clarke (1984): Second Study – Exercício 36 (p.8)	
					Escalas de Mi Maior e Dó# menor
2	Stamp (2000): 3 Basic Warm-Up (p.7)	Bai Lin (1996): Capí- tulo II – Exercício 5 (pp.9-10)	Arban (2000): First Studies – Estudos 29 e 30 (p.24)	Clarke (1984): Second Study – Exercício 36 (p.8)	
					Escala de Mi Maior e Dó# menor
3	Stamp (2000): 3 Basic Warm-Up (p.7)	Bai Lin (1996): Capí- tulo II – Exercícios 5 e 6 (pp.9-10)	Arban (2000): First Studies – Estudos 31 e 32 (p.24)	Clarke (1984): Second Study – Exercício 31 (p.8)	
					Escala de Si Maior e Sol# menor
4	Stamp (2000): 3 Basic Warm-Up (p.7)	Bai Lin (1996): Capí- tulo II – Exercício 6 (p.10)	Arban (2000): First Studies – Estudos 33 e 34 (p.24)	Clarke (1984): Second Study – Exercício 31 (p.8)	
					Escala de Si Maior e Sol# menor

5	Stamp (2000): 3 Basic Warm-Up (p.7)	Bai Lin (1996): Capít- tulo II – Exercícios 6 e 7 (p. 10)	Arban (2000): First Studies – Estudos 35 e 36 (p.25)	Clarke (1984): Second Study – Exercício 38 (p.9)
			Escala de Fá# Maior e Ré# menor	
6	Stamp (2000): 3 Basic Warm-Up (p.7)	Bai Lin (1996): Capít- tulo II – Exercício 7 (p.10)	Arban (2000): First Studies – Estudo 36 (p.25)	Clarke (1984): Second Study – Exercício 38 (p.9)
			Escala de Fá# Maior e Ré# menor	
7	Stamp (2000): 3 Basic Warm-Up (p.7)	Bai Lin (1996): Capít- tulo II – Exercício 8 (p.11)	Arban (2000): First Studies – Estudo 37 (p.25)	Clarke (1984): Second Study – Exercício 33 (p.8)
			Escala de Dó# Maior e Lá# menor	
8	Stamp (2000): 3 Basic Warm-Up (p.7)	Bai Lin (1996): Capít- tulo II – Exercício 8 (p.11)	Arban (2000): First Studies – Estudo 37 (p.25)	Clarke (1984): Second Study – Exercício 33 (p.8)
			Escala de Dó# Maior e Lá# menor	